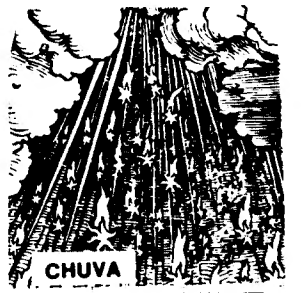


Diário de Lisboa

FUNDADOR JOAQUIM MANSO DIRECTOR A RUELLA RAMOS

QUINTA-FEIRA, 11 DE JANEIRO DE 1973 — N.º 17978 — ANO 52.º — PREÇO 1\$50



Nota do Patriarcado acerca do caso da capela do Rato

O Patriarcado de Lisboa divulgou a seguinte nota:

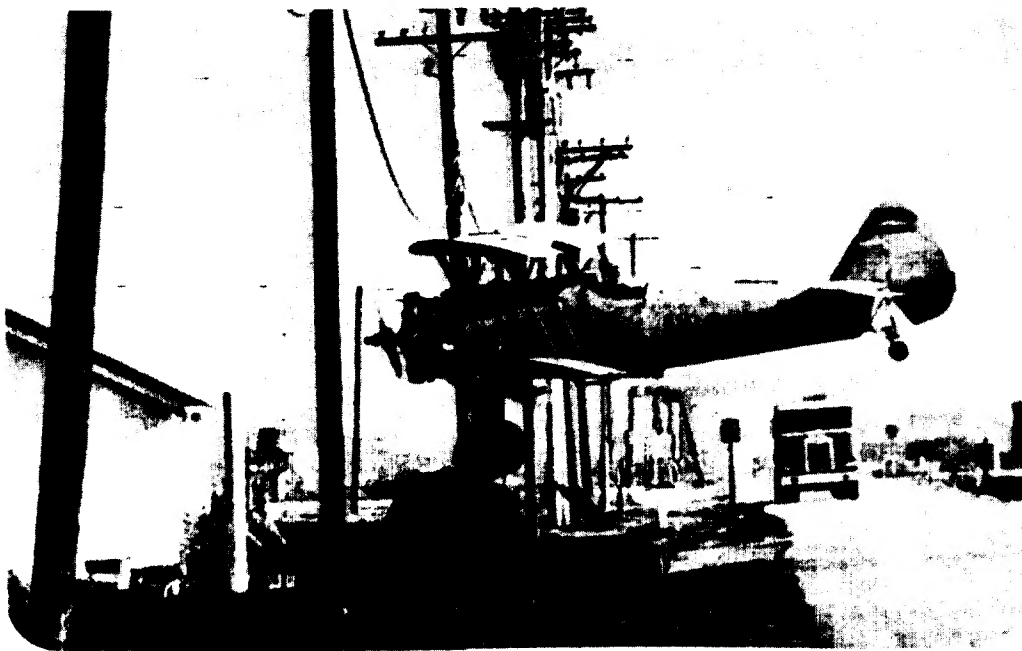
«O incidente ocorrido na capela do Rato, por ocasião do Dia da Paz, ao qual se refere um comunicado do Ministério do Interior divulgado em 6 do corrente, foi acompanhado com preocupação e solicitude pela autoridade diocesana, que torna públicas as seguintes considerações:

1. Os nobres objectivos propostos pelo Papa Paulo VI para o Dia da Paz, que há seis anos se vem celebrando no dia 1 de Janeiro, são obviamente de concretização melindrosa num país em guerra, como a que se processa no Ultramar, com os sacrifícios, restrições e perplexidades que lhe são inerentes. Tal contexto tende a ampliar a repercussão de incidentes como o referido, e favorece a sua indevida exploração, com ofensa à isenção que a Igreja deve e quer manter relativamente às legítimas opções de católicos e não católicos em matéria política, e com prejuízo para o correcto exercício dos direitos cívicos.

2. Estas circunstâncias não impedem, porém, a Autoridade diocesana de reprovar certos procedimentos abusivos, como os que se verificaram no mencionado incidente, quer por parte do grupo que permaneceu na capela de modo e para fins que a mesma Autoridade não pode consentir, quer por parte das forças policiais, ao intervirem no lugar sagrado nos termos em que o fizeram.

3. Importa referir que o cuidado em afastar de contextos de Igreja discussões como a que se realizou na capela do Rato, inspira-se, mais do que no desejo de evitar situações melindrosas, em razões de princípio. Tal cuidado não deve, porém, interpretar-se, como desencorajamento da procura, por parte dos católicos e dos homens de boa vontade, das soluções concretas que levam à paz, baseada na verdade, na justiça, na caridade e na liberdade, que o mesmo é dizer, num esforço de objectividade e lucidez, de respeito pelas pessoas e seus direitos, de diálogo e colaboração, de empenhamento e responsabilidade, como repetidamente tem sido inculcado pelo Magistério da Igreja.

Lisboa, 10 de Janeiro de 1973.



Prioridade à esquerda

Quando se conduz através dos campos de alfaca da Califórnia é preciso ter cuidado porque os aviões têm prioridade, quer venham da esquerda quer da direita. Isto passa-se com frequência quando é Len Cruz quem pilota o avião pulverizador. A teleobjectiva do fotógrafo, aproximando os objectos, cria a impressão que Cruz vai de encontro a um poste, mas tal não sucede, e ele lá anda a assustar os camionistas. (Telefoto UPI-Telimprensa-DL)

PARA DEBATER O FUTURO DA EUROPA

POMPIDOU NA URSS

O presidente Georges Pompidou encontrou-se à ainda hoje, pouco depois da sua chegada a Minsk, com o chefe do

Partido Comunista soviético, Leonid Brejnev, com quem iniciará conversações que devem versar o futuro económico,

político e militar da Europa. O local escolhido para as conversações é uma «datcha» (casa de campo), moderna, situada

entre uma floresta de abetos e um lago na planície da região de Minsk, capital da Rússia Branca, a mais ocidental das repúblicas soviéticas. Espera-se que Brejnev sonda Pompidou acerca das perspectivas da França coordenar a sua atitude com outros países europeus sobre as propostas reduções de tropas ocidentais e orientais no continente. As relações comerciais entre a URSS e os outros países da Europa Oriental e o Mercado Comum alargado poderão também ser objecto das conversações, que se prolongam por dois dias. A visita sem carácter formal, do presidente francês é acolhida com muita atenção pela Imprensa oficial. «Não pode haver qualquer dúvida de que a nova cimeira fará uma contribuição positiva para o desenvolvimento da amizade e cooperação franco-soviética», escreve o «Izvestia». (UPI-ANI, FP, R e DL).

Foguetões em Phnom Penh contra a Assembleia Nacional

Três foguetões caíram junto da Assembleia Nacional do Camboja, em Phnom Penh, quando os deputados se encontravam reunidos em sessão. Os foguetões, que não parecem ter ferido quaisquer pessoas, rebentaram com a porta principal do edifício, espalhando pedaços de vidro por diversos quarteirões e incendiando diversos automóveis que se encontravam ali estacionados. Segundo a polícia, os foguetões foram disparados de uma distância de cem metros. Meia hora depois, um engenho de plástico explodiu em

frente do edifício da Assembleia. Os deputados discutiam a prorrogação, por mais seis meses, da lei marcial. O último inci-

dente deste género verificara-se em 2 de Dezembro, quando foi atingido o gabinete do primeiro-ministro. (R e DL).



Le Duc Tho abandona o local das conversações de paz para o Vietname com Henry Kissinger, depois de mais uma sessão. A julgar pelo semblante carregado do negociador de Hanói, os frutos das conversas não são os melhores. Os dois homens voltarão a encontrar-se hoje na zona de Paris. (Telefoto UPI-Telimprensa-DL)

LEIA HOJE

«INTRODUÇÃO À LITERATURA BRASILEIRA»

No «Suplemento Literário» de hoje publicamos a primeira parte da «Introdução à Literatura Brasileira» de Adolfo Casais Monteiro, trabalho inédito pelo menos em Portugal e que constituiria a abertura de uma obra não concluída. E ainda colaboração de Maria Isabel Barreno, Alexandre Cabral, Pedro Tâmen, Lauro António, Alcides de Campos, Franco de Sousa, Eduardo Prado Coelho, Mário Vieira de Carvalho, José Luis Porfírio e José Augusto França.

LEIA AMANHÃ

«A DEFESA DO CONSUMIDOR»

No suplemento «Mesa Redonda» publicamos dois estudos sobre várias linhas de política de defesa do consumidor, em Portugal e no Mundo. Outros temas: «Os jornalistas e a ética profissional», «A independência portuguesa e o Direito das Gentes», «A aprendizagem da psicologia em Portugal», «Convenção Europeia dos Direitos do Homem» e uma entrevista com o dr. Henrique Moutinho sobre «Oftalmologia social».

A «gripe inglesa» ameaça os EUA

A «gripe inglesa» matou numa semana 57 pessoas no Norte da Califórnia e ameaça alastrar a todo o território dos Estados Unidos, segundo um

informador dos serviços de saúde de San Francisco. O vírus desta gripe — o A-EN-Gland-42-2 — apareceu pela primeira vez nos EUA em Setembro do ano passado, nas ilhas Hawaii. Anteriormente, fora notada a sua presença um pouco por toda a parte, mas não tinha ainda tocado o continente americano. (R. e DL).

HOJE : 32 PÁGINAS

O Duque de Edimburgo visita Portugal

Segundo uma nota oficial do Ministério dos Negócios Estrangeiros, distribuída esta manhã, o príncipe Filipe, duque de Edimburgo, marido da rainha Isabel II de Inglaterra, visitará o nosso País por ocasião das comemorações do sexto centenário da Aliança Luso-Britânica. As referidas comemorações, cujo programa ainda não foi revelado, decorrerão de 5 a 8 de Junho.

DL/NACIONAL

RECEPÇÃO DO MINISTRO RUI PATRÍCIO AOS JORNALISTAS

Jornalistas portugueses e estrangeiros, incluindo directores de alguns diários, estiveram ontem no Palácio das Necessidades a convite do ministro dos Negócios Estrangeiros, dr. Rui Patrício, participando numa recepção de começo de ano entre aquele membro do Governo e os que trabalham na Informação.

Estiveram igualmente presentes o secretário de Estado da Informação e Turismo, dr. César Moreira Baptista, e director-geral da Informação, dr. Feytor Pinto, além de outras individualidades ligadas ao Ministério e outros organismos oficiais.

Avárias na rede eléctrica de Lisboa

A rede eléctrica de Lisboa voltou ontem a ter nova avaria, depois de, há pouco tempo, o bairro de Benfica ter estado algum tempo sem energia eléctrica, durante dois dias consecutivos. Efectivamente, faltou a luz, entre as 17 e 25 e as 18 e 30 em Campo de Ourique, e das 20 e 30 às 21 horas em Alfragide, na Rua D. Luis I. A primeira avaria foi devida a uma avaria num cabo de alta tensão, e a outra, por ter rebentado um fusível no posto de transform-

ação que serve aquela zona. Nos centros urbanos dos arredores, anomalias do género têm sido frequentes nos últimos tempos.

Ensino liceal nocturno

Tendo chegado ao nosso conhecimento o facto de que muitos professores liceais contratados para o ensino nocturno ainda não teriam recebido qual-

SEOUL, 11 — (R.) — Um português e dois alemães ocidentais condenados por um tribunal sul-coreano por contrabando, foram libertados devido a uma amnistia assinalando a investidura no novo mandato do presidente Park Chung-Hee, segundo revelaram hoje fontes judiciais.

Vitor Ventura, de 31 anos, um joalheiro de

Lisboa, foi preso nesta capital em Agosto de 1971 por passar de contrabando esmeraldas e diamantes e condenado a cinco anos de cadeia e a uma multa de 45.000.000 de won (cerca de 2.925 contos).

Os dois alemães ocidentais, Walter Huer-Bach, de 40 anos, e

Willhelm Ludwig, de 29, foram condenados por passar de contrabando 55 quilos barras de ouro em Maio de 1970.

Os três estrangeiros encontravam-se entre 1.203 presos soltos em 27 de Dezembro quando o presidente Park prestou juramento para o seu mandato de seis anos.

Fundo de Turismo

Foram nomeados, provisoriamente, chefe dos serviços administrativos do quadro, aprovado por lei, do Fundo de Turismo e chefes de secção, respectivamente, os srs. Alexandre Coelho do Carmo e Manuel Carlos Nunes e Francisco Maria de Oliveira Duarte.

Reabertura da Assembleia Nacional,

O segundo período da quarta sessão legislativa da Assembleia Nacional inicia-se no próximo dia 15, à hora regimental.

A ordem do dia é constituída pelo início da discussão na generalidade das alterações do Regulamento daquele órgão deliberativo.

CÂMARA CORPORATIVA

No decorrer da reunião da secção Interesses de Ordem Administrativa (subsecção de Política e Administração Geral), da Câmara Corporativa, foi escolhido o procurador Manuel Andrade e Sousa para relator do parecer a emitir acerca do projecto de lei sobre a publicidade do tabaco.

Prof. W. F. Shaw

Está em Lisboa, como participante dum Simpósio Internacional de Estomatologia, que decorre no Hospital de D. Estefânia, o prof. W.F. Shaw, da Universidade de Montreal.

O ilustre congressista proferiu ontem uma importante comunicação sob o título «Clinical Trials Of Tantum Tablets And Oral Rinse».

COZINHA VELHA

QUELUZ — TELEFONE 95 02 32

Informamos os nossos E. Clientes que, amanhã, sexta-feira, dia 12, faremos o nosso serviço habitual de Almoços, Chás e Jantares na SALA DE BANQUETES em virtude da Sala COZINHA VELHA se encontrar reservada para um LANCHE DE CASAMENTO.

A DIRECÇÃO

ARTISTA

AUTOR DE LIVROS PARA CRIANÇAS DE PROVADO INTERESSE, PROCURA SOCIO COM ALGUM CAPITAL PARA MONTAR PEQUENA EDITORA. RESPOSTA A ESTE JORNAL AO N.º 688.

Plenário Criminal

Prosseguiu durante o dia de hoje, no Plenário Criminal de Lisboa, o julgamento de seis detidos que o Ministério Público acusa de actividades subversivas em ligação com a LUAR (Liga de União e Acção Revolucionária).

Previa-se que começassem a ser ouvidos os declarantes e as testemunhas de acusação e de defesa, estas em número de sessenta e três. O início da sessão foi preenchido com a continuação do interrogatório dos réus.

Preside ao tribunal o desembargador dr. Morgado Florindo. O dr. Costa Saraiva representa o Ministério Público. O julgamento prossegue na próxima terça-feira.

MOCIDADE PORTUGUESA FEMININA

Foi nomeada a dr.ª D. Maria de Lourdes Marques da Cruz Freire comissária provincial da Mocidade Portuguesa Feminina de São Tomé e Príncipe.



Ida Cândida Casaleiro

Mac-Bride Torres da Cruz, seus filhos Olga Cruz Pontífice de Sousa, Júlio H. C. Torres da Cruz, Ernesto H. C. Torres da Cruz, Carlos Alberto C. Torres da Cruz, Maria Leonor Cruz e Silva, suas noras Marlene Wanderland Torres da Cruz, Maria Teresa V. L. Torres da Cruz, Maria Manuel C. F. Torres da Cruz, seus genros, Paulo Pontífice de Sousa e Pedro Manuel F. Cruz e Silva, seus netos e mais família. Cumprem o doloroso dever de participar que foi DEUS Servido chamar à sua Divina Presença a sua querida mãe, sogra, avó e parente e que o seu funeral se realiza hoje dia 11, pelas 16 horas saindo da Igreja da Misericórdia da Covilhã para o cemitério local.

AGÊNCIA PARAÍSO



FILMES CASTELLO LOPES
apresenta um filme MGM



ROBERT MITCHUM
provoca...

A CÓLERA DE DEUS
"The Wrath of God"

UM FILME FORA DE SÉRIE
FRANK LANGELLA RITA HAYWORTH

Realização de RALPH NELSON
PANAVISION® METROCOLOR

HOJE às 21.45
A ESTREIA DO ANO!



GRUPO D - 18 anos

SÃO JORGE

PROGRAMAÇÃO RANK

4.ª SEMANA!
grupo D 18 anos

BRONSON!
"O MECÂNICO"

UM ÊXITO!

* 'MECÂNICO': DESIGNAÇÃO DADA NOS E.U.A. AOS PROFISSIONAIS DA 'ALTA RODA' DO CRIME



United Artists

RANK FILMS

DL/OPINIAO

ESTE GRANDE MAXIAL

Quando não é simples necessidade ou modo preguiçoso de encher espaço ou ainda provocação polémica, há na prática dos jornais de transcreverem notícias doutros jornais alguma coisa de comovente solidariedade, de camaradagem cooperante, assim como quem recebe o testemunho numa corrida de estafetas, para o levar um pouco mais longe, aonde é necessário que chegue... Esforça-se cada um quanto pode, porque há um dever a cumprir, mesmo sem prémio nem retribuição.

Neste espírito para que se alarguem até onde for possível os ecos de uma voz, é que vimos hoje transcrever uma carta dirigida por um habitante do Maxial ao «Jornal do Fundão» e neste publicada recentemente. Diz a carta, na linguagem simples mas extremamente incisiva e directa que podemos apreciar: «No Maxial também há seres humanos. É mais uma pessoa que morre e se junta à contagem. Que contagem? Desta vez foi a sr.^a Conceição Pereira que se juntou a muitas outras que morreram por tardia assistência médica. Por que razão? E boa! Então não sabem que não temos estrada? Começamos agora a reparação do caminho que nos liga a Bogas. E o pontão sobre o ribeiro do Azinhal? Pois, os carros não podem atravessar a água que é muita. Como vamos fazer o pontão? Vamos fazê-lo de madeira ou de cimento? Para fazê-lo de madeira ficamos sem nada e é necessária uma licença. Para o fazer em cimento, é necessária uma planta. Quem a paga? Se a Câmara quiser, pode ajudar-nos, em contacto com a Hidráulica do Tejo. Temos vinte e poucos contos que o povo deu. Se a Câmara nos der uma ajuda, faremos o pontão mesmo de madeira e reparamos o caminho, de maneira que fique transitável, pelo menos em casos de emergência. Da estrada cujo projecto foi pago pelo povo, já há anos, nem sequer falamos. A luz é de petróleo. As calçadas não existem, assim como outros melhoramentos, etc. Foi sugerido numa sessão da Câmara que se deve dar prioridade às freguesias mais vizinhas do Fundão. Mas nós por aqui, não teremos necessidades? Deus nos ajude».

A transcrição foi anormalmente longa para os hábitos desta secção, mas haveremos todos de convir que valeu a pena. Não tanto pela enumeração das carências e dificuldades que atormentam o povo do Maxial (não diferem elas muito das que afligem centenas de aldeias por esse País fora), mas pela conclusão que as resume todas, as torna subitamente intoleráveis e justifica todas as impaciências: «também somos seres humanos». Esta é a razão última, a única que afinal deve invocar-se como alicerce das reivindicações, quaisquer que sejam. Por intermédio de um dos seus, o povo do Maxial, sem estrada nem luz eléctrica, sem pontes nem pontões, limita-se a lembrar às entidades responsáveis, com alguma ironia, que também pertence à humanidade...

A citação talvez fizesse aqui melhor figura em latim, mas o latim é uma língua cada vez mais morta, e hoje já não convirá tomar muito a sério quem se adorne de facilidades de almanaque: por isso diremos em vernáculo que bem fará o leitor se preocupar com coisas mínimas, ao contrário do que aconselha a sabedoria romana... Das coisas mínimas é que se faz a vida de todos os dias, são elas que tornam suportável ou pelo contrário asfixiante a simples obrigação de viver. Por estarmos certos disso, e também por sabermos, de experiência directa ou de informação garantida, quanto é penosa a existência de centenas de milhares de pessoas por esse País fora, não poucas vezes temos reflectido neste mesmo lugar sobre as condições de sub-humanidade, medievais ou mais distantes ainda no tempo, em que condenadamente vivem. E não o fazemos por provocação polémica nem por modo preguiçoso de encher espaço: somente porque neste grande Maxial todos somos seres humanos...

Vigilância norte- vietnamita

O «Nhan Dan», órgão do Partido dos Trabalhadores norte-vietnamitas, como única referência ao reinício das conversações Le Duc Tho - Kissinger, publicou as declarações feitas pelo negociador de Hanói ao chegar a Paris. Em contrapartida, dedicou numerosos artigos à necessidade de manter a vigilância perante a possibilidade de novos bombardeamentos. O jornal insistiu em especial nos problemas postos pela população sem abrigo e com todos os haveres destruídos pelos raídes do fim do mês passado. O «Nhan Dan» não pede directamente a ajuda estrangeira, mas o apelo que dirige a solidariedade entre vietnamitas será uma maneira de chamar também a atenção da opinião mundial para o grande encargo que tem de enfrentar um país com a economia gravemente afectada pelos raídes americanos e pela guerra em geral.

Não há informação oficial quanto ao número de sinistrados na cidade de Hanói, mas as estatísticas já fornecidas aos jornalistas pelas autoridades de Haiphong (mais de 5.000 casas e edifícios destruídos) podem dar uma ideia dos estragos em Hanói, se considerarmos que os raídes em Haiphong foram menos violentos.

A cada família sinistrada, o Governo decidiu distribuir rações de arroz para mês e meio e so m as que vão de 110 a 245 dongues para os artigos de primeira necessidade (cobertores, roupas de cama, louças, e materiais de construção). O Dongue vale, mais ou menos, 7 escudos e 80 centavos.

Cada sinistrado receberá vestuário no valor de 20 dongues, dois dongues para a festa do Tet (princípio de Fevereiro) e pensões especiais de seis a doze dongues para os que ficaram sem o amparo da família. Pede-se aos casais sem filhos que adotem crianças orfãs.

Sem dificuldades...

«Está praticamente concluída a «vietnamização» da guerra» — declarou no seu relatório final apresentado ao Congresso, o secretário norte-americano da Defesa, Melvin Laird.

Laird que abandona o Governo daqui a doze dias não se referiu aos bombardeamentos norte-americanos no Vietname.

Mas reconheceu que tem havido problemas disciplinares, tais como as recentes desordens em três navios da Marinha. Acrescentou, porém, que a única maneira de evitar problemas e deficiências é «estar num cemitério».

O «Diário de Lisboa» na Imprensa

A crítica do nosso colaborador Carlos Porto á peça «As Aventuras de Batatinha e Casaca» foi parcialmente transcrita pela revista «Rádio e Televisão». Têm igualmente feito transcrições ou referências ao nosso jornal os nossos colegas «Correio dos Açores», de Ponta Delgada; «Diário do Ribatejo», de Santarém; «Diário do Sutil», de Évora; «Notícias da Amadora» e «Notícias do Cavaleiro».

QUADRATIM

ISABEL DA NÓBREGA

FICHAS

HOMENS, RUA TRABALHO... Pela altura da emissão das novas moedas de 50\$00, a Imprensa noticiou a corrida ao Banco de Portugal: longas, largas bichas de gente cobrindo vários quarteirões vlamos nós nas fotografias tiradas de diferentes ângulos e apresentadas em diferentes jornais.

Um pormenor me impressionou em todas essas imagens, e usei até da lupa para me certificar.

As pacíficas filas, tão densas que parecia não poder entre moeda caber de perfil entre duas pessoas, eram compostas exclusivamente... de homens. Algumas velhas, raros adolescentes, meia dúzia de crianças seguras pela mão de adultos. O grosso dessa inofensiva cauda de dragão guloso e frívolo era feito de homens novos, válidos, engravatados uns, outros não.

E pergunto: como pode tanto homem aqui na cidade dispor de si nas horas úteis da manhã? Não trabalham? E já agora acrescento: que farão aqueles tantos homens e rapazes que vejo à porta das pastelarias (por isso elas se multipliam! todas as semanas abre uma), à porta ou lá dentro, sejam as onze horas da manhã ou as três da tarde? Não há repartições que fechem a essa hora, nem escritórios, nem fábricas...

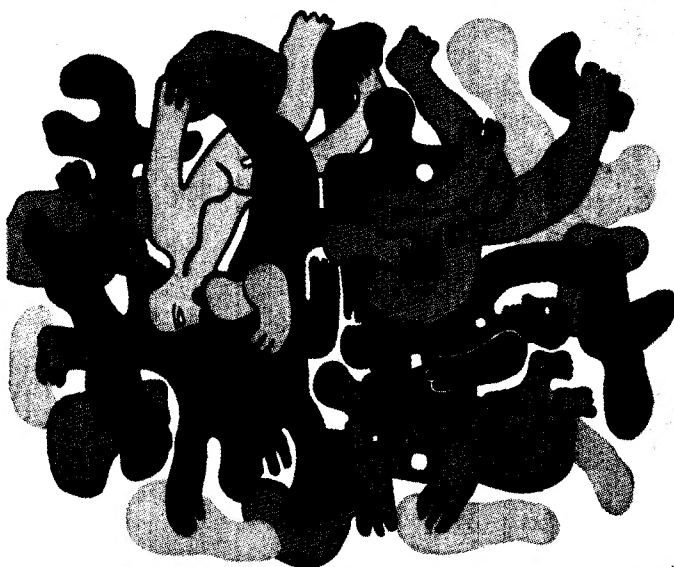
E estudantes também não são — porque não estudam. Os estudantes reconhecem-se bem. As mais das vezes, com um divã na casa de jantar dos pais por quarto seu, ou no quarto da pensão que logo encarece o preço se for pedida uma luz forte, refugiam-se então nos fundos das pastelarias dos bairros; aí espalham livros e cadernos, encontram os colegas, aí discutem e estudam, indolentemente tratados pelos empregados que lhes trazem as bicas ou os cafés duplos. As lâmpadas de néon, nos tetos altos, não são boas para a vista, mas em compensação há o crepitar de um círculo de gente com problemas e linguagem comum.

Repito: e os outros? Fazem-me espécie. A alguns fixei eu o rosto e a qualquer hora do dia os encontro flinando pelas mesmas áreas, como que

sem destino, ou fumando diante de uma chavena há muito vazia, quando me acontece entrar de fugida para um outro café-tónico ao balcão, a meio da tarde.

Tanto se caricaturou as damas que saíam (saem) de casa expressamente para tomar chá e, horas a fio assapadas, atiravam (atiram) o bojo por sobre o tempo das mesas carregadas de chantilis e merengues, tanto se trôçou, e muito bem, que peço a mesma análise e denúncia (peço um inquérito) a esta nova maneira masculina de viver. Que fazem estes ho-

da pela severa braçadeira vermelha. Desse trepidante conjunto h o men-máquina emana uma aura de «lei», «poder», «autoridade». À frente dele, segue, esforçando-se, uma camioneta que lança pelo fumo num fragor, jactos de gumo negro-negro sem mistura. O polícia, se quisesse, poderia tê-la já ultrapassado (penso eu), mas decidiu multar e deve esperar que chegue lá acima para interpellar o motorista e pelo menos ameaçá-lo. Pois não senhor. Chegados ao cruzamento, a camioneta voltou tranquilamente à esquerda, pa-



PERMANENTE FIDELIDADE: As Pastelarias Nóbrega, 222, 224 e 226, Lisboa.

mens? Que trabalho produzem? De que vivem? Como justificam, diante das famílias que porventura tenham constituído, diante do País, de si próprios, a sua existência?

POLUIÇÃO Subo de carro a Rua de Domingos Sequeira (à Estrela, Lisboa). A minha frente, uma enorme motocicleta ronca, daquelas que parecem ter complicado novelos de tripas à vista. Monta-a um velho também enorme, com a farda de Polícia de Trânsito sublinha

ra a Saraiva de Carvalho, e o polícia seguiu na montada pela Ferreira Borges fora.

Admirei-me, e lastimei que o zelo que põem em multar os carros estacionados, por exemplo, nas (chamadas) praças de táxi (!) não fosse aplicado em medidas, mesmo que modestas, para a diminuição da poluição na atmosfera da cidade.

Porque eu não sonhei. Tenho a certeza de ter lido há muitos anos os jornais que seriam multados os carros que, por

Continua na pág. 4

EXCLUSIVO «THE GUARDIAN»-«DL»

Um livro sobre Hastings Banda

LONDRES — O «Foreign Office» e o Governo do Malawi não farão quaisquer comentários à decisão de uma editora britânica de suspender a venda de um livro de 357 páginas sobre a vida do presidente do Malawi, o dr. Hastings Kamuzu Banda. A edição inicial de 3 000 exemplares, que devia ser posta à venda dentro de algumas semanas ao preço de 8 dólares, vai ser reduzida a polpa, a fim de que nenhum exemplar vá parar a mãos indevidas.

Quase todas as pessoas que se encontram mais a par do assunto mostram relutância em entrar em pormenores, mas parece que Banda, na sua qualidade de cidadão particular, fez saber ao grupo Longman-Penguin que lhe não agradava o conteúdo do livro. O autor, Philip Short, é um correspondente britânico que tem trabalhado em várias partes de África e exerce actualmente as suas funções em Kampala, a

capital do Uganda.

Um advogado do Malawi empreendeu a viagem de 5 000 milhas até Londres para consultas com os editores na presença do Alto Comissário do Malawi e de um antigo governador colonial, um nobre britânico que desempenha agora as funções de consultor junto do Governo do Malawi.

O resultado deste encontro de alto nível foi a decisão de destruir todos os exemplares do livro. Facto curioso, parece que o método de persuasão utilizado pelo Dr. Banda não foi aquele que seria de esperar, isto é, a ameaça de levar o caso a tribunal. Esta hipótese jamais foi ventilada. Em vez disso, o Presidente vitalício do Malawi adoptou uma técnica mais subtil e pessoal. Os seus delegados chamaram a atenção para o facto de o representante-chefe de Longmans residente no país ser um cidadão malawi, Malinkí, o mesmo acontecendo com os

seus três assistentes, que trabalham no escritório de Bantyre. Embora nunca tivessem visto o livro, lido o manuscrito ou estivessem de qualquer modo implicados no assunto, Malinkí e os seus colegas seriam detidos caso o livro fosse posto à venda, na Grã-Bretanha ou em qualquer outra parte do mundo. A técnica é evidentemente velha, remontando pelo menos às cruzadas e sendo conhecida pelo sistema do refém. E resultou.

Em Kampala, o biógrafo de Banda, Short, declarou não duvidar de que a decisão tomada fora a melhor: «Se Longmans-Penguin estão convencidos de que o Sr. Malinkí e os seus amigos se encontram em perigo, têm razão em retirar o livro. A segurança e felicidade de um homem estão em jogo. Todavia, espero que não seja demasiadamente difícil descobrir outro editor que não tenha representantes residentes no Malawi.»

DIÁRIO

EPÍLOGO DO "CASO DA ERMIDA"

ÍLHAVO, 11 — O Tribunal da comarca de Aveiro condenou em dois anos e dois meses de prisão maior o operário cerâmico José Cândido Domingues Magano, acusado de crime grave, na pessoa da menor Armin da Maria Correia Rodrigues, de 11 anos. O caso, como na altura noticiámos, passou-se a 2 de Outubro de 1972, no lugar da Ermida. O réu, aproveitando-se da ausência da mãe da vítima, Júlia Correia, com quem vivia maritalmente, teria levado a cabo os seus intentos na noite daquela data. A menor morreu dois dias depois, sem nunca mais ter chegado a dar acordo de si.

A autópsia ao cadáver não

O azar de um homem

Fugido da Colónia Penal de Sintra, onde ainda lhe faltavam cumprir oito meses de prisão, Prates Cavaco, rato de automóveis já muito conhecido nos meios policiais, foi encontrado ontem à noite pelo polícia de giro, na Rua João Couto, em Benfca, a tentar introduzir-se num «Mercedes» ali estacionado.

No Governo Civil, onde ficou detido até ser entregue à Judiciária, Prates Cavaco teria afirmado: **Azar é o que foi! E quando o azar bate à porta não há nada a fazer. Mas fazer pela liberdade e pela sobrevivência são duas benesses a que todo o homem tem direito.**

TEATRO MARIA MATOS

DIARIAMENTE, ÀS 21,45 HORAS

Ruth Escobar

apresenta

Missa Leiga de CHICO DE ASSIS

Prémio da crítica brasileira para melhor encenação e melhor música

Desconto 50% a estudantes e jovens menores de 18 anos devido a subsídio da Fundação Calouste Gulbenkian

Reservas pelo telefone 71 70 17 M/ 14 anos

revelou quaisquer indícios de violação, mas provou-se o atentado ao pudor, tendo a pena sido agravada por ofensas dirigidas pelo réu ao comandante do posto da G.N.R. de Ílhavo.

O réu, que recolheu de novo à cadeia, para cumprimento da pena, foi condenado ainda ao pagamento de seis contos de indemnização à família da vítima e 500\$00 escudos ao comandante do posto da G.N.R. de Ílhavo.

NA FRONTEIRA RODESIANA

BEIRA, 11 (FP) — As tropas portuguesas mataram quatro guerrilheiros e apreenderam muitas armas durante um ataque a instalações da FRELIMO perto da fronteira entre a Rodésia e Moçambique, revelam fontes seguras aqui na Beira.

"Morna" aquece a camarata fria

Como se a luta pela sobrevivência quotidiana não fosse já fardo bastante, o caboverdiano Manuel, hóspede com vários ilhéus de uma camarata da Rua Carlos Mardel, vira desaparecer há alguns dias o gravador que nas horas de ócio trazia até ele, nas «mornas e nos «merengues», a nostalgia da sua terra tropical.

Na tarde de ontem, porém, o industrial da construção civil para quem os caboverdianos alojados naquela camarata trabalhavam, surpreendeu ali um indivíduo desconhecido que se preparava para roubar um relógio despertador. Já no Governo Civil, o detido, que disse ser natural de Valongo, acabou por confessar vários furtos — entre os quais o do gravador.

LOTARIA DE HOJE

NUMEROS PREMIADOS

37.752 — 9.600.000\$00
26.942 — 900.000\$00
23.022 — 300.000\$00

APROXIMAÇÕES AO 1.º PREMIO

37.751 — 22.740\$00
37.753 — 22.740\$00

PREMIOS DE 30 CONTOS

6.971; 8.079; 8.200; 9.387; 10.919; 12.506; 14.475; 25.536; 29.700; 34.260; 39.163; 39.248; 42.517; 43.199; 45.411; 46.269; 49.357;

PREMIOS DE 960\$00 (CENTENAS)

23.001 a 23.100; 26.901 a 27.000 e 37.701 a 37.800

PREMIOS AOS ALGARISMOS FINAIS

Todos os números cujos três algarismos finais sejam 601, são premiados com 2.160\$00, em cada bilhete; os terminados em 542 ou 582, são premiados com 1.800\$00 e os terminados em 031, 058, 314, 557, 617, 913 ou 974, são premiados com 1.200\$00. Por sua vez, os números cujos dois algarismos finais sejam 01 ou 78, têm direito a 960\$00. Os restantes números cujo algarismo final — terminação — seja 2, são por sua vez contemplados com 600\$00, também em cada bilhete.

Esta informação não dispensa a consulta da lista oficial

Os 9.600 contos foram distribuídos aos balcões da Casa da Sorte

A situação escolar no concelho de Loures

O problema do equipamento escolar do concelho de Loures foi o tema da comunicação verbal que o presidente daquele Município fez na segunda reunião deste ano, da edilidade local, e na qual focou a necessidade da conjugação de esforços para um ensino melhor no país. Fez também alusão a várias obras em curso e à realização de concursos no fim do corrente mês, para a construção de vários edifícios escolares e pavilhões desmontáveis, considerados mais urgentes, tendo a certa altura afirmado: «O realismo da situação não passou despercebido por todos os que se encontram nos respectivos sectores, empenhados em prosseguir, com o dinamismo próprio da nossa

época e de acordo com a palavra de ordem de S. Ex.ª o sr. presidente do Conselho».

Na ordem do dia foram tratados problemas de rotina, dos Serviços Técnicos de Obras.

Morte de uma médica

Faleceu esta manhã no Hospital de S. José, para onde dera entrada ontem, em virtude de colisão do automóvel que conduzia com um táxi, a dr.ª Cândida da Luz Santos Batista, médica pediatra, no Hospital D. Estefânia, residente na Avenida Infante Santo, 348-1.º.

"Simpósio de estomatologia" informação deficiente

O Simpósio Internacional de Estomatologia, noticiado na Imprensa como tendo-se iniciado no passado dia 5 e que hoje terminaria não é afinal um Simpósio.

Segundo informações do dr. Lélío Marques, da Sociedade Portuguesa de Estomatologia, o Simpósio não passou de duas conferências efectuadas na Sociedade Médica dos Hospitais Cívicos de Lisboa, por solicitação de um grupo de especialistas canadianos que vieram passar uma semana de férias a Portugal. O grupo pediu colaboração à Sociedade Portuguesa de Estomatologia, colaboração que teve como efeito a realização das conferências nos dias 8 e 9, en-

tre as 9 e 30 e as 12 e 30.

A propósito do erro em que vários órgãos de Informação colaboraram, o dr. Lélío Marques chamou a atenção sobre a necessidade de um fundamento sólido na divulgação de elementos noticiosos.

Criança morta por um crocodilo

LOURENÇO MARQUES, (ANI) — Faleceu a bordo de uma lancha dos transportes fluviais da baía de Lourenço Marques uma criança de dez anos, Managane Chicango, que no rio Maputo foi atacada por um crocodilo quando se banhava.

Transportada com urgência para a vila de Catembe, a vítima foi colocada numa embarcação que a levaria ao cais de Lourenço Marques, onde uma ambulância do Hospital Central Miguel Bombarda a aguardava. A gravidade dos ferimentos causados pelo crocodilo, não permitiu, porém, que a criança chegasse à margem oposta com vida.



Carlos Bregante Torres

Confortado com todos os Sacramentos da Santa Madre Igreja

PARTICIPAÇÃO E MISSA DE 7.º DIA

O pessoal de JOÃO ROMANO TORRES & C.ª participa o falecimento do seu querido Chefe e amigo, Carlos Bregante Torres, e que será celebrada Missa de 7.º dia, hoje, dia 11, pelas 19.45 horas, na Igreja de S. Mamede. P. N. A. M.

FICHAS

Continuação da pag. 3

evidente negligência e falta de afinação, lançassem pelo escape os tais rolos de fumo negro em vez de fumo branco. Lembremo-nos até de comparar então a leveza da pena com a que já anos antes, era aplicada na Alemanha: para uma recidiva o equivalente a cinco contos, e para uma terceira infracção da lei, a carta apreendida por dez anos.

Porque é muito grave pulverizar-se assim a atmosfera com chumbo. Quando lemos, como há dias, no jornal, uma objectiva notícia: «Medidas contra a poluição provocada pela gasolina... o Governo norte-americano anunciou que a partir de 1 de Julho de 1974 todas as garagens deverão ter postos de gasolina que forneçam pelo menos uma gasolina livre de conteúdo de chumbo... no entanto, após conversações com a indústria do petróleo e com entidades médicas, a agência de protecção do ambiente (EPA) anunciou que os regulamentos finais adiarão o início das reduções anuais porque as companhias petrolíferas informaram que não poderiam cumprir os prazos estabelecidos pela EPA. (...) No respeitante

aos perigos contra a saúde pública, a EPA informou que considerável número de moradores urbanos têm anormalmente um elevado nível de chumbo no sangue, resultante da excessiva exposição ao ambiente, pelos resíduos de chumbo, principalmente através do ar, da poeira, das águas e dos alimentos. Quando isto lemos, passamos adiante nada perturbados. E não nos enchemos de pânico porque esquecemos completamente (ou não sabíamos) que o chumbo que entra no nosso organismo nunca mais de lá sai. Nenhum outro elemento o poderá desalojar ou atenuar-lhe os efeitos. Este chumbo é um veneno tenebroso. Pode ser a morte.

Veja-se o que são as coisas. Lá por Rio Maior andam alarmadas as populações por causa de um duvidoso leão que não teve sequer forças para matar uma cadela. Entretanto, o ar que respiramos está todo ele envenenado, e ninguém mostra preocupar-se com esses outros dentes do chumbo que nos vão corroendo por dentro, e sem glória. Mas a vida humana valerá assim tão pouco?...

Corpos gerentes dos bombeiros de Almada

Para o exercício deste ano foram eleitos os novos corpos gerentes da Associação dos Bombeiros Voluntários de Almada, com a seguinte constituição: **Assembleia Geral:** dr. Herculano Pires, presidente; dr. Mário Pires Bento, vice-presidente; Damásio Mendes Esteves, 1.º secretário; Armando Larousse, 2.º secretário; Felisberto Ferreira da Silva, suplente. **Direcção:** Joaquim Sommer Ribeiro, presidente; Alexandre de Campos Nogueira, vice-

presidente; Honorato Domingos do Patrocínio, secretário; Feliciano Baptista, tesoureiro; Alfredo Guerreiro Antunes, vice-tesoureiro; José Braz, Júlio José Ferraz, Américo João Gonçalves Santos, Fernando Gaspar Teodoro, Júlio Coito Baptista e Américo Rodrigues Egídio, vogais. **Conselho fiscal:** António de Moura e Silva, presidente; Alípio de Brito, secretário e José Emídio Rosa Amaro, relator.

DEMOCRATAS DE VISEU COMEMORAM O 31 DE JANEIRO

VISEU, 11 — Um grupo de democratas de Viseu decidiu comemorar a revolta republicana de 31 de Janeiro de 1891 — precursora dos movimentos que em 1910 implantaram o regime republicano no nosso País — com a realização, naquela cidade, de um jantar de confraternização.

O requerimento para a realização do jantar deu já entrada

no Governo Civil de Viseu, podendo as inscrições ser feitas junto da comissão organizadora, constituída por Adolfo Amaro, Eduardo Ferraz Pinto, dr. Fernando da Silva Mouta, Joaquim Figueira Ortigão, João de Lemos, drs. José Lopes Ribeiro, Luís de Almeida Henriques e Osvaldo Ribeiro Peliz.

Dr. Manuel José Pereira de Sousa

CONFORTADO COM OS SACRAMENTOS DA SANTA MADRE IGREJA

Em cumprimento de sua vontade, só hoje Natália de Oliveira e Silva Pereira de Sousa, Roberto Nuno de Oliveira e Silva Pereira de Sousa, mulher e filhos, Rosa Maria de Oliveira Pereira de Sousa Corrêa Mendes, marido e filhas, Natália Maria de Oliveira Pereira de Sousa Corrêa Mendes, marido e filhos, e mais família, participam o falecimento do seu marido, pai, sogro, avô e parente e que o seu funeral se realizou no passado dia 29 de Dezembro para o cemitério do Alto de S. João.

ESQUENTADORES

EM AÇO INOXIDÁVEL

ASSISTENCIA TÉCNICA GARANTIDA

Representantes exclusivos: SILVEIRA & SILVA, LDA. R. Ricardo Espírito Santo, 5 LISBOA

NOVO PROCESSO DE PINTURA PARA DECORAR AS PAREDES DE SUA CASA

A STARKING é uma firma altamente especializada em pinturas, que possui máquinas para projectar nas paredes desenhos e cores ao gosto do cliente, imitando qualquer tipo de papel decorativo.

Cada divisão da sua casa custa apenas 400\$00 e, desse modo, V. poderá ter a sua casa pintada inteiramente ao seu gosto, com pouco dispêndio.

Este tipo de pintura permite uma lavagem total das paredes, sempre que for necessário. Trata-se de um trabalho executado com rapidez (apenas três horas por cada divisão) e muito limpo, não sujando móveis, carpetes, cortinados ou alcatifas.

Entre em contacto connosco ou visite a exposição de diversas paredes pintadas na Calçada do Tojal, Lote 1 (loja), a Benfca, com o telefone 74 91 01.

TV

DIVERSOS

HISTÓRIAS DA MÚSICA: O RESPEITO DOS OUTROS, EIS A TÓNICA JUSTA

A jornada da televisão viria a acabar com o segundo filme das grandes evasões. Ontem foi Cellini quem se evadiu, bem ajudado por uma curiosa realização de Marcello Baldi e por uma reconstituição sem grandes complicações. Isto para não falar no processo da ferramenta escondida no pão que se levava ao preso a provar que as mézinhos caseiras dão às vezes óptimos resultados. Ficam-nos os olhos sorridentes e longamente presos, presos sonhadoramente, na ingenuidade do processo — como se, de súbito, assistíssemos no **Telejornal** a um renhido tiroteio no Vietname com a utilização de bacamartes...

Antes da evasão, tivéramos a contra-evasão, a cargo de António Victorino d'Almeida. De salientar, antes de mais nada, o novo lugar dado às «Histórias da Música» na programação. Trata-se, sem nenhuma dúvida, de uma conquista da opinião pública. Nem tenhamos grande pena do público infantil ou juvenil que assim se verá privado da presença de António Victorino d'Almeida. Não vê tal. Está bem que a gente embarque nas Histórias que nos vêm de Viena, mas não embarquemos na «história» dos meninos que se deitam com as galinhas — perdão, com os pintalhões.

«Histórias da Música» veio trazer-nos, fundamentalmente, duas lições. Uma, já sobejamente provada, refere-se à capacidade de António Victorino d'Almeida para captar a atenção da audiência. Mesmo quando a matéria não seja fácil (como sucedeu ontem) mesmo quando ele se deixe resvalar para a tentação das definições técnicas, mesmo quando algumas expressões caem no pecado (escusado, escusado, António Victorino...) do falar difícil, mesmo quando isso acontece, os olhos não se afastam. Falemos, para a tentativa de iniciar uma explicação, numa questão... de simpatia.

Mas há mais, além de toda a subjectividade que a palavra «simpatia» possa traduzir. Há como que uma espécie de reconhecimento, a audiência como que se sente obrigada a corresponder à atitude de António Victorino d'Almeida ao considerar os espectadores gente crescida, adultos no pleno uso do seu poder de compreender e de julgar. Para nos inserirmos na temática da História de ontem, essa é a nota dominante, a tónica justa da posição de António Victorino d'Almeida: o respeito pelos outros, a consciência de que o ditactismo é louvável quando serviço em proveito dos outros,

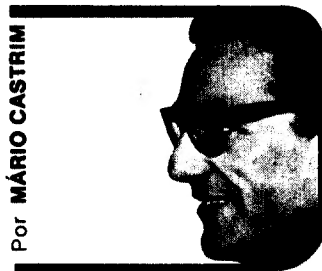


não em nosso próprio serviço, isto é, quando pretende despertar as consciências em vez de as manipular.

E evidente que a sessão a que assistimos de criação colectiva de música teve principalmente o mérito de nos enriquecer com uma experiência que foi, que poderá ter sido, um primeiro passo para uma discussão futura, também em colectivo, do processo.

Quando digo «primeiro passo», não esqueço que já anteriormente, pela televisão portuguesa, fomos postos ao corrente desse processo de criação. Nunca, porém, como ontem — com aquela naturalidade, com aquela exuberância de dados aparentemente negativos, mas também com tamanha seriedade de quem embarca numa aventura, mas lhe reconhece os riscos.

António Victorino d'Almeida recusa-se a dar uma opinião sobre o «happening» com o argumento de que, desse modo, poderia «manipular» o público, em lugar de lhe sugerir caminhos, críticas, opções. **«O público que é consciente — diz-nos — não é manipulável, o público que é manipulável, não é consciente».**



Por MARIO CASTRIM

Trata-se, a meu ver, de um pseudo-problema. Uma opção estética não pode separar-se de uma opção ética. Estar em arte e estar em vida é uma e a mesma coisa; o «sonho» da arte não pode separar-se da realidade... do real. Logo, o que está em jogo, no processo da criação colectiva da música, não é apenas uma questão de estética, nem será isso fundamentalmente: está em jogo uma certa maneira de encarar a função da arte numa determinada sociedade.

Sem cair na manipulação, seria possível a António Victorino d'Almeida enunciar as facês do problema. Esperamos que venha a fazer isso atendendo a que parece demasiada ingenuidade evitar a «manipulação» em domínios onde as manipulações são de tal forma evidentes — e prementes.

HOMENAGEM

António Sardinha morreu em 1925, e certamente pouquíssimos

ma gente se lembrará hoje disso. A Televisão Portuguesa, como lhe cumpre,

Da tarefa tomou o cargo a rubrica «Livros e Autores», de Eduíno de Jesus e de António Moniz, ou vice-versa. Como primeiro convidado, Luís de Sena Esteves, veio garantir-nos que «António Sardinha foi um dos mais notáveis pensadores do século actual». Disse ainda outras coisas que já não tenho bem presentes. Recordo-me, sim, das palavras de «Livros e Autores», quando se refere à atenção que o integralista votava ao trabalho do povo. «Trabalho do povo onde colhia a primeira lição de tradicionalismo que mais tarde havia de elevar ao nível de doutrina nacional e política que pretendia todavia não ser retrógrada nem reacçãoária, mas conciliadora da herança inalienável do passado e do projecto do futuro».

Vem até nós o tenente Isaías Carlos Sardinha, irmão do recordado, para nos informar de quão cedo António dera provas de grande inteligência e sabedoria. A quarta classe fez-a ele com distinção. E conta-nos que, certo dia, o professor espantado da forma como ~~o~~ António Sardinha, lhe ~~disse~~ «Pareces um papagaio!»

Anabela Tarouca, locutora de serviço, aponta os primeiros livros de Sardinha, entre os quais um intitulado «Turris Erubunia». Por essa época, ganhava o poeta uns jogos florais

em Salamanca. A mesma locutora se refere ao seu proselitismo «suficientemente renovador, dentro do tradicionalismo, para merecer ao seu abenceragem a crisma de revolucionário da contra-revolução».

O Tenente Isaías lê o soneto que António Sardinha lhe dedicara um soneto a quando da sua partida para a guerra da França. O soneto começava pelos seguintes versos: «Vais sobre as águas: Deus irá contigo/Vais sobre as águas com a crença e a espada/Como se fosses um guerreiro antigo/A quem a fé levasse de longada». Após o que teríamos uma longa intervenção de Amândio César que, entre outras coisas, chamou a António Sardinha «renovador das fontes líricas nacionais».

António Sardinha, recebera a sua homenagem na televisão, homenagem que teve, pelo menos, o mérito de levar ao conhecimento de muitos milhões de portugueses essa figura ímpar «um dos mais notáveis pensadores do século actual» — alguém que, ainda na opinião de Serra Esteves possui uma obra «que se poderia ler com imenso proveito e com uma actualidade impressionante».

Alvaro Benamor emprestou à homenagem a sua voz

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Sebastião Augusto Silva, Avenida Capitão Américo dos Santos, 38-1º AL-GUEIRÃO

COVILHA LISBOA COVILHA

nova circulação directa
cerca de 6 horas úteis em Lisboa

**melhores horários
serviço de restaurante**
Entroncamento-Lisboa-Entroncamento
(serviço de almoços e jantares)

CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

CONVITE

FAÇA UMA FABULOSA DISCOTECA PAGANDO SUAVEMENTE

Mais de 3.000 DISCOS L. P. STÉREO à s/ escolha. Fabulosa selecção em MÚSICA CLÁSSICA e LÍRICA. Peça catálogo e veja preços e excepcionais condições. Escreva ou telefone a qualquer hora para:

APARTADO 5.095 — LXB. 5 — Telef. 312275

II mini-show AKAI

De 8 a 16 de Janeiro estará patente no **ENTREPOSTO** (stand Datsun) às Amoreiras, uma exposição das novas linhas **AKAI** de estereofonia, quadrifonia e gravadores de imagem, assim como de toda a gama **DATSUM**. Assista às demonstrações da técnica mais apurada em alta fidelidade e em video-tape.

PARA SI,
GRATUITAMENTE



um sistema de alta fidelidade a atribuir por sorteio entre todos os visitantes.

★ Horário do II Mini-Show AKAI
Dias úteis das 9 às 24 horas / Sábados das 15 às 24 horas



Ondex
Representações Electrónicas, Lda.
Campo das Cebolas, 39-42 • telef. 86 15 11 - 86 47 88/9

DL / ESPECTACULOS

Gilberto Gil e Gal Costa: Em Fevereiro, no Monumental

Gilberto Gil e Gal Costa, dois dos maiores nomes da moderna música popular brasileira, vão apresentar-se ao público lisboeta nos próximos dias 2 e 3 de Fevereiro, no Teatro Monumental. A chegada dos artistas está prevista para a tarde do dia 1.

Por outro lado, para cumprir contrato com a Phonogram, empresa responsável pela digressão de Gil e Gal a Lisboa, é aguardado para o próximo dia 24 de Fevereiro, entre nós, o agrupamento inglês Procol Harum.

A CARREIRA

Gilberto Gil, líder do chamado «grupo bahiano» da música popular brasileira, iniciou a sua carreira musical em São Paulo, em meados de 1965. Pouco antes, fizera muito sucesso naquela capital a sua amiga e con-

terrânea Maria Bethânia que se tornara nacionalmente conhecida graças a sua interpretação no espectáculo do Teatro de Arena, «Opinião». Foi Maria Bethânia quem falou com Augusto Boal e Gianfrancesco Guarnieri, os directores do Teatro de Arena, sobre Gilberto Gil Torquato Neto, Carlos Capinan e sobre o seu irmão Caetano Veloso, compositores que viviam em Salvador e que poderiam vir a dar uma grande contribuição à música que se fazia no sul do país. Terminada a carreira do «Opinião», Boal e Guarnieri escreviam para eles um novo espectáculo, «Arena Conta a Bahia», que, apesar de bem concebido, não conseguiu grande sucesso de público.

Por essa altura Gilberto acabara de conseguir o título de bacharel em Economia e, apesar de dedicar-se a

composição musical desde os seus tempos de estudante, pensava em conseguir um emprego numa grande firma, casar e ter filhos. Foi uma carta de Maria Bethânia, que incluía a promessa de um emprego para ele numa grande firma norte-americana produtora de margarinas, que motivou a sua vinda para São Paulo.

Terminada a curta carreira de «Arena conta a Bahia», Gilberto Gil continuou a viver em São Paulo. Para ele, naquela época, a música era apenas uma actividade secundária: tocava e cantava para amigos ou em reuniões estudantis. Em meados de 1966 graças ao incentivo de amigos como Edu Lobo e Luis Vergueiro, resolveu participar no «I Festival da Música Popular Brasileira», uma promoção da TV Record. Conseguiu o terceiro lugar e, mais importante do que isso, chamar a atenção sobre o seu talento de compositor e, a sua maneira alegre e descontraída de cantar. Nessa época, Elis Regina, então a maior vedeta do Brasil, gravou algumas das suas composições, como «Lunik 9» e «Louvação».

Em 1968, Gil aparecia com toda a força no cenário musical brasileiro. Junto

com ele, surge Caetano Veloso, até então conhecido apenas como «o irmão da Maria Bethânia».

É a época de «Domingo no Parque», de Gil; e «Alegria, Alegria», de Veloso. Pouco depois, um outro nome aparece: Gal Costa, ou aliás, Maria da Graça, ou ainda, Gracinha, a «musa» de um grupo que começava a surgir sob a orientação do maestro Júlio Medaglia, empunhando uma bandeira nova, propondo a sucessão da «bossa-nova» pelo que eles chamavam de «tropicalismo». Gil, Veloso e Gal Costa, bem como os demais componentes do grupo bahiano conseguem, nesta fase, o melhor momento das suas carreiras. Gravam vários «long-plays» aparecem frequentemente na televisão, são assunto diário nos jornais e revistas brasileiras.

O ROMPIMENTO

Em fins de 1968, deixam o Brasil. Em princípios de 1969, Gilberto Gil compõe «Aquele Abraço» e parte do Rio de Janeiro, fixando-se por dois anos em Londres.

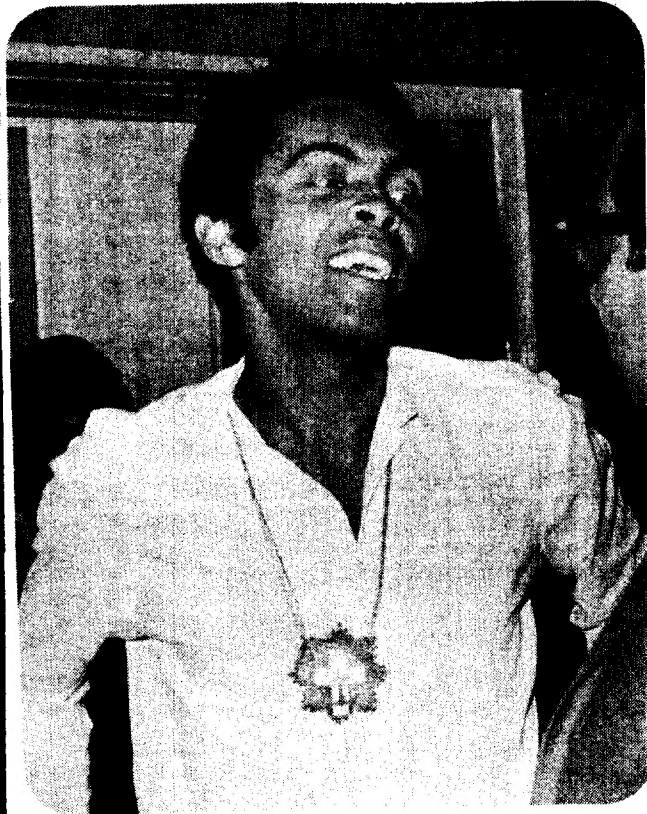
Da sua fase londrina surgem alguns «long-plays» que



Gal Costa, a musa dos tropicalistas

são lançados com muito sucesso no Brasil. E, apesar da ausência, os dois compositores continuam a ocupar as páginas dos jornais brasileiros. Em 1971, é a volta, em cima de apoteóse. Espectáculos com Gil, Catano, Bethânia e Gal Costa esgotam lotações nos teatros do norte e sul do país. Entretanto,

é dessa época uma decisão do compositor: voltar ao norte do país, para pesquisar nas feiras populares e no sertão bahiano, as raízes e as novas formas da música cantada pelo seu povo. O resultado dessa pesquisa, ou parte dele, talvez seja apresentado ao público lisboeta.



Gilberto Gil iniciou uma nova fase na MPB

Flamengo terá museu na Espanha

Por força de um decreto do governo espanhol, publicado ontem em Madrid, vai ser criado o primeiro museu do mundo dedicado à história do flamenco. O referido museu vai funcionar na cidade andaluza de Jerez de la Frontera. O seu acervo será composto por todo o material etnológico, musical e folclórico relacionado com esta arte «de maneira a evitar a sua dispersão e perda», segundo o decreto do Ministério da Educação.

Jerez de la Frontera, capital de uma região produtora de vinho, é considerada o centro da música flamenga, enquanto Se-

vilha e Granada, com as grandes colónias de ciganos, tem produzido os melhores dançarinos do género. Apesar da fama das três cidades, Carmen Amaya, talvez a mais conhecida bailarina de flamenco, em todos os tempos, nasceu na província setentrional da Catalunha.

O DECRETO

O novo museu, por força do decreto ministerial ontem sancionado, será criado sob a direcção da Administração Geral das Belas Artes e incluirá uma

secção dedicada à tourada, por causa da ligação íntima existente entre a «fiesta nacional» de Espanha e o flamenco. Esta secção, contudo, não será o primeiro museu tauromáquico, pois existem exposições permanentes na Praça «Monumental», de Madrid, em Cordova, e Sevilha. Por outro lado, a

maioria dos 150 clubes tauromáquicos espanhóis possuem colecções que contam a evolução da tauromaquia na Península Ibérica.

As informações de Madrid não dizem quando será iniciada a construção nem a data em que será inaugurado o novo museu. (UPI, ANI, DL.)

VÁ AO TEATRO!!! VASCO MORGADO

RECOMENDA OS SEUS ESPECTÁCULOS:

TEATRO Tel. 53 85 86

VILLARET

VASCO MORGADO APRESENTA

Grupo C M/ 14 anos
EM 5.º MES TRIUNFAL
com JOSÉ VIANA
no protagonista

SUA EXCELENCIA O RENDURA

com Dora Leal, a revelação da temporada, Henrique Viana, Luís Santos, Manuela Cassola, Vasco Morgado Jr., Maria Otília, Vítor de Sousa, Luís Pinhão, Cândido Mota, Carlos Rosa, Joaquim Miranda, Ana Le Matre, Jorge Nascimento e a colaboração de Maria Paula

3.ª e 4.ª — AS 21.45 HORAS
5.ª, 6.ª e SÁBADOS — 2 sessões: AS 20.45 E 23 HORAS
DOMINGOS — As 16 e 21.45 H.
2.ª-FEIRAS — Descanso da C.

TEATRO Tel. 32 60 17

VARIEDADES

VASCO MORGADO APRESENTA

Grupo C M/ 14 anos
5.º MES — A hilarante comédia britânica

A CARTA DOS COMUNS

com Simone de Oliveira, Armando Cortez, Fernando Borsetti, Luís Alberto, Manuela Maria, Leonor Poira, Dário de Barros, Alda Pinto, David Silva, Carlos Miguel, Eduardo Vilaverde, Fátima Maria e a colaboração especial de Joaquim Rosa

2.ª e 3.ª — AS 21.45 HORAS
4.ª-FEIRAS — Descanso da C.
5.ª, 6.ª e SÁBADOS — 2 sessões: AS 20.45 E 23 HORAS
DOMINGOS — As 16 e 21.45 H.

TEATRO Tel. 32 74 93

CAPITÓLIO

Grupo D M/ 18 anos
Uma comédia inglesa com FLORBELA QUEIRÓS

Sexo, nunca! somos britânicos...

No elenco IRENE ISIDRO
Carlos Duarte, Jorge de Sousa Costa, Norberto de Sousa, Fernanda Franco, Mariano, Fátima Miranda e, pela primeira vez em comédia OCTAVIO DE MATOS

Encenação de Maria Helena Matos

2.ª, 3.ª e 5.ª — AS 21.45 H.
4.ª-FEIRAS — Descanso da C.
6.ª-FEIRAS, SÁBADOS E DOMINGOS — 2 sessões: AS 20.45 E 23 HORAS
DOMINGOS — «Matinées» 16 h.

MARIA VITÓRIA

TODAS AS NOITES 2 SESSÕES
AS 20.45 e 23 HORAS
(Grupo D. M/ 18 anos)

AOS DOMINGOS E FERIADOS
«MATINEE» AS 16 HORAS

GIUSEPPE BASTOS e VASCO MORGADO apresentam
A REVISTA POPULAR CA' VAMOS PAGANDO E RINDO...

UM GRANDE ÊXITO DE GARGALHADA, com SALVADOR, IVONE SILVA, BARROSO LOPES, GUIDA MARIA, VÍTOR MENDES, CARLOS QUEIRÓS, a grande revelação CÍDALIA MOREIRA, a atracção internacional VERA SANDERS e, pela 1.ª vez em revista, HENRIQUE SANTANA.

Homenagem a Maria Olguim tem programa com música e filmes

Foi já elaborado o programa para a grande festa em homenagem à actriz Maria Olguim, que será realizada amanhã, pelas 21.45 horas, no Teatro Municipal de São Luiz. O espec-

táculo, que será apresentado por António Lopes Ribeiro, Laura Alves, Artur Agostinho e pela própria Maria Olguim, terá na sua primeira parte a exibição do Grupo de Bailados Verde Gaio, além de António Calvário, Gabriel Cardoso, Lenita Gentil, Hermínia Silva, Milu e Manuel de Almeida que, acompanhados pela Orquestra Ligeira da Emissora Nacional, vão reviver uma série de êxitos musicais dos últimos quarenta anos do cinema português. A primeira parte do espectáculo será encerrada com um momento de poesia, a cargo de Carmen Dolores e António Villar.

Após o intervalo será exibido uma sequência de seis dos mais representativos filmes da carreira de Maria Olguim, como: «Costa do Castelo», «O Leão da Estrela», «Nazaré», «Retalhos da Vida de um Médico», «Saltimancos» e «Crime da Aldeia Velha». Para encerrar será apresentado integralmente, o filme «Ais Arriba», de Leitão de Barros.

CASA DA COMÉDIA

R. S. Francisco Borja (às Janelas Verdes)

Hoje e todas as noites às 22 h., sábados e domingos matinées às 16 h. de:

«ALICE NOS JARDINS DO LUXEMBURGO»

de Romain Weingarten, com Carmem Dolores, Ana de Sá e Augusto Figueiredo

Direcção de Jorge Listopad

Marc. Tel. 677299

Maiores 14 anos

Sub. Fundo Teatro

DL / ESPECIAL CULOS

CRÍTICA DE CINEMA

Lauro Antônio

A solidão das brancas montanhas

TÍTULO: AS BRANCAS MONTANHAS DA MORTE (Jeremiah Johnson)
REALIZAÇÃO: Sidney Pollack, 1972 (EUA)
INTERPRETES: Robert Redford, Will Geer, Stefan Gierasch, Ailyn Ann McLerie, etc..
DISTRIBUIÇÃO: Columbia Filmes.
ESTREIA: Cinema Roma (5.1.1973)

Sidney Pollack, o autor de *Chamada Para a Vida*, de *Uma Flor à Beira do Pântano*, de *Caçadores de Escalpes*, de *Castle Keep* ou de *Os Cavalos Também se Abatem*, retoma o tempo do conquista do Oeste, com Jeremiah Johnson, filme que documenta a vida lendária de um pioneiro americano, conhecido como «liver-eating Johnson», dado que era sobretudo célebre pelo seu lado bárbaro, um inveterado «comedor de fígados» de índios. Pollack, colaboração com Robert Redford (que cada vez mais nos surge como um excelente actor e um homem lúcido e inteligente, que sabe o que quer e como quer), trabalha o argumento e, mantendo embora a aparência simples e linear de uma acção sem grandes peripécias, acaba por preencher os espaços com uma sobrecarga de significado que transforma a obra numa aliciante metáfora sobre a liberdade e a melhor forma de a alcançar.

Quem é Jeremiah Johnson? Um homem da cidade que foge para a montanha. Agarrado a si (nos planos iniciais) um bone e umas calças de militar, que ele lentamente vai trocando por uma indumentária mais de acordo com as paragens que atravessa. J. J. deixa para trás uma guerra (não sabemos qual, nem porquê, nem de que forma, nem em que momento) para alcançar a liberdade e a paz dos grandes espaços ain-

da resguardados na natureza. Na solidão das brancas montanhas, na época dourada da «fronteira», da conquista de novos limites a Oeste para o território dos EUA, o homem vive em directo contacto com a natureza e tenta bastar-se a si mesmo, sobreviver. Para J. J. essa a opção. Deliberadamente encarada, depois de muito ter sujado as mãos no dia a dia desgastante de uma civilização em crescimento. J. J. recusa a cidade, a convivência, a luta para encontrar pela frente a neve, os animais selvagens, a necessidade de subsistir, o nomadismo, o perigo, sobretudo a solidão. Por que escolhe J. J. o isolamento das montanhas, porque sobe até às neves, porque deixa para trás cidade e planícies? Aparentemente, porque a corrosão do tempo atingiu o seu limite e J. J. não suportava mais a crueldade institucionalizada da civilização, nem a hipocrisia da convivência. E vai encontrar um mundo primitivo, agressivo, onde a sobrevivência imediata tudo controla e condiciona. Um universo apesar de tudo mais saudável, menos hipócrita, directo nas suas propostas que se apresentam sem subterfúgios, nem derivações. J. J. adopta, aliás, um estilo de vida novo, com novas regras e uma outra moralidade. Casa-se com uma índia, adopta uma criança, constroem uma casa, estabelece um sistema de coexistência pacífica com os índios (sobretudo com a tribo dos Corvos os mais agressivos que, no entanto, toleram a sua presença como vizinho)... A sua vida vai-se moldando a um novo estatuto cultural. Até que um dia, a anterior civilização interrompe o silêncio, acompanhada por um padre, anda à procura de um gru-

po de brancos perdidos e pede a ajuda a J. J. Dizem-lhe que se trata de «brancos» e assim lhe fazem ver que se trata «da sua gente», que, se não quiser ser tomado como traidor, terá de os acompanhar, servindo de guia, atravessando os locais sagrados dos índios, profanando cemitérios, desafiando as iras do grande Manitú. J. J. sente então que não pode abandonar aqueles homens e, ao fazê-lo, confessa-se um homem vergado pelo peso de uma cultura, que nunca poderá entender e cumprir outras regras, se não as que o educaram. Aceitando guiar a coluna, J. J. torna inútil toda a sua peregrinação solitária nas brancas montanhas. A partir daí, ele é um homem condenado. Ao seu caminho vão saindo, um a um, os índios da vingança, que a destreza do branco vai vencendo, adiando a morte e erigindo a lenda. Com voracidade até, J. J. torna-se um animal acochado na montanha. O pacifismo que o forçara a abandonar a cidade e a planície, para procurar nas montanhas uma paz julgada possível e uma liberdade ideal, acaba por ceder lugar a uma feroz luta pela sobrevivência, onde se cumprem unicamente os preceitos da lei da selva.

Daqui, que ensinamente co-

lher? Pollack desenvolve a obra com uma direcção precisa. O homem que troca a cidade pela montanha e que pretende trocar assim duas civilizações, recusando uma e adoptando outra, é um homem desenraizado que rapidamente fraqueja. As intenções parecem óbvias. Dirigem-se a todos os grupos de marginais que desafiavam a civilização, americana emigrando. Pollack não acredita nesta renúncia, nesta desistência e demonstra como ela se torna perigosa, por vezes, e quase sempre inútil.

Quanto ao resto na simplicidade da sua narrativa na envolvente beleza da fotografia, no tom documental com que nos dá a vida na montanha e os costumes índios, eis um exemplo perfeito de um cinema americano que soube herdar a linearidade tradicional de uma escrita ao serviço da acção e da imagem. Sidney Pollack assina, portanto, uma nova obra indispensável. Prosseguindo assim a sua caminhada vitoriosa no moderno cinema americano, oferecendo-lhe a sua dose de dignidade e lucidez, à mistura com grande coragem e um indelével talento. Um pouco na linha de uma Brooks (de quem precisamente se repõe em Lisboa um filme admirável e, em muitos pontos paralelo a Jeremiah Johnson «Os Profissionais»).

"Laranja Mecânica" talvez o melhor filme de 1972

Alexander Walker, crítico do «Evening Standard», de Londres, afirmou publicamente ser «A Clockwork Orange», de Stanley Kubrick, o melhor filme do ano que passou, considerando ainda Malcolm McDowell, que desempenha o principal papel nessa obra cinematográfica, o melhor actor do ano.

«Laranja Mecânica» (A Clockwork Orange) foi também classificado entre «os melhores 12 filmes do ano» por Felix Barker, crítico de cinema do jornal inglês «London Evening News», e foi considerado por Derek Malcolm, do «Manchester Guardian», um dos «dez melhores filmes do ano».

Um acidente faz Roberta Flack cancelar contratos

Roberta Flack, talvez uma das mais populares intérpretes da música jovem norte-americana cancelou alguns contratos que tinha assinado para o fim-de-ano passado e primeiros dias deste ano. Motivo: um acidente de automóvel, que sofreu quando se dirigia do aeroporto de Nova Iorque para a cidade, em meados de Dezembro. Roberta recebeu tratamento no hospital mais próximo,

levando dez pontos no queixo. Os seus companheiros de viagem ficaram bastante contundidos, tendo Jerry Jermot antigo guitarrista de King Curtis, que ia ao volante, partido o nariz e deslocado um ombro e Cornell Dupre, guitarrista que normalmente acompanha a cantora, ficando dois dias inconsciente, devido a ferimentos que sofreu na cabeça.

Elliot Gould: pai outra vez

HOLLYWOOD, (R.) — O actor Elliot Gould e a sua companheira, Jennifer Bogart, são pais de um segundo filho. A criança, que recebeu o nome de Sam, nasceu com três quilos e setecentas gramas.

POR AMOR A CÉSAR, POR AMOR
A DAVID — ENTRE DOIS AMORES...
... ROSALIE

YVES MONTAND
ROMY SCHNEIDER
SAMI FREY



César et Rosalie
(César e Rosalie)

um filme de CLAUDE SAUTET
EASTMANCOLOR

IMPERIO ESTREIA HOJE
NACIONAL AS 21.30 H.

GRUPO D - 18 ANOS

O FILME QUE INAUGUROU
A "QUINZENA DO FILME FRANCÊS"

GANHE

10 000 \$ 00

4 000 \$ 00

1 000 \$ 00

E OUTROS
PRÊMIOS

ENVIANDO-NOS ATÉ

31 de JANEIRO de 1973

uma frase que possa ser utilizada
como **SLOGAN** publicitário da
coleção duas horas
de leitura

O QUE É ESTA NOVA COLEÇÃO?

Lida hoje por mais de
15 000 pessoas

PUBLICA-SE AO DIA 25 DE CADA MÊS

E CUSTA O
PREÇO FANTÁSTICO
DE



NÃO

é uma
coleção de bolso!

VEJA O REGULAMENTO DESTES CONCURSO NO

Nº 14 da coleção duas horas
de leitura

(RECORTE E ENVIE-NOS O POSTAL RSF QUE ACOMPANHA
O REGULAMENTO ANEXO A ESTE VOLUME)



EDITORIAL INOVA SARL

apartado 466/Porto

DL/NACIONAL

Expansão do filme baseado na "Selva"

O filme «A Selva», feito sobre o célebre romance de Ferreira de Castro, mundialmente conhecido, já foi vendido para cinco países europeus, sem contar com a larga difusão que se esboça nas Américas e noutras regiões.

Aguardado com extraordinário interesse, o filme, que Luiz de Miranda Correa trouxe do Brasil para a Europa, será estreado

em Lisboa e Paris.

Um dos livros mais traduzidos e difundidos pelo Mundo, «A Selva» foi ainda recentemente incluído pela U. N. E. S. C. O. entre os dez romances mais lidos da literatura moderna; e constitui um dos êxitos literários excepcionais a notável tradução francesa «Foret Vierge», de Blaise Cendrars.

Quem já viu o magnífico

filme (feito em Manaus e que tem como protagonista o actor português Rui Gomes) considera-o impregnado da emoção e do encanto daquela versão francesa do famoso romance.

Ferreira de Castro, que já viu o filme, em especial exibição particular dirigiu expressivos elogios ao produtor Luiz Miranda Correa.

Assis Esperança

O escritor Assis Esperança (Prémio Ricardo Malheiros, da Academia), que tem a sair o seu novo romance «Fronteiras» foi operado, na Casa de Saúde da Cruz Vermelha, pelo conhecido médico-oftalmologista, dr. Artur Pina. A intervenção cirúrgica decorreu com o melhor êxito.

Criados dois Sindicatos em Angola

Por requerimento dos interessados, foram criados no Estado de Angola os Sindicatos Correlativos dos Distritos de Luanda, Zaire e Cabinda, e Nacional dos Conferentes, Estivadores e

Ofícios Correlativos dos Distritos de Cuanza Sul, Benguela e Moçamedes, por portaria do Ministério do Ultramar após concordância do Governo-Geral de Angola.

"Estudo de Projectos de Investimento"

Por iniciativa da Sociedade Portuguesa de Comercialização (Marketing), realizam-se hoje e amanhã, às 21 e 30, duas sessões subordinadas ao tema «Estudo de Projectos de Investimento», cuja apresentação será feita pelo dr. João Miguel Lourenço Gomes, director do Gabinete de Planeamento e Coordenação da Companhia Nacional de Navegação.

Com estas sessões, a S.P. Comercialização (Marketing) pretende apresentar um certo número de diferentes técnicas baseadas, essencialmente, na contabilidade, na análise financeira, na estatística e no cálculo de probabilidade susceptíveis de ser utilizadas na elaboração e avaliação de projectos de investimento.

CONFERÊNCIAS

Terá lugar hoje, pelas 21 horas, no cenáculo literário da Marquesa de Valverde, uma palestra pela metodóloga Teresa de Moreira Braga, subordinada ao tema «Educação de Sentimentos». A entrada é livre.

///

Amanhã, pelas 18 e 30, o dr. Fernando Venâncio Peixoto da Silva proferirá na sede da Sociedade de Língua Portuguesa, uma conferência sobre o tema «Personalidade da cultura romana». A sessão terá a animá-la uma ampla documentação apresentada através da projecção de diapositivos alusivos ao tema.

///

O prof. dr. Rodrigo de Sá Nogueira profere hoje, pelas 18 horas, no Instituto Superior de Ciências Sociais e Política Ultramarina, uma lição integrada no curso livre sobre «A Linguística espelho da vida espiritual e social do homem».

///

A convite do Grémio Literário, Jean Rousselot, presidente da Societé des Gents

de Lettres de France, profere esta noite, naquela casa, uma conferência subordinada ao tema «Que pensar dos prémios literários de 1972».

Rousselot, escritor e ensaísta, autor, entre outras obras, do «Dicionário da Poesia Francesa Contemporânea», será apresentado pelo dr. Luís Francisco Rebelo.

///

Na sexta-feira, às 18 horas, realiza-se na sede do Instituto Britânico, uma das duas conferências sobre música de Britten, intitulada «Benjamin Britten e a sua obra» pela professora Miss Marian Wilding.

Estas conferências são como que uma introdução à ópera «The Turn of the Screw», que será apresentada, brevemente, em Lisboa pelo «Scottish Opera Company». Na primeira, Miss Wilding falará da evolução do compositor, referindo-se às suas obras de música orquestral, coral e câmara; na segunda, que terá lugar no dia 19, à mesma hora, ocupar-se-á das óperas de Benjamin Britten.

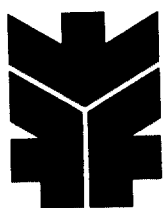
A entrada é livre.

ASSUNTO EXPORTAÇÃO uma oportunidade para a sua empresa

Rico de oportunidades, tem o mercado norueguês vindo a despertar a atenção e o interesse do F. F. E. Os estudos efectuados sobre o mesmo permitem concluir pela necessidade — e vantagem — de levar os exportadores portugueses em melhor posição de trabalhar o referido mercado a desenvolver localmente os seus contactos com os importadores noruegueses de maior envergadura. Esse, por conseguinte, o objectivo da Missão Comercial à Noruega que o Fundo agora promove e apoia financeiramente. Os industriais e comerciantes interessados em tomar parte na Missão deverão proceder à sua inscrição, em qualquer das direcções abaixo indicadas, até ao próximo dia 8 de Fevereiro. Escusado será dizer que a Delegação do F. F. E. em Oslo auxiliará os nossos exportadores no estabelecimento dos contactos com os importadores noruegueses. Não hesite, pois, senhor industrial ou comerciante. Aproveite mais esta oportunidade de expansão. Contacte-nos!

missão comercial à Noruega

de 8 a 15-4-1973



FUNDO DE FOMENTO DE EXPORTAÇÃO

Informações e inscrições:
Departamento de Relações Públicas e Missões Comerciais -
R. Camilo Castelo Branco, 2-3.º - Tel. 47928/59156 - Lisboa 1;
Delegação no Norte: R. Gonçalo Cristóvão, 128-1.º Esq.º - Tel. 380214 - Porto.

Clube de Campismo de Lisboa

Comemora hoje o seu 32.º aniversário o Clube de Campismo de Lisboa, primeiro filiado da Federação, que conta já com 12.000 filiados e 30000 beneficiários. Das comemorações destaca-se o jantar habitual e um espectáculo teatral a cargo de membros do clube.

Às Exmas. Classes Médica e Farmacêutica

Laboratório THERAPLIX tem a honra de informar de que passou a ser representado em Portugal pela firma LABORATÓRIOS VITÓRIA — Venda Nova — Amadora.

7.ª SEMANA

Nem o sol nem a morte podem olhar-se fixamente. La Rochefoucauld



A TOMADA DO PODER
POR **LUIS XIV**
(La Prise de Pouvoir par Louis XIV)
um filme de **ROBERTO ROSSELLINI**
Eastmancolor
Grupo C/14 anos

DL/NACIONAL

Aprovado o plano de actividades da Comissão de Planeamento do Norte

PORTO, 11 — Presidida pelo eng. António Eduardo Carneiro, efectuou-se uma reunião da Comissão de Planeamento do Região Norte para empossar o novo vogal em representação do distrito do Porto, dr. Vasco Maria Pereira Pinto da Costa Ramos, e apreciar o plano de actividades para 1973, analisar a situação dos trabalhos em curso para a eleição dos «centros rurais de apoio» e inteirar-se da actividade desenvolvida pelo gabinete técnico.

Após a apreciação pormenorizada do relatório de actividades, este foi aprovado e terá a conveniente divulgação logo que seja superiormente homologado.

Em síntese, o plano está elaborado de acordo com as atribuições legais da Comissão: 1 — coordenação da expressão dos elementos representativos da região, e nesse sentido prevendo a realização de onze acções concretas; 2 — colaboração na apresentação do programa do Plano de Fomento e no seu acompanhamento, para o que se prevê sete tipos

de acções; 3 — promoção de coordenação dos meios de acção regional, dentro da qual se referem onze linhas de acção.

Na parte final do seu plano, a Comissão indica os meios com que tenciona realizar o programa e inclui neles o seu gabinete técnico, criado com o auxílio de diversos bancos que actuam na região, sete grupos de trabalho permanentes com um conjunto de 136 elementos, três grupos de trabalho «ad hoc», e os grupos distritais de consultores «ad

hoc» constituídos por cerca de 300 individualidades.

Inteirando-se do estado dos trabalhos em curso para a eleição dos «centros de apoio rural», a Comissão considerou concluído o estudo realizado com a colaboração das autoridades do distrito de Viana do Castelo e entendeu que deve ainda ser feita mais uma reunião nos distritos do Porto, Vila Real, Braga e Bragança, a qual deverá ser promovida pelo respectivo vogal da Comissão que nela representa cada um dos distritos referidos.

Conselho Superior de Economia

Foi renovada a nomeação dos vogais das secções indicadas do Conselho Superior de Economia: prof. eng. Luís António de Almeida Góis e dr. José dos Santos Beça, Secção de Agricultura; sr. Carlos Man-

tero Belard, Secção de Comércio e eng. António Augusto da Costa Reis, dr. Jorge Augusto Caetano da Silva José de Melo e eng. Brasília Martins da Fonseca, Secção de Indústrias.

Porto de Aveiro:

250 mil toneladas de movimento

Ainda não estão apurados os números de Dezembro relativos ao movimento do porto desta cidade mas, podemos adiantar, que eles pulverizam os do ano findo, tanto no que respeita ao volume das mercadorias carregadas e descarregadas como ainda ao movimento de navios entrados e saídos.

Entraram no porto 46 navios, 28 nacionais e 18 estrangeiros, o que eleva o seu movimento, até Novembro último, para 429 navios, mais 58 do que no ano findo. Ainda durante aquele mês as mercadorias atingiram o montante de 23.131 toneladas, o que eleva o movimento nos onze primeiros meses de 1972 para 265.001 toneladas de mercadorias movimentadas no porto, o que corresponde

a um aumento de 43.415 ton. em relação a 1971.

Por sua vez o montante do movimento da pesca costeira

foi, naquele mês, de 3.571.018\$00, correspondendo a 2.272.082\$00, do arrasto, 1.013.103\$00 das traineiras e 285.853\$00 da pesca artesanal, sentindo-se, todavia, uma quebra em relação ao movimento do ano de 1971.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por José Guerreiro Rodrigues ALCANTARILHA-ALGARVE

INSTITUTO DE LÍNGUAS DE ALGÉS

RUA DOS BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS, 29, 2.º
Telefone 21 49 10 — ALGÉS

INGLÊS FRANCÊS ALEMÃO
PORTUGUÊS PARA ESTRANGEIROS

Das 10 às 12 h. e das 17 às 22 h. excepto sábados
Matrículas abertas para novos cursos a iniciar em Janeiro

NÓS, OS MACACOS E OS LIVROS



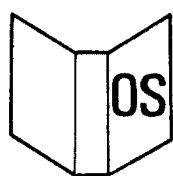
Os macacos e os homens. As relações seculares entre eles. Eis o livro de Ramona e Desmond Morris:

homens
&
macacos

NÓS, vocês, os senhores — retratados no humor de Santos Fernando:

ABSURDISSIMO

humor a sério
primeiro volume de uma nova colecção



OS LIVROS:

Mais um de Gabriel García Márquez:
«Ninguém Escreve ao Coronel»

Quatro outros já foram publicados:
«Cem Anos de Solidão»
«O Veneno da Madrugada»
«Os Funerais da Mãe Grande»
«O Enterro do Diabo»

E O OITAVO VOLUME DA COLECÇÃO
OBRAS COMPLETAS DE ALVES REDOL:

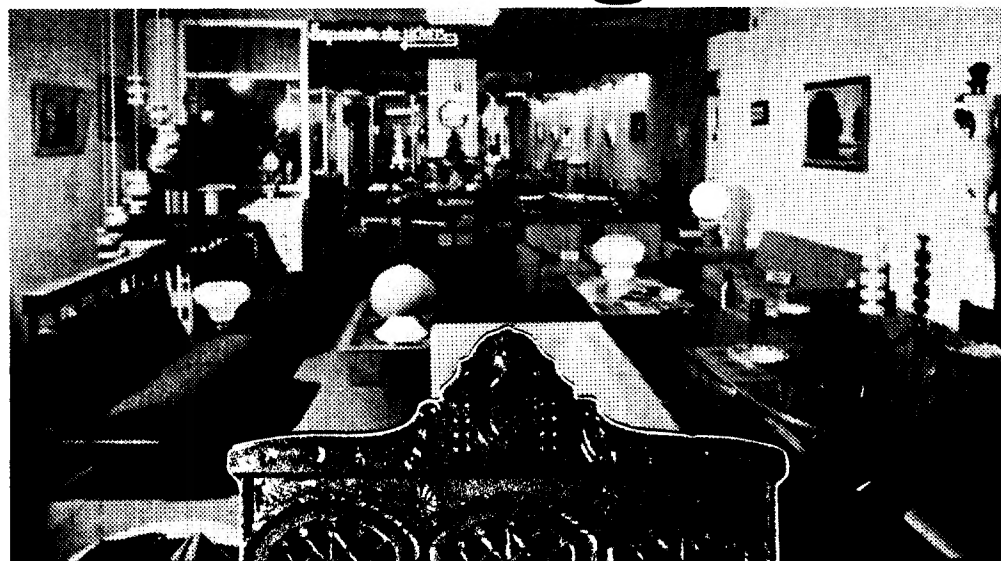
histórias
afluentes

14 contos de Redol



PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA
Apartado 8 — Mem Martins

3.800^{m3} de bom gosto



MÓVEIS
MODERNOS

MÓVEIS
ANTIGOS

AO
SEU GOSTO

AO
NOSSO GOSTO

AO
GOSTO
DE TODA
A GENTE

ESTOFOS

DECORAÇÕES

ALCATIFAS

CANDEIROS

1002
PEÇAS
DECORATIVAS

nos nossos salões de exposição
encontra sempre aquilo que pretende

estabelecimentos
Cancela

C DO COMBRO, 23-LISBOA
AV BERNARDO FRANCISCO DA COSTA 20-ALMADA R JOSE JOAQUIM MARQUES 106-MONTIJO

MOBILIÁRIO LINHA — 1973

DL/NACIONAL

Ora diga - nos ...

Os cidadãos que possam (e queiram) votar têm, agora, a possibilidade de se inscrever como eleitores até final do próximo mês de Março. Um inquérito, recentemente divulgado, mostra que 63 por cento dos portugueses ainda não votaram. Em ano de eleições a questão subsiste: manter-se-à o desinteresse pelo acto eleitoral, persistirá uma tão diminuta percentagem (das mais baixas de todo o mundo)?

O «Ora diga-nos» de hoje tem por tema, exactamente, o recenseamento. Perguntou-se a algumas pessoas se pensavam ou não, em se recensear...

O sr. José Cipriano Vicente, funcionário público de 57 anos, não estava nada preocupado com o problema: «Pois não me recenseei ainda mas nem preciso de o fazer. Obrigatoriamente estou nas listas por ser empregado do Estado. Estou inscrito automaticamente...»

Vindo de Tomar com 15 anos de idade o sr. Abílio Alves tem hoje 56 anos e vende cautelas desde que está em Lisboa há 41 anos: «Não sei o que é o recenseamento nem sei o que é isso de votar. Nunca votei. A minha vida são as cautelas... nunca pude aprender mais nada...»

Dirigia-se apressada para casa a sr.^a Ana Maria Osório Farinha, de 43 anos,

doméstica: «Eu não sei de nada. O meu marido é que trata de tudo isso. Se já votei? Não, nunca votei.»

Duarte Ferreira realizador



José Vicente: «Estou inscrito automaticamente»



Duarte Ferreira: «Nunca estive recenseado»

Já se recenseou?

da Rádio, não gastou, também, muitas palavras. Disse-nos simplesmente: «Não, ainda não me recenseei, nem nunca estive recenseado. Por

várias razões... Mas penso fazê-lo este ano.»

Belmiro Antunes, de 29 anos, empregado de mesa, natural de Braga, reside, há



Abílio Alves: «Não sei o que é isso»



Belmiro Antunes: «Não me meto nisso»



Ana Osório Farinha: «O meu marido é que trata disso»

20 anos em Lisboa. Vivia num quarto, mas como a dona da casa não permitia que ele recebesse lá a visita dos seus dois pequenos, filhos teve de alugar uma casa na Reboleira. Ganha 3.170 escudos e paga de renda 1.900\$00. Não quer saber de eleições:

«Não vou recensear-me. Eu não me meto nisso. Não vejo interesse. Não gosto de política. Isto de ordenados é que está mau. Tenho dois filhos para criar.»

A PROPÓSITO DE UMA ENTREVISTA COM MARIA OLGUIM

Na entrevista concedida ao nosso jornal pela actriz Maria Olgum, publicada no passado domingo, sob o título «Maria Olgum, actriz há 55 anos» foi,

Mais rugas

Durante uma rusga ontem efectuada pela secção de Costumes de PSP, nas zonas do Bairro Alto e Arco do Cego, foram detidos cinco homens e onze mulheres, por suspeita de vadiagem, com idades compreendidas entre os 18 e os 35 anos. Ficaram todos detidos.

por lapso transcrita uma afirmação incorrecta que passamos a esclarecer.

Era aí afirmado, pela boca da entrevistada que o empresário Augusto Gomes havia morto a mãe de Laura Alves, o que, na realidade não sucedeu. De facto a mãe da actriz (que nos escreveu assinalando a incorrecção) encontra-se viva, contando actualmente 70 anos. O facto relatado na entrevista verificou-se, mas tendo como vítima outra pessoa: a actriz Maria Alves. A semelhança dos nomes poderá ter dado origem ao engano, agora corrigido.

- Do lamentável lapso pedimos as nossas desculpas.

Morto por uma explosão

MOITA (ANADIA) — Vítima da explosão de um engenho que fabricara, com o entusiasmo dos seus 14 anos e sem o conhecimento dos pais, foi por estes encontrado morto o estudante João Carlos Alegre dos Santos Moura, aluno da Escola Técnica de Anadia.

Dando largas à sua inventiva, o infeliz jovem montou um instrumento detonador de características rudimentares, mas muito perigoso, e com o qual pretendia ir à caça dos pardais, no lugar de Ferreiro, onde residia.

Ao proceder a experiências, nas imediações da casa, o engenho explodiu e atingiu mortalmente o jovem, que ficou com o frontal perfurado e a mão esquerda esfacelada. Era filho de João dos Santos Moura e de D. Maria de Lurdes da Costa Rodrigues.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido na «Tabacaria Luar» Avenida Marginal, 11 - B CASCAIS



Quem viu esta mulher?

De casa de sua filha, residente nas Casas Pré-Fabricadas, Rua D, n.º 176-A, em Lisboa desapareceu no dia 29 de Julho findo, Lucinda Pereira Nunes, que sofre de perturbações mentais. A Polícia Judiciária solicita a quem souber do seu actual paradeiro, para informar directamente a sua Secção Central pelos telef. n.ºs 533131 ou 735380.

ANDARES

(PAÇO D'ARCOS)

Vendem-se em prédio novo, com linda vista de Tejo, composto de 3 casas assoalh., hall, coz., desp., marq. e casa de banho, com caixa-lheira em alumínio, aquecimento eléctrico, etc. Mostram-se todos os dias no local. Rua da Figueirinha, Lote 4 — Paço d'Arcos.

Trata: F. FERNANDES & COSTA, LDA. — Telef. 823231/2/3.

AS JÓIAS E AS PRATAS DA

Curiosaria da
GUIA
SÃO DIFERENTES



RUA D. DUARTE, 4-B
(Edifício do Hotel Mundial)

Dizem os leitores A falta de instalações desportivas em Olivais Sul

O Centro de Cultura e Desporto de Olivais Sul é uma agremiação que luta pela promoção dos habitantes daquele populoso bairro. Uma notícia por nós publicada, no mês passado — «Um campo para Olivais aterrar» — suscitou a atenção do clube que nos enviou algumas informações sobre o que se tem feito em matéria de desporto e recreio naquela zona lisboeta e das dificuldades que, como tantas outras agremiações semelhantes, se têm que enfrentar. Afirma-se, de início, na carta que nos enviou o seu presidente:

«Não quero deixar de historiar um pouco o que tem sido a vida desta colectividade. «Nasceu em 1964 no dia 2 de Maio, com o nome de Centro Comunitário de Olivais Sul. Por várias razões nunca conseguiu aquele centro aprovar o seu nome e os seus estatutos, vivendo portanto sem legalidade algum tempo. Contudo, note-se, nunca deixou de trabalhar em prol do bairro.

Fundou uma escola de educação de adultos, que ainda hoje funciona, tendo conseguido que cerca de 460 indivíduos de ambos os sexos, com idades entre os 14 e 62 anos, tirassem o seu exame da 4.ª classe do ensino primário.

Formou listas com assinaturas de moradores do bairro, que foram enviadas à Comp.ª Carris de Ferro de Lisboa, para funcionar a primeira carreira de autocarros dentro do bairro. As primeiras missas celebradas no bairro efectuaram-se na cave existente debaixo das instalações onde se situava a sede, que durante vários anos funcionou numa instalação cedida pelo Ministério das Corporações.

No âmbito desportivo, por carência de instalações, temos feito preparação física aos nossos atletas, na rua, e bem assim preparação técnica em algumas modalidades, e alugado campos para o desporto competitivo.

Em 1968, dadas as condições precárias em que se encontrava este Centro, foi nomeada uma Comissão Administrativa que se propôs fazer uma colectividade (com muita caridade, pois já são muito poucos os que correm assim), criando até o slogan «Queremos uma colectividade para o bairro, e não de bairro».

Assim, por despacho ministerial vimos aprovados os nossos estatutos e o nosso nome... Sobre o assunto da notícia, o campo de futebol deserto e por acabar, nas imediações da rotunda do aeroporto, a carta diz:

«... o campo não é só de futebol, pois a vedação que o circunda, encerra um ring polivalente. Sem dúvida que dada a carência de instalações desportivas existentes, sobretudo num bairro com cerca de 60 mil habitantes em que predominam as crianças, a instalação desportiva já há muito devia

estar em funcionamento. Mas têm sido muitos os problemas surgidos, apesar da boa vontade da Câmara, através do seu Gabinete Técnico de Habitação.»

E a seguir: Depois de muitas «démarches» feitas na Câmara Municipal de Lisboa, conseguimos a nossa sede, que é provisória, e que se situa no palácio do Contador-Mor, graças ao eng.º Fernando Santos e Castro, então presidente da Câmara, e as instalações desportivas que continuam por concluir. Sem dúvida que foi uma grande ajuda que a Câmara nos concedeu, mas, e tem que haver sempre um «mas»; o palácio caía e cai aos bocados, devido ao abandono, tendo já nós gasto do pouco que temos, algumas dezenas de contos, para conseguirmos ter algumas salas funcionais.

As instalações desportivas cujas obras de pavimentação já foram adjudicadas, tal como a construção do balneário-vestiário, ainda não estão concluídas, motivado a problemas de vária ordem, não com este Centro. Mesmo após a conclusão das obras atrás referidas, continuamos a braços com um problema que possivelmente não nos permitirá as actividades desportivas. Dada a existência de 2 estradas de grande movimento nos topos dos campos, a curta distância das balizas de futebol à rede de vedação, e a baixa altura desta, as bolas caem nas referidas estradas, com o consequente perigo para a circulação dos veículos. Temos 2 campos, futebol e ring polivalente. A distância da cabina em construção até ao ring, é grande, pois falta-nos outra cabina mais pequena para as chamadas modalidades pobres, isto sem contar com a falta de redes, tabelas, etc. Temos dado também à massa associativa sessões de cinema de longa metragem, gentilmente cedidas pelos Serviços Culturais da Câmara, mas só 2 vezes por mês, excepto no período de Verão. Todas as modalidades desportivas que praticamos estão devidamente inscritas nas respectivas Federações e Associações, assim como estamos inscritos na Fed. Por. das Colect. Cult. e Recreio. As modalidades que actualmente praticamos, são: atletismo, futebol, pesca desportiva, ténis de mesa e actividades submarinas, utilizando cerca de 90 atletas, desde os 9 aos 50 anos. Estamos integrados ainda, nas campanhas de divulgação do minibasquetebol, e voleibol, aguardando a conclusão dos campos.»

Carnaval em Loures

Em Loures ultimam-se os preparativos para os festejos carnavalescos deste ano. Para esse fim foram nomeadas uma Comissão Central e quatro equipas de trabalho que providenciam para que tudo corra impecavelmente no respeitante a guarda-roupa, montagem de carros e ornamentação das ruas.

No programa dos festejos carnavalescos de Loures está incluído um curso e bailes durante vários dias.

LUSTRES

de brilho inextinguível, modelos diferentes, ambiente acolhedor. Fábrica, Av. 5 de Outubro, 203, r/c., Esq. (no Campo Pequeno). Telefone 77 16 39..

VENDA AO PÚBLICO

TELEVISORES
GRUNDIG

Garantia de qualidade e duração...

em 3 linhas

Uma portaria do Ministério do Ultramar («Diário do Governo», 1.ª série, n.º 7) altera a redacção da Portaria n.º 21.312, de 29 de Maio, de 1965, que criou a Brigada Técnica de Fomento Agrário de Cabo Verde.

///

Estão abertos concursos para provimento dos lugares de tesoureiro do Município de Vinhais e terceiro-ajudante da Conservatória dos Registos Civil e Predial do Cadaval (3.ª classe).

///

Foram concedidas participações para a elaboração de planos de urbanização e plantas topográficas à Junta Distrital de Viana do Castelo, 185.500\$00; às Câmaras Municipais de Guimarães, 28.800\$00 e de Amarante, 37.440\$00; e ao Município de Elvas, 3.000.000\$00, para a obra da rede de esgotos e estação depuradora da cidade e saneamento das freguesias rurais do concelho.

///

O eng. Fernando Assis Camilo Teixeira foi nomeado, interinamente, director dos Serviços de Portos, Caminhos de ferro e Transportes de Moçambique.

///

Está aberto concurso documental para provimento de vagas de professor existentes em todos os grupos do quadro comum dos liceus do Ultramar.

///

O dr. Luís Augusto Grandvaux Barbosa e o arquitecto José Simões da Silva foram contratados, respectivamente, para exercerem as funções de equiparado a professor auxiliar da Universidade de Luanda e assistente eventual, além do quadro, da de Lourenço Marques.

///

Foi concedido ao eng. João Peixoto Cabral o título de agregado em Química Orgânica e Análise pelo Instituto Superior Técnico.

///

Vem na folha oficial (2.ª série, n.º 8) a lista dos candidatos admitidos e excluídos no concurso de admissão documental para preenchimento de vagas de auxiliar de campo de 3.ª classe do quadro auxiliar da Direcção-Geral dos Serviços Agrícolas.

///

O «Diário do Governo», da referida série, publica a tabela das taxas de aluguer do material circulante e maquinaria do Fundo de Fomento Florestal.

///

O dr. Eduardo Luís O'Conner Shirley Zúrate Cortesão exerce o cargo de director dos Serviços do Dispensário de Higiene Mental do Hospital de Miguel Bombarda.

///

O Município de Manteigas abriu concurso para a arrematação da empreitada de conclusão da construção de um conjunto habitacional de casas de renda económica naquela vila, na base de licitação de 3.515.000\$00.

RIA DE AVEIRO

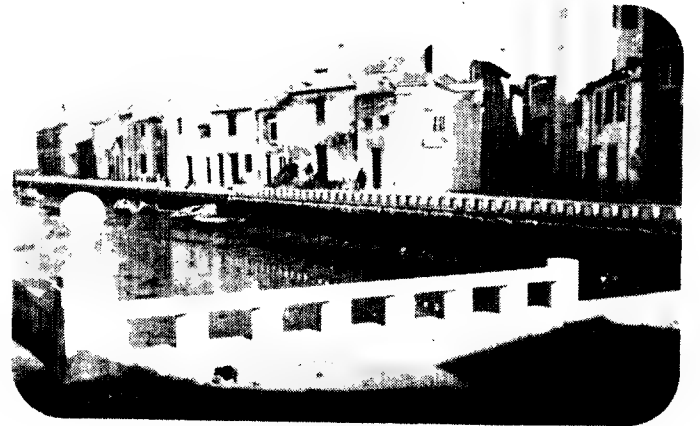
Muro novo em cais velho

AVEIRO, 11 — Desde há muitos anos que se fazia sentir a necessidade do Canal da Praça do Peixe ser resguardado com um muro, atendendo aos muitos acidentes pessoais e rodoviários que ali se tinham verificado, sobretudo quando,

em tempo de cheias, os menos incautos ou os desconhecidos do local se precipitavam no Canal.

A Junta Autónoma do Porto de Aveiro acaba de construir ali um murete que além de embelezar aquele braço da ria,

dá segurança a quem circula. Mas como não há bela sem senão, há que referir o aspecto imundo que a ria apresenta. E não é só na maré baixa que os detritos se vêem e o cheiro nauseabundo impera. Também com a água a razer o cais isso se verifica. Que é preciso fazer? Tapar aquele braço da ria, outrora tão útil ao comércio piscatório? Quanto a nós não deveria ser essa a melhor solução. Uma dragagem periódica, como há tanto tempo não se faz, retiraria grande parte daquele pestilento almalha. Referimo-nos ao Canal do Peixe mas o mesmo se poderia dizer do Canal Central. Há muito que não víamos aquele tão discuti-



O casario e o Canal da Praça do Peixe poderiam constituir um motivo turístico da cidade de Aveiro.

do troço da ria em tão lastimável estado de limpeza. A lingueta é um autêntico nojo. Há muito que se diz que os decantados cheiros naquele local irão desaparecer por mór do desvio dos despejos citadinos para outras paragens. Mas enquanto isso se não verifica por

que é que não de draga e manda limpar o quel mesmo com todos esses inconvenientes dos esgotos, poderiam ter um aspecto decente? Não nos esqueçamos que se aproxima mais uma época de turismo e que a Feira de Março está à porta...

Recorde de tratamento de petróleo estabelecido pela Sacor

Num esforço constante de aproveitamento do equipamento fundamental de destilação de ramas na Refinaria de Cabo Ruivo (Lisboa), tem conseguido a Sacor utilizar no máximo as potencialidades que aquela unidade industrial ainda lhe pode oferecer. Por outro lado, a laboração da Refinaria do Porto, dentro da sua actual capacidade, mantém-se em excelente ritmo.

Em consequência, foi possível à Sacor elevar a produção conjunta do petróleo bruto tratado nas duas Refina-

rias, de 4072323 toneladas (em 1971) para 4429993 toneladas, em 1972.

Entretanto, como é do conhecimento do público, vai a Sacor ampliar a capacidade de tratamento da Refinaria do Porto para 6 milhões de toneladas de petróleo anuais, permitindo, assim, exportar uma parte importante da sua fabricação. No final de 1973, graças às obras de remodelação das unidades de produção de combustíveis, essa capacidade atingirá já os 3 milhões de toneladas/ano.

Acção Nacional Popular

A «problemática da informação e comunicação» constituiu o tema ontem discutido na reunião do Núcleo Feminino da Comissão de Concelho de Lisboa da Acção Nacional Popular. Os trabalhos foram orientados por Luís Filipe de Oliveira e Castro e dra. Maria Clementina de Almeida e Vasconcelos.

Medicamento perigoso procurado com receitas falsas

LOURENÇO MARQUES, 11 — (ANI) — A Polícia Judiciária de Lourenço Marques e elementos da Inspeção do Exercício Farmacêutico de Moçambique prosseguem na campanha de detecção de origem do número considerável de receitas médicas falsas que ultimamente têm sido apre-

sentadas nas farmácias desta cidade.

Essas receitas têm-se destinado à aquisição de determinado medicamento para emagrecimento, que tem efeitos excitantes, o «Lipo-Perdur». E sabe-se que a maior parte dos «clientes» deste medicamento são estudantes.

Uma planta africana existente em Moçambique terá efeitos anticancerígenos?

LOURENÇO MARQUES, 11 — (ANI) — Uma planta profundamente disseminada por Moçambique poderá ter efeitos anticancerígenos — segundo a Imprensa local — e está a ser estudada por cientistas estrangeiros. Trata-se da «Maytenus», de que são conhecidas duzentas espécies.

Em Moçambique existem

dez espécies desta planta, que as populações utilizam como produto medicinal para combater a desinteria amiana e contra os efeitos das mordeduras de cobra.

O interesse científico desta planta surgiu com a recente visita de um grupo de cientistas norte-americanos do Laboratório de Plantas

Medicinais de Belleville (Maryland) ao Quênia, à Zâmbia e à República da África do Sul. Neste último país estão em cursos diversos estudos e fazem-se recolhas das folhas e dos troncos da «Maytenus», que são em seguida enviados para o Maryland.

Segundo o director da-

quele laboratório, dr. Robert Perdue Junior, o estudo da planta pode significar um importante passo na luta contra o cancro.

A planta existe em quase todos os distritos de Moçambique, particularmente nos da Zâmbia, Vila Pery, Tete, Cabo Delgado e Beira.

Quinze mil toneladas anuais produzirá o matadouro industrial da zona centro

COIMBRA, 11 — Na sede da Federação dos Grêmios da Lavoura da Beira Litoral houve uma importante reunião para a apreciação do ante-projecto do Matadouro Regional e Industrial de Coimbra, uma das maiores aspirações da cidade e que se vai construir em Taveiro, na Quinta da Saudade, onde já começaram os trabalhos de sondagens e de captação de águas, como nos referimos.

Presidiu o chefe do distrito, eng.º Leopoldo da Cunha Matos e estiveram presentes o presidente da Câmara Municipal, eng.º Araújo Vieira; presidente da Comissão de Planeamento Regional Centro, eng.º Engrácia Carrilho; delegado do I.N.T.P., Carvalho Parente; presidente da comissão permanente da indústria de abate, inspector-geral, dr. França e Silva; presidente e vice-presidente da Federação de Grêmios da Beira Litoral, respectivamente, dr. Costa e Almeida e regente agrícola

Álvaro da Piedade Abreu; dr. José dos Santos Bassa; delegado da Junta Nacional dos Produtos Pecuários, dr. José Gualdino; intendente de Pecuária, dr. Joaquim Borrego e, ainda, técnicos da federação e representantes da firma francesa que se encarregou da construção.

Foi posta em relevo a importância desta realização, principalmente como organismo indispensável no conjunto de infraestruturas de que o plano do Mondego precisa.

CARACTERÍSTICAS E PRODUÇÃO

Após a reunião, algumas das referidas entidades visitaram o local onde vai ser construído o matadouro e que dispõe de uma zona de seis hectares, ficando com área coberta de dez mil metros quadrados. O ante-projecto inclui um corpo central para abate e de dois laterais, um destes destinado a estábulo e o outro, em plano ligeiramente inferior, para aproveitamento de

subprodutos. Tem, também anexas, as câmaras de frio. Incluirá, ainda, um atelier para corte e embalagem de carne para fornecimento aos supermercados, secção de salsicharia e uma cozinha para fabrico de rações preparadas e destinadas ao abastecimento do público ou de organizações fabris ou hospitalares.

Está previsto para dois anos o prazo de construção, incluindo os acessos, em número de três, um dos quais ligando a Condeixa-a-Nova e outro ao apeadeiro de Vila Pouca. Está prevista, também, a construção de um ramal de caminho-de-ferro, desvio da linha Norte, que passa no extremo da quinta.

Segundo os cálculos o abate será de 15 mil toneladas anuais.

Urbanização e saneamento

Foram autorizadas a contrair os seguintes empréstimos na Caixa Geral de Depósitos, para obras de urbanização e saneamento, as seguintes Câmaras Municipais: de Ansião (2500 contos), para abastecimento de água e saneamento daquela vila e de Avelar; 2000 contos ao Município de Bragança; 10000 contos à Câmara de Loures (abastecimento de água à Praia da Zambujeira e aquisição de contadores); e 1300 contos à de Portalegre (com idêntico fim) e 1630587\$00 à edilidade de Santiago do Cacém, para abastecimento de água a Brescos e sede da freguesia de Abela e electrificação do concelho.

POR FAVOR NÃO ESQUEÇA NÃO CONFUNDA

A GRANDE OURISSA-RIA DA MODA é na RUA DA PRATA, 257 com mais de meio século de existência

DL/ESTRANGEIRO

O MUNDO
EM 24
HORAS

SALTO ESPECTACULAR

O saldo positivo sempre crescente do comércio externo espanhol contribuiu para que as reservas convertíveis se aproximassem dos cinco mil milhões de dólares (135 milhões de contos) — anunciou o Ministério do Comércio da Espanha. O volume total do comércio externo aumentou, em 1969, de 10,6 para 17,5 mil milhões de dólares, em 1972. Trata-se de um «salto espectacular» na balança de pagamentos. Espera-se que o saldo positivo da balança em 1972 ultrapasse os mil milhões de dólares.

KAUNDA CRITICA

O presidente da Zâmbia, Kenneth Kaunda criticou os regimes da África do Sul e da Rodésia durante um discurso que pronunciou na abertura do Parlamento do seu país. Kaunda, porém, não indicou se se estava a planear qualquer acção para contrariar o bloqueio que o regime de Ian Smith moveu contra o seu país. Kaunda referiu-se, à África Austral como «côvil de iniquidade e de exploração das massas», reafirmando o seu apoio aos movimentos de libertação. O presidente zambiano disse ainda que o seu país defende os «actos de agressão desencadeados por homens em desespero».

RACIONAMENTO NO CHILE

O ministro das Finanças chileno anunciou que o seu Governo vai nacionalizar pelo menos 40 produtos de primeira necessidade. Segundo Fernando Flores, o ministro, esta é a resposta do Governo à escassez de produtos alimentícios. Círculos oposicionistas protestaram imediatamente contra a medida, afirmando que ela era uma forma de perseguição dirigida contra eles. Segundo os planos do Governo, serão criadas comissões de racionamento, as quais atribuirão as dotações de cada família.

URSS E CHINA

A Imprensa soviética classificou como provocações as afirmações chinesas de que a redução de tropas na Europa serviria para a URSS reforçar os contingentes estacionados na fronteira com aquele país asiático. A «Komsomolskaya Pravda» afirma que, ao defender essa posição, Pequim se alia aos que se opõem ao desarmamento da Europa. Referindo-se ao Mercado Comum, o jornal das juventudes soviéticas afirma que Pequim se está a servir da «união monopolista na Europa Ocidental» para contrariar a política de paz dos países socialistas.

Bloqueio rodesiano à Zâmbia: golpe na economia da Beira

BEIRA, 11 (F. P.) — A decisão rodesiana de encerrar a sua fronteira com a Zâmbia vibra um novo golpe na economia da Beira, o principal porto moçambicano no Oceano Índico, indicam os círculos comerciais desta cidade.

Não tendo ainda podido superar as dificuldades criadas pelas sanções económicas britânicas, a Beira poderá sofrer graves prejuízos se o embargo se mantiver. O movimento deste porto, que era anteriormente da ordem

dos 7000 000 de toneladas de mercadorias por ano, não excede agora os 4000 000 de toneladas.

AINDA A MONTE 80 GUERRILHEIROS

SALISBURY, 11 (R.) — Continua na Rodésia a perseguição a guerrilheiros nacionalistas africanos quando o Governo observa sinais de que o encerramento da fronteira com a Zâmbia está a diminuir a média

de infiltração.

As operações de segurança entraram hoje na quarta semana e anunciou-se que cerca de 80 infiltradores se encontram ainda a monte, possivelmente divididos em pequenos grupos e auxiliados por homens de tribos africanas.

Crê-se que o Governo está a estudar atentamente notícias de Zâmbia, esperando ver indicações de que o encerramento da fronteira, ordenado como represália por ataques de surpresa,

está a ter efeito. A Rodésia comunicou que não reabrirá a raia até a Zâmbia dar garantias satisfatórias de que não será mais permitido a guerrilheiros operarem contra o seu território, partindo desse país.

O número de mortes em consequência de recentes incidentes com guerrilheiros aumentou para três na segunda-feira passada quando dois polícias sul-africanos pisaram uma mina terrestre.

A Rodésia permite que continue o trânsito de cerca de 27 000 toneladas de cobre zambiano por mês. Contudo, cerca de metade das importações de Zâmbia, incluindo a maior parte de géneros alimentícios e equipamento vital para minas, vêm através da Rodésia.

Os caminhos-de-ferro sul-africanos anunciaram ontem que não aceitavam mercadorias para a Zâmbia, a seguir ao pedido feito pelos caminhos-de-ferro rodesianos.

Esta súbita suspensão do tráfego podia, também, vir a ser um severo golpe para os fabricantes sul-africanos. Fontes bem informadas de Joanesburgo afirmaram que esses fabricantes se arriscam a perder cerca de 60 milhões de «rands» (aproximadamente 1950 000 contos) por ano em exportações para a Zâmbia se a fronteira permanecer fechada.

O funcionário disse que a África do Sul se encontrava em segundo lugar, logo a seguir à Grã-Bretanha, como fonte das importações zambianas.

Entretanto, as primeiras denúncias da medida da Rodésia foram feitas por países da África negra e em Dar-es-Salam fontes oficiais declararam que a Tanzânia estava ansiosa por encontrar maneira para auxiliar a Zâmbia, fazendo todos os esforços para utilizar completamente as suas ligações rodoviárias.

“ECONOMIA DE GUERRA” DECRETADA NO CHILE

SANTIAGO DO CHILE, 11 — O Governo chileno de coligação de esquerda decidiu tomar medidas de «economia de guerra», para pôr termo à inflação, ao açambarcamento e ao mercado negro.

Ao dirigir-se ontem à noite à população, pela TV, o ministro das Finanças, Fernando Flores, anunciou que o Governo tomará a seu cargo «o controle directo da distribuição dos produtos essenciais, para que todas as famílias recebam os géneros e produtos em quantidades correspondentes às suas necessidades reais». O ministro acusou a oposição de, com a sua acção antipatriótica, se tornar responsável por todos os problemas postos aos consumidores, pela insuficiência do reabastecimento e pelo mercado negro. Fernando Flores reconheceu que o Governo tem «cometido

erros» ao procurar solucionar esses problemas e acrescentou que é chegado o momento de iniciar uma tarefa enérgica. «Encontramo-nos perante o facto — disse — de a produção aumentar substancialmente, enquanto os produtos essenciais aparecem em quantidade insuficiente no mercado... Pagando mais caro os bens de consumo, no mercado negro, o povo perde os rendimentos do trabalho que vão parar às mãos de uma minoria sedenta de ganhos e pouco escrupulosa».

O ministro das Finanças chileno enumerou, em seguida, uma série de «medidas de guerra», que vão ser tomadas imediatamente para acabar com o «açambarcamento e o mercado negro», bem como para punir exemplarmente os maus funcionários e eliminar as várias formas de oburocratismo.

O ministro das Finanças especificou que o Governo assumirá o «controle» directo da distribuição dos artigos essenciais por intermédio de «um secretariado geral de distribuição», dependente do Ministério da Economia. As empresas industriais, pertencentes a particulares, que produzem bens de consumo essenciais, deverão assinar «contratos de exclusividade» com esse organismo.

A venda directa ao público por parte das fábricas e grupos industriais passa a ser proibida. O mesmo se passará com o sistema de remuneração do pessoal em géneros e produtos, e ainda com as condições preferenciais atribuídas a esse pessoal para a compra dos artigos fabricados pelas empresas onde trabalha, pois isso é «fonte de mercado negro». A venda directa e a troca de produtos agrícolas desaparecerá também, ficando a cargo do Estado a sua «comercialização e distribuição».

Será estabelecido — disse ainda Flores — um tipo de «racionamento» para uns 30 produtos essenciais que constituirão o «cesto» da dona de casa. O Governo não aceitará, «seja por que motivo for», a conservação de monopólios privados de nenhuma espécie e as «juntas de reabastecimento e dos preços» de cada bairro ou região passarão a denunciar «os comerciantes sem escrupulos» e qualquer tentativa de açambarcamento de artigos de primeira necessidade.

PROTECÇÃO AO AMBIENTE NA UNIÃO SOVIÉTICA

MOSCOVO, 11 — (UPI-ANI) — A URSS tenciona estabelecer programas de protecção ao meio ambiente como parte integrante do plano de desenvolvimento económico para o próximo ano — anunciou a agência Tass.

A decisão, tomada pela comissão central do Partido Comunista e pelo conselho de ministros, salienta que será criado a este propósito um serviço nacional para a observação e controle dos níveis de poluição da atmosfera, no solo e da água.

«A decisão tem em conta as propostas manifestadas pelos deputados do Soviete Supremo (Parlamento) du-

rante a sessão de Setembro que fora decidida a protecção do meio ambiente».

«De acordo com os desejos dos deputados — acrescentou a Tass — foi decidido, em particular, que os planos anuais de longo prazo, destinados à utilização racional dos recursos naturais e à protecção da natureza, serão estabelecidos nos princípios de 1974 e tornar-se-ão parte integrante dos projectos para o desenvolvimento da economia nacional».

A crescente atenção dedicada à protecção do meio ambiente reflectir-se-á na estrutura de muitos departamentos centrais — explicou a Tass.

Cresce o tráfego aéreo sobre o Atlântico Norte

GENEVA, 11 — (ANI) — Um total de 13.050.000 pessoas atravessaram de avião o Atlântico Norte durante o ano passado — anuncia a Associação Internacional de Transportes Aéreos, (IATA) salientando que a cifra apresenta um aumento de 15,6 por cento em comparação com os 11.290.000 registados em

1971.

Apesar do crescente número de passageiros — afirma a IATA — a indústria dos transportes aéreos precisa de um período de estabilidade com «um regulamento, claramente definido e internacionalmente aceite: abrangendo todo o mercado — o regular e o fretado».

Dependência petrolífera ameaça a segurança dos Estados Unidos

WASHINGTON, 11 — (UPI-ANI) — A segurança dos Estados Unidos pode ser ameaçada pela crescente dependência do petróleo do estrangeiro, principalmente do Médio Oriente — declarou o secretário norte-americano do Interior, Rogers Morton, ao mesmo tempo que pediu a introdução de profundas alterações no programa de importação norte-americana do petróleo.

Falando perante uma comissão do Senado, o secretário do Interior declarou que a dependência norte-americana do petróleo estrangeiro aumentará de 13 por cento — cifra actual — para 28 por cento, em 1985. A maioria destas importações serão provenientes do Médio Oriente.

«Interrupções nas importações acarretariam mais graves problemas aos Estados Unidos, podendo também causar graves prejuízos à nossa segurança nacional, interna e externa» — salientou Morton.

Ao iniciar o debate, o presidente da comissão, Henry Jackson, democrático de Washington, sugeriu que as empresas petrolíferas norte-americanas «não sejam apenas reféns e veículos do recebimento de impostos da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP)».

O secretário norte-americano do Interior declarou ainda que os acordos recentemente assinados, sobre participação, entre empresas e Governos da área do Golfo Pérsico «garantem que, até 1975, os impostos pagos sobre o petróleo do Médio Oriente serão, pelo menos, 60 por cento mais altos do que em 1970».

«Futuras importações das Caraíbas — prosseguiu Morton — incluindo a Venezuela não serão muito diferentes das actuais volumes, ou seja, com a sua posição relativa a decair».

Acrescentou, contudo, que novas produções talvez possam ser desenvolvidas «algures» no hemisfério ocidental.

Um documento distribuído pela comissão mostra que as importações norte-americanas de petróleo aumentaram de 3,4 milhões de barris diários em 1970, para 14,8 milhões em 1985.

Caleidoscópio

MOBUTU NA CHINA — O chefe do Governo chinês, Chu En-Lai, teve ontem à tarde conversações com o presidente da República do Zaire, general Mobutu Sese Seko. Nas conversações participaram o ministro chinês dos Negócios Estrangeiros, Chi Peng-Fei, e outros importantes funcionários governamentais chineses — revela a agência noticiosa «Nova China». (UPI e ANI).

CRUZ GRAVADA NA TETA — Homens encapuzados gravaram viciosamente com uma navalha uma cruz na testa de uma adolescente católica porque a jovem tinha encontros com um rapaz protestante. A Polícia revelou que a rapariga, de 17 anos, fora atacada ontem

à noite, perto da sua residência em Sion Mills, a cerca de 96 quilómetros a oeste desta cidade. (R).

EXTREMISTAS BRASILEIROS MORTOS — Seis militantes da organização subversiva «Frente Armada Revolucionária» foram mortos esta semana num recontro travado com a Polícia no Estado de Pernambuco. Os extremistas mortos pela Polícia participavam numa reunião da «frente». O tiroteio começou quando os agentes da segurança se preparavam para examinar a quinta onde se realizava a reunião e que servia também de local de treino. (FP).

CUBA-EUA — Houve iniciativas dos dois lados mas existem ainda alguns assuntos que

necessitam ser postos em pratos limpos — declarou Charles Bray, informador da Secretaria norte-americana de Estado, a propósito do acordo cubano-norte-americano destinado a combater a pirataria aérea. No entanto, Bray recusou-se a fornecer mais pormenores das negociações e não revelou o conteúdo da mensagem cubana sobre o caso, recebida em Washington na semana passada. (UPI e ANI).

JOIAS ROUBADAS — Gatunos arrombaram uma porta de vidro na igreja católica de St. Rosalie, em Brooklyn, e roubaram ontem, à noite, joias no valor de 350 000 dólares (cerca de 9 440 contos) da capela da Regina Pacis, segundo comunicou a Polícia. (R).

DUAS TRAVESSAS

O presidente Anwar Sadat na Jugoslávia

PULA (JUGOSLAVIA), 11 (R) — O presidente Anwar Sadat do Egipto, chega hoje a esta cidade, vindo de Trípoli, a fim de travar conversações privadas com o presidente Tito da Jugoslávia sobre medidas para ajudar a acabar com o actual impasse da crise do Medio Oriente.

Diplomatas ocidentais de Belgrado têm conjecturado que o dirigente egípcio poderá pedir ao presidente jugoslavo para empregar os seus bons ofícios junto do Ocidente, a fim de ser apresentada uma nova proposta para resolver o conflito.

Funcionários do Governo jugoslavo recusaram-se, porém, a comentar sugestões de que poder-se-ia solicitar ao presidente Tito para agir como intermediário e que é impossível que a Jugoslávia assumisse um papel de medianeira visto Belgrado ter cortado as relações com Israel, após a guerra dos seis dias, em 1967.

O marechal Tito preferirá provavelmente deixar tal tarefa à Roménia. Bucareste tem mantido relações diplomáticas com Tel-Aviv desde a guerra dos seis dias e tem, também, boas relações com o Cairo, esperando-se que o presidente Sadat realize ainda este ano uma visita oficial à Roménia.

Os jugoslavos têm dado todo o seu apoio à causa árabe e pedido a Israel que se retire de territórios árabes ocupados.

Sadat chegará a esta cidade, no norte da Jugoslávia, vindo directamente de Trípoli, onde travou conversações com o dirigente líbio Muammar Gaddafi, devendo regressar na sexta-feira ao Cairo.

COMUNIDADES EUROPEIAS

São componentes da missão permanente de Portugal junto das Comunidades Europeias: os srs. embaixador dr. Fernando de Magalhães Cruz, chefe da missão e drs. Fernando José Reino, chefe-adjunto da missão, Aires Correia, conselheiro económico e Pedro Ordaz, conselheiro comercial.

Decisões para acelerar a união Egipto-Líbia

CAIRO, 11 (UPI/ANI) — O presidente egípcio Anwar Sadat e o chefe do Estado líbio, coronel Muammar Gaddafi, terminaram ontem dois dias de conversações em Trípoli com a divulgação de uma série de decisões destinadas a reforçar e a acelerar a projectada união política dos dois países — anuncia a rádio do Cairo, classificando a reunião dos dirigentes como a primeira acerca da projectada fusão.

Sadat, que chegara a Trípoli na segunda-feira para conversações sobre uma vasta gama de tópicos, incluindo planos conjuntos egípcio-líbios para a confrontação com Israel, parte hoje para a Jugoslávia.

Segundo a rádio os dois dirigentes decidiram:

— Traçar um plano unificado para o desenvolvimento económico tanto do Egipto como da Líbia.

— Que os dois países devam possuir uma política de comércio externo unificada.

Os pombos de Veneza vão ser deportados

VENEZA, Itália, 11 (UPI-ANI) — esta medida já foi tentada com a Máfia. Agora os pombos de Veneza vão igualmente ser deportados e enviados para o exílio em locais distantes.

Milhares de pombos da Praça de São Marcos estão a ser enviados para outras cidades italianas onde estas aves não abundam. Não que os venezianos não gostem de pombos: simplesmente, os excrementos das aves são responsabilizados pelos danos causados aos preciosos mármore da Basílica de São Marcos e de

outros edifícios da cidade. As autoridades sanitárias declararam que grande parte dos pombos apanhados são mortos, visto serem portadores de doenças que se podem transmitir aos seres humanos.

Contudo, os pombos são uma faceta tradicional da vida veneziana há muitos séculos. De acordo com a lenda, estas aves têm um lugar especial na cidade desde 1204, por terem sido portadores da mensagem que anunciava uma vitória do «doge» Eurico Dandolo.

Medidas em Paris para proteger a sra. Golda Meir

PARIS, 11 (UPI-ANI) — Os responsáveis pela Polícia francesa estiveram ontem a decidir medidas especiais de segurança para o período durante o qual vai estar em Paris o chefe do Governo de Israel, senhora Golda Meir.

Organizações esquerdistas e favoráveis à causa palestina anunciaram que farão manifestações amanhã e depois, contra a presença na capital francesa daquela dirigente judaica, que vem participar na Internacional Socialista.

Por seu turno, grupos de jovens judaicos tencionam efectuar manifestações de apoio a Golda Meir.

Alguns comícios contra Israel foram especialmente convoca-

dos depois de haver morrido, na terça-feira, o chefe da delegação palestina em Paris, Mahmoud Hamshari.

Aquele representante da organização de libertação da Palestina foi vítima de ferimentos sofridos no dia oito de Dezembro, quando explodiu uma bomba colocada no seu apartamento por terroristas não identificados.

Os planos de viagem de Golda Meir são por agora secretos — indicou a Polícia francesa, que se encontra particularmente ocupada porque para além do chefe do Governo de Israel outros políticos importantes de diversos países vêm também a Paris participar nos trabalhos da Internacional Socialista.

Os pilotos de linha ameaçam fazer greve

MONTREAL, 11 (UPI e ANI) — Pilotos das linhas aéreas mundiais fizeram ontem uma advertência: se os Governos não tomarem medidas eficazes contra a pirataria aérea, efectuarão uma greve por tempo indeterminado.

«A pirataria aérea tem de terminar» — declarou o capitão Ola Forsberg, presidente da Federação Internacional dos Pilo-

tos (FIA), numa reunião de membros da Organização Internacional da Aviação Civil (ICAO).

A comissão jurídica da ICAO está a tentar encontrar a forma de fazer aplicar acordos internacionais contra a pirataria aérea e outras formas de violência que prejudicam a aviação civil.

Forsberg advertiu que, se a ICAO não tomar medidas eficazes, os pilotos da IFALPA podem convocar uma greve ou uma boicotagem mais limitada contra os países que dão guarida a piratas do ar.

«Cabe aos Governos a responsabilidade de garantir a segurança na aviação civil» — declarou Forsberg, recordando que os pilotos da IFALPA fizeram uma greve de um dia, que Junho de 1972.

A reunião da comissão jurídica da ICAO, que se deve prolongar por três dias, foi efectuada principalmente devido aos esforços nesse sentido dos Estados Unidos e do Canadá. Estes dois países co-patrocinam uma resolução que imporia sanções, nomeadamente interrupção das ligações, a países que não extraditassem piratas do ar.

A reunião de ontem foi assinalada pelos primeiros indícios de resistência dos países árabes contra quaisquer tentativas de impor sanções como as que os Estados Unidos e o Canadá propõem.

O Egipto e o Qatar declararam que aquelas sanções são já exclusiva competência do Conselho de Segurança das Nações Unidas.

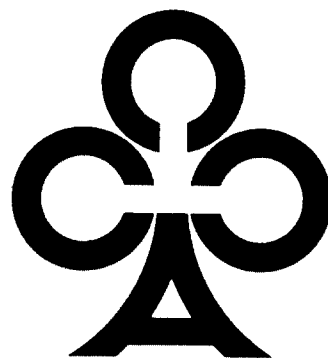
A ameaça feita pelos pilotos tem o apoio da Federação Internacional dos Transportes, de duzentos e cinquenta mil membros.

DIVÓRCIO DO EX-"PREMIER"



O antigo primeiro-ministro dinamarquês Jens Otto Krag e sua mulher, a actriz Nelle Virkner, confirmaram os rumores de um próximo divórcio. Krag, de 58 anos, e a actriz de 23, casaram-se em 1959, quando aquele político era ministro dos Negócios Estrangeiros. (Telefoto UPI/Telimprensa/DL)

CASINOS DO ALGARVE



Admissão de empregados para os Casinos de Alvor, Vilamoura e Monte Gordo

Pessoal para as Salas de jogo, Restaurantes, Cozinhas, Bares, Porteiros, Contínuos, Pessoal de limpeza, etc.

As inscrições estão abertas na Sede da Empresa:

Rua Filipe Folque, 2, 6.º. Esq. - Lisboa e na Escola

de Hotelaria e Turismo do Algarve - Rua do Letes, 32 - Faro

DL/GERAL

A indústria nova da anti-polução

Ao tomar-se consciência de que o planeta se encaminha como lar do Homem, para um futuro de verdadeiro holocausto o «ambiente» tornou-se um assunto de interesse candente. Para além do «mea culpa» contrito pelas acções cometidas contra a Natureza, era necessário agir. Sem dilatação possível das dimensões do planeta, cujos recursos aliás se aproximam perigosamente da exaustão só resta preservar o que ainda puder ser poupado e tentar recuperar algo do que parece já perdido.

E é a tecnologia fantástica, que há momentos (na história da sua civilização) lhe deu tudo, para, pouco depois, ameaçar destruí-lo, que o Homem tem de recorrer para assegurar o seu futuro. E uma indústria nova que nasce, a da antipoluição, estimulada no seu crescimento pela legislação protectora do ambiente. O acordo da economia e da ecologia na gestão da biosfera, para o bem-estar da humanidade. Só a custa desta síntese será possível conciliar a protecção das condições necessárias à vida com o desenvolvimento económico, que também condiciona a sua harmonia.

Sem dúvida um campo a merecer atenção urgente antes que as populações traumatizadas por «smogs» assassinos e por ruídos ensurdecedores venham a exigir medidas extremas, com consequências económicas fora de toda a proporção para os resultados alcançados.

A indústria, consciente, das suas responsabilidades, mostra-se disposta a assumi-las, obviamente num ritmo que não vá comprometer os seus objectivos. Aliás, qualquer industrial que baseie a sua acção no princípio de iludir eternamente os problemas está redondamente errado. Num momento (que certamente não será escolhido por ele) ver-se-á posto bruscamente em face de normas e regulamentações que o constangirão sem apelo.

Para além de casos um tanto singulares (como o anúncio de uma britadeira silenciosa que vi há tempo), o público não consegue dar-se conta exacta dos esforços que são feitos neste domínio. E uma verdade infelizmente que os problemas industriais não se adaptam bem a soluções acabadas. As «soluções» necessárias, pode dizer-se, são adaptadas a cada unidade industrial ou, melhor, a cada processo de fabricação de uma destas unidades. O estudo aturado e os investimentos vultuosos feitos nesta luta contra a poluição vão gerar um progresso profundo em diversos processos de fabricação. De maneira a substituir formas de depuração «a posteriori», onerosas e forçosamente de carácter parasitário, por processos novos que, no seu condicionamento «a priori», tenham um resultado sem poluição ou onde ela se apresente em grau menor.

E a pesquisa fundamental ou aplicada que caberá trazer soluções. Na verdade, as técnicas actuais de produção ou depuração acusam-se justamente de falharem porque, no seu estabelecimento, houve sempre um «não controlado» marginal. E este «não controlado» que o desenvolvimento e a concentração tornam insuportavelmente assustador na actualidade. São estes fenómenos marginais que têm de ser estudados convenientemente, de maneira a informar uma produção e distribuição que se querem «limpas».

E, sem dúvida, com uma nota (justa) de esperança



que se deve terminar: o homem está tomando consciência plena dos seus problemas e podemos, confiadamente, esperar que o seu engenho saberá resolvê-los. Que alguns passos ainda incipientes (ou forçadamente retráidos) venham a ganhar a amplitude necessária para «acertar o passo» com os que, no mundo marcam a cadência. Que saibamos preservar este País onde queremos (e temos) de continuar a viver. E pelo que todos devemos fazer votos e, parece-me, esperar com confiança.

IMPRENSA: UMA INFORMAÇÃO POUCO SATISFATÓRIA

Por ISABELLE VICHNIAC

GENEVA — O Instituto Internacional da Imprensa (I.I.P.), com sede em Zurique, publicou o seu relatório anual intitulado: «Um novo ano de batalhas perdidas». Para Ernest Meyer, director do I.I.P., apenas um quinto dos Estados beneficia de uma informação satisfatória. A sua visão de 1972 não é nada reconfortante, pois que «um número crescente de governos, parlamentares, cidadãos e mesmo certos representantes da imprensa admitem os atentados à liberdade de expressão como legítimos e justificáveis».

Evocando a situação em França, o relatório lembra o desaparecimento do semanário «Les Lettres Françaises» e do diário «Paris-Jour», assim como as «mexidas» de que a O.R.T.F. foi objecto.

Constata-se que, no conjunto, poucas modificações se verificaram nos países democráticos em relação aos anos anteriores, excepção feita à Itália, onde se lamenta, entre outras, uma busca feita na sede do «Corriere della Sera» e os processos movidos à imprensa, baseados em disposições de um código penal que data da época fascista.

Na Checoslováquia mais de mil e duzentos jornalistas foram expulsos da União dos Jornalistas depois de 1968, tendo alguns deles sido condenados a pesadas penas de prisão. Alguns correspondentes ocidentais, entre os quais um colaborador do diário comunista italiano «L'Unità», foram expulsos sem a menor explicação. Um colaborador da televisão italiana foi detido durante quarenta e três dias, em condições inadmissíveis.

A imprensa jugoslava está a viver uma crise: diversas publicações — nomeadamente o semanário croata «Hrvatski Tijednik» que tirava mais de 100 000 exemplares — tiveram de deixar de se publicar; outros foram objectos de embargos, o mesmo acontecendo a publicações estrangeiras. As primeiras vítimas da depuração em curso em toda a imprensa jugoslava foram os directores das duas mais importantes publicações de Belgrado, o diário «Politika» e o semanário «Nin».

A situação é igualmente alarmante em Espanha, Grécia, Portugal e Turquia.

Na América Latina a situação agravou-se ainda mais. O relatório refere-se às pressões que ameaçam a liberdade de imprensa no Peru e no Uruguai e sublinha que em numerosos países (Brasil, Cuba, Haiti, Panamá) já há muito que não existe nenhuma liberdade de imprensa. Na Bolívia, muitos jornalistas

foram presos, encontrando-se outros no exílio. Note-se que o relatório nada diz sobre o México, onde a situação da imprensa é, pelo menos, ambígua, mostrando-se particularmente severa a respeito do Chile.

Também em África o ano findo foi terrível para a imprensa. Paradoxalmente, o relatório revela que na África do Sul «a imprensa continua livre». No Uganda, os jornalistas estrangeiros foram vítimas das reacções imprevisíveis do presidente Amin.

No Médio Oriente, no Irão que a censura e as pressões parecem mais enérgicas. Os jornalistas estrangeiros viram ser-lhes interdito o acesso a uma série de processos políticos, no decurso dos quais foram julgados elementos oposicionistas.

O Instituto Internacional da Imprensa cita, no seu relatório, dois países do Próximo Oriente: o Egipto, por onde, apesar dos esforços da imprensa no sentido de se libertar, a fiscalização a que está sujeita se mantém, mas onde a censura imposta aos correspondentes estrangeiros parece ter sido ligeiramente aliviada; o Líbano, onde o correspondente da agência UPI foi expulso e onde dois directores de jornais de Beirute foram condenados a um mês de prisão.

Na Ásia (a China Popular, país em que se verifica, com satisfação, uma certa abertura para o mundo exterior, foi classificada na rubrica «mundo comunista»), o relatório sublinha que no Japão a imprensa continua livre e poderosa e que na Índia mantém, apesar das pressões governamentais, uma certa liberdade. O mesmo acontece no Bangla Desh, embora o governo suporte mal as críticas. No Paquistão, o decreto que instituiu o estado de emergência continua em vigor, e foram presos directores, redactores e impressores de jornais por terem criticado o governo.

A situação não é melhor no Vietname do Sul e em vários outros países asiáticos. A imprensa está domesticada na Birmânia, sujeita a numerosas medidas de suspensão no Camboja, «posta a passo» na Coreia do Sul, ameaçada em Ceilão. Na Indonésia estão presos uns vinte jornalistas, de há vários anos a esta parte. Um dos atentados à liberdade de expressão que o relatório constata com amargura consiste naquele que condenou ao silêncio a imprensa das Filipinas, após a entrada em vigor do estado de emergência.

INFORMAÇÃO ECONÓMICA

MILHARES DE MILHÕES DE DÓLARES PARA A AVIAÇÃO

WASHINGTON (ANI) — Uma comissão presidencial chegou à conclusão de que o sistema aeronáutico norte-americano atravessa uma grave crise e recomendou um programa de vários milhares de milhões de dólares para pôr termo a esse problema. Neste programa seria incluído o auxílio directo do Governo aos construtores de aviões.

A comissão propôs também as seguintes medidas: diminuição acentuada do ruído causado pelos aviões; criação de um subsecretariado da aviação comercial; formação de um banco nacional de empréstimos para a construção de novos aeroportos; autorização de aterragem dos aviões supersónicos nos Estados Unidos apenas quando forem alcançados os limites propostos de ruído e de poluição.

Este estudo de dois anos foi realizado pela comissão de conselheiros presidenciais da aeronáutica, cujos nove elementos representam o público, o governo e a indústria. A comissão anunciou que, para a aplicação das suas propostas, nos próximos doze anos, serão precisos 103 mil milhões de dólares (cerca de 2780 milhões de contos).

De acordo com o estudo, o barulho dos aviões é o problema mais grave com que a aviação se debate actualmente. Até agora, as tentativas da indústria aeronáutica para diminuir o ruído dos aviões são insuficientes para poderem ganhar a aceitação do público.

No relatório da comissão pede-se que as linhas aéreas tenham que os seus aviões realizem descargas e aterragens menos ruidosas, que tentem completar o mais depressa possível os seus programas de motores menos ruidosos e que, até 1980, «retiram do serviço activo» todos os aviões que não estejam dentro dos limites de ruído marcados pelo Governo.

A comissão recomenda também que a utilização dos aviões supersónicos nos Estados Unidos só se faça quando se verificar que estes engenhos não causam problemas no meio ambiente, que estão dentro dos limites de ruído imposto pelo Governo e que não produzam grandes estampidos sónicos nas «zonas de aterragem».

BORRACHA

ARRON, OHIO (ANI) — A indústria norte-americana

da borracha vai ter «excelentes oportunidades» de desenvolvimento e rentabilidade no ano em curso, na sequência da melhoria global da economia nos Estados Unidos, afirmou Pendeton Thomas, presidente de uma das principais fábricas do ramo.

Como exemplo do progresso que antevê, Thomas referiu a necessidade de pneus para automóveis em 1973, que cifrou em 200 milhões de unidades, contra 193 milhões em 1972, vinte por cento dos quais do tipo radial.

Incluindo os pneus destinados a autocarros, camiões, veículos agrícolas e industriais, e aviões, o total ascenderá a 247 milhões de unidades — acrescentou Thomas.

PRODUÇÃO INDUSTRIAL ITALIANA

ROMA (ANI) — O índice da produção industrial italiana nos primeiros onze meses de 1972 foi 3,1 por cento superior ao verificado no mesmo período do ano anterior — anunciou o Instituto Central de Estatística.

PRODUÇÃO DE BAUXITE

GEORGETOWN (ANI) — Segundo um cálculo provisório oficial, a produção de bauxite calcinada na Guiana excedeu o ano passado a cifra de 636 000 toneladas, contra 620 432 toneladas em 1971.

Por se tratar de um factor importante para a economia local, a comunicação do Governo foi acolhida com júbilo, tanto mais que não se chegou a instalar o novo equipamento de extracção que se considerava necessário.

FUNDOS

LONDRES (ANI) — Estatísticas compiladas pelo Midland Bank mostram que o total de «novos fundos» obtidos pela emissão de títulos de crédito (excluindo os do Governo britânico) subiu para 1096 milhões de libras (71 240 000 contos) em 1971 e 539 milhões (35 035 000 contos) em 1970.

A cifra de 1972 é a mais alta de sempre, excedendo a do ano anterior em dezoito por cento — observa o Midland Bank, salientando que a maior parte da soma foi levantada por empresas do sector financeiro, principalmente as promotoras de investimentos.

Engenheiros, Arquitectos e Agentes Técnicos de Engenharia

PRECISAM-SE PARA SERVIÇO OFICIAL

Resposta a este jornal ao n.º 687

ATLÉTICO DE MADRID, O BENFICA, O

Golo anulado a Simões, expulsões e grave lesão do espanhol Juanito

O Benfica empatou a zero o seu jogo com o Atlético de Madrid, disputado ontem à noite, na capital espanhola, revertendo a receita para as vítimas do terramoto de Ma-nágua. Simplesmente os ob-jectivos pretendidos foram mal conseguidos: havia ape-nas cerca de dez mil pessoas a assistir ao encontro, o que é pouco, pois do montante de receita ter-se-à que dedu-zir a despesa. Também não resultou no aspecto especta-cular, pois o jogo foi técnica-mente muito pobrezinho, em especial na segunda parte. E, quanto a disciplina, estamos conservados se dissermos que foram expulsos Vítor Baptis-ta, (pelo Benfica) e Benegas (pelo Atlético) como conse-quência de agressão mútua. Falta apenas referir que um futebolista espanhol (Juani-to) fracturou a tibia e o pe-róneo, em choque com José Henrique e que o árbitro anulou a Simões um golo que daria a vitória aos portu-gueses, para se confirmar que, de facto, não resultou muito positiva esta jornada de soli-dariedade do futebol...

Mas, para além de tudo isto, fica a receita líquida que ainda se apurar, (pequena ou elevada que ela seja), e per-dura também a intenção das duas grandes equipas penin-sulares.

As linhas:
Atlético de Madrid — Ro-dri (Pacheco); Capon, Overe-jro, Benegas e Quique; Ade-lardo (Cabrero), Irureta (Oresco) e Luis (Pataco); Ufarte (Juanito) Alberto (Leal) e Becerra.

Benfica — José Henrique; Malta da Silva, Humberto, Rui Rodrigues e Adolfo; Vítor Martins, Toni (Matine), e Simões (Artur); Nené, Vi-

tor Baptista e Jordão (Artur Jorge).

As razões fundamentais para a abstenção do público, foram o frio intenso que de-sabou sobre Madrid (cinco graus negativos), a humidade da noite e a ausência de Eu-sébio. Mas, se o público não apareceu na quantidade dese-jada, não faltaram as entida-des oficiais que mais contri-buíram para a realização do encontro, desde os presiden-tes das duas Federações, ao príncipe Juan Carlos e ao embaixador da Nicarágua.

O frio limitou os movi-mentos dos jogadores, ven-do-se alguns em verdadeira lástima: como Jordão, que chegou a usar luvas mas que, mesmo assim, acabaria por ser substituído, enregelado e incapaz de se movimentar em campo. Daí o fraquíssimo rendimento técnico e a má impressão que o jogo deixou. No entanto, podem assina-lar-se uma bola de Vítor Baptista na trave, um fa-lhanço de Luis em condições de fazer golo, igualmente uma bola a bater na trave da rede de José Henrique e, finalmente, para compensar, uma espectacular oportuni-dade perdida por Matine à boca da baliza madrilena. O resto foi o golo anulado a Simões (quando faltavam 13 minutos para o jogo termi-nar) alegando o árbitro em fora de jogo (inexistente) quando do passe de Artur Jorge...

Fica como impressão final o gesto nobre dos jogadores do Benfica, que compraram, um por um, os seus bilhetes de ingresso no estádio, o mes-mo fazendo os dirigentes, em gesto que foi aplaudido pelos espectadores que (entretanto) estavam na «bicha» para en-trar.



Choque de Jordão contra Ovejero, no jogo de Madrid

Associação de Desportos de Aveiro

Tal como estava anunciado, realizou-se em Aveiro, ontem à noite, uma reunião entre representantes de clubes e dirigen-tes da Associação de Desportos, local, na qual foi discutida a actual situação.

Como noticiámos, a direcção apresentara o seu pedido de de-missão tendo em linha de conta uma exposição enviada pelo Ga-litos ao delegado em Aveiro da

Direcção-Geral dos Desportos e outra remetida pelo Illiabum directamente ao Director-Geral dos Desportos.

Estiveram presentes à reu-nião representantes do Galitos, do Beira Mar, do Illiabum, do Estarreja, do Gafanha e do Es-gueira, que lamentaram a atitu-de tomada pelos dirigentes da Associação que «deveriam ser permeáveis à crítica». Foi feita

uma tentativa para os dmissio-nários reconsiderarem mas não surtiu efeito. Deste modo, o Dr. Joaquim da Silveira (presidente da Assembleia Geral da Asso-ciação) vai expor o caso à Di-recção-Geral dos Desportos, ten-do os clubes presentes à reunião indicado (particularmente) o nome de António Manuel Soares Machado, para futuro presiden-te da direcção da Associação de Desportos de Aveiro.

“Esperanças” e juniores treinaram

«Esperanças» e juniores volta-ram ontem ao Jamor para nova ses-são de treino, com vista aos jogos internacionais que se aproximam. Desta feita, jogaram as duas se-lecções uma contra a outra e conse-guiu-se praticar bom futebol, com pormenores que na semana anterior passaram despercebidos, ante a oposição cerrada do União de Tomar (aos juniores) e da reserva do F. C. do Porto (às «Espe-ranças»).

No que diz respeito aos juniores, a melhoria foi evidente: sobretudo no ataque, que obteve três golos e ainda levou umas tantas bolas à ba-liza de Tibi e José Maria, quando na semana transacta, praticamente, não havia incomodado Nascimen-to.

Os dois «teams» alinharam ini-cialmente: **Esperanças** — Tibi; Bar-ros, João Cardoso, Amândio e Pie-tra; Vítor Pereira, Barbosa e Moi-nhos; Chico, Cacheira e Costa. **Ju-niores** — Valter; Rosa, Maia da Silva, Pacheco e David; Abreu, Barrinha e Tó Zé; Adérito, José Domingos e Paulo Rocha. Mais tar-de entrariam José Maria para o lu-gar de Tibi (nos mais «velhinhos») e José Maria (junior do Benfica), Serrano, Palhares e José Pereira, para os lugares de Adérito, José Domingos, Barrinha e Valter.

Dos seis golos obtidos (o treino terminou num empate a três) desta-cam-se o primeiro, de Chico (com fintas de meio campo até passar pe-lo guarda-redes) o segundo das «Esperanças» (igualmente cons-truído por Chico em «slalom» na ponta direita até ao cruzamento impecável sobre a linha de cabecei-ra), concluído por Cacheira e, so-bretudo, o último tento da selecção de juniores, da autoria de Abreu. A jogada foi um dos muitos e lúcidos apontamentos de Palhares que, na ponta esquerda, fintou Barros (ex-celentemente) para meter a bola em José Maria, desmarcado. Este rematou, o guarda-redes desviou para o poste e Abreu (oportuno) executou a recarga.

Os restantes tentos foram da au-toria de Paulo Rocha (1-1), Moinhos (2-1) e Abreu (2-2).

Notas salientes deste treino: a capacidade de recuperação dos ju-niores, que estiveram a perder por três vezes e em todas elas voltaram à igualdade. Palhares, que entrou na segunda metade, deu nova vida à equipa, jogando com muita cate-goria. É um elemento de largo futu-ro, este ponta-esquerda do Spor-ting, especialmente pelo modo co-mo mete a bola nos dianteiros, pa-ra o golo.

Na selecção de «Esperanças», aplausos para Chico (que dominou por completo toda a ponta direita) de colaboração com Moinhos, ché-gando a irritar o pequeno David, impotente para deter aquela ava-lancha de futebol. Costa confirmou o que se lhe vem notando: não está com força e velocidade suficientes para aproveitar em pleno o seu po-der de finta. Inicia bem o lance, mas depois não consegue uma boa saída, para captar a bola atrás do defesa e continuar a corrida.

Mais referências individuais: Abreu, o pequeno e ruivo médio do Vitória de Guimarães é o «homem espectáculo» dos juniores e tam-bém os guarda-redes Valter (do Sporting) e José Pereira (da Cuf) garantem sossego naquela zona. E, ainda por cima, são ambos specta-culares...

Um «show» extro: o treino dos guarda-redes no final da sessão, com o avançado Cacheira (do Leixões) a deslumbrar toda a assis-tência com a força do seu remate. Não erra uma. Todas as bolas saem violentamente, a meia altura ou rasteiro. Como rematador (e salvo Eusébio...) ainda este ano não vimos melhor!

OS JUNIORES EM FARO E BADAJOZ
Estão marcados os próximos jo-



No Jamor, uma bela imagem do nosso repórter fotográfico António Capela, obtida no decorrer do treino das selecções de juniores e «esperanças». À esquerda: em torno de Peres Bandeira, os juniores escolhidos para defrontarem a Espanha. À volta de José Augusto: os candidatos ao «estrelato» futebolístico.

gos das três selecções, sendo de as-sinalar que todas estão em activi-da-de no dia 28 de Março. Eis os jo-gos: a 3 de Fevereiro (em Faro) Portugal-Espanha para a com-pe-tição europeia de juniores; dia 17 de Fevereiro, em Badajoz, segunda mão da mesma competição junior. A 28 de Março temos Irlanda-Portu-gal, em selecções A, a contar pa-ra o campeonato do Mundo; o Por-tugal-Itália, em «Esperanças» 9par-ticular, em local a determinar, e o Bélgica-Portugal (em Bruxelas) a contar para o torneio de juniores. No dia 2 de Maio, jogam no Porto as selecções de «Esperanças» de Portugal e da Bulgária.

POR DETRÁS DAS REDES

O massagista belenenses João Silva anda bastante preocupado: a sua mulher sofreu um colapso e en-contra-se já há bastante tempo imo-bilizada. Fazemos votos de total re-cuperação física.

Yazalde e Osvaldo Silva, respon-

sáveis por equipas de infantis e principais do Sportin (o técnico brasileiro é, igualmente, o treina-dor dos juniores de Alvalade) fo-ram ver o treino. O médio «internacional» Fernando Mendes esteve também a seu lado.

Um belo quarto de hora em tor-no de Manuel Marques: o massa-gista da equipa nacional contou al-guns episódios ocorridos no período de tempo em que andava a tratar do Presidente Salazar.

Ausências ao treino: Ramalho e Duarte (juniores lesionados), os portistas Oliveira e Guedes (que perderam o avião para Lisboa) e Manuel Fernandes, Laranjeira e Fraguito (todos por afazeres milita-res).

Entretanto José Augusto convo-cou os futebolistas que participam nos treinos da próxima semana, no Estádio Nacional. **Seleção A** (trei-no às 10 horas, quarta-feira): José Henrique, Malta da Silva, Rui Ro-

drigues, Humberto, Adolfo, Toni, Simões, Eusébio e Vítor Baptista (todos do Benfica); Damas e Dimis (do Sporting); Pavão e Abel (F. C. do Porto); Rebelo e Octávio (Vi-tória de Setúbal) e Freitas (Belen-senses).

Esperanças (16 horas de quarta-feira): Benfica — Vítor Martins, Jordão, Matine e Artur; F. C. Por-to — Oliveira, Guedes e Tibi; Spor-ting — Fraguito e Chico; CUF — Vítor Pereira e Manuel Fernandes; Boavista — Moinhos e Barbosa; Belenenses — Pietra; V. Setúbal — João Cardoso; V. Guimarães — Jo-sé Maria; U. Coimbra — Barros e Leixões — Cacheira.

Juniores (15 e 30 de quinta-feira): Sportin — Valter, Duarte, Palha-res e Paulo Rocha; Belenenses — Barrinha, Tozé, Ramalho e Rosa; Benfica — Maia da Silva, David e José Maria; V. Setúbal — Ferro, Pacheco e Adérito; CUF — José Domingos e José Pereira; Leixões — Serrano e V. Guimarães — Abreu.

Desconhece-se as equipas com as quais as selecções treinarão.

BOM APETITE

CASTANHEIRA
DECLARADO DE UTILIDADE TURISTICA

ESTRADA DA TORRE — LUMIAR — TELEF. 790168

ESPECIALIDADES DIARIAS
DOMINGO AO ALMOÇO ORQUESTRA
PRIVATIVA DESTE RESTAURANTE (M/14 ANOS)

Encerrado às 2.ªs feiras.

restaurante

arameiro

LISBOA
Restauradores
Trav. S. Antão 21
PRÊMIO DO S. N. I

A CARRUAGEM

BAR * RESTAURANTE * SNACK

DA-NOS UM TOQUE DIFERENTE

ABERTO DAS 11 DA MANHÃ AS 2 DA MADRUGADA

AR CONDICIONADO * ENCERRA AOS SÁBADOS

RUA FILIPE FOLQUE, 49-A — TELF. 561457

RESTAURANTE

SNACK BAR

Colina

Rua Filipe Folque, 46-A
Telef. 560209

AMANHÃ
BACALHAU NA CANOA
SABADO
DOBRADA

Aberto até às 2 horas

APÓS AS REFEIÇÕES — CHAVE D'OURO — O MELHOR CAFÉ

DL/DESPORTOS

QUANDO A VIOLENCIA ATINGE O FUTEBOL

E a verdade dos factos que nos demonstra: nunca a violência andou tão perto dos campos de futebol como nos últimos tempos. Alvalade e 28 de Maio terão dado o exemplo-72: a partir dessa tarde negra, outros adeptos de outros clubes têm manchado (e de que maneira) o quadro limpo onde o desporto tem lugar. Raro é o domingo em que não há notícia de violência em qualquer campo de futebol, numa demonstração clara da doença que atingiu o adepto do futebol, incapaz de reconhecer no adversário a superioridade que normalmente é traduzida pelo marcador final. Não valerá a pena, neste comentário, relatar o que de vergonhoso se passou em Barcelos, Matosinhos, S. Pedro da Cova e Vila do Conde, para só pensarmos no que aconteceu no último domingo: cenas verdadeiramente incríveis, assinadas por uma clubite sem fronteiras, que perfilha a ideia de que os fins justificam os meios. Em todos esses casos (e também nos outros que tiveram outros domingos como testemunhos) os tumultos tomaram forma, em ataques cerrados às equipas de arbitragem que actuaram em desafios disputados nessas localidades em condições decisivas: sempre, a intenção de agredir os homens do apito

ou das bandeirinhas, lançando sobre eles a responsabilidade de mais uma derrota do clube local. Uma onda de violência grassa nos campos de futebol do nosso país: cópia (afinal) do que noutras latitudes acontece, para vergonha e desrespeito do próprio futebol. Perante este panorama (nada animador) apetece fazer uma pergunta: a quem cabe a responsabilidade de tais factos?

Naturalmente que, numa primeira análise, a maior dose de culpas tem de recair sobre a massa anónima que toma a iniciativa e passa à acção, defrontando a autoridade que se mostra impotente para travar intenções inconfessáveis. Mas, nem só os adeptos ferrenhos e «doentes» têm a culpa de tais actos: por detrás deles escondem-se os fomentadores da discórdia, os que (há uns meses) muito prometeram de glórias e triunfos e agora vêem os seus utópicos e fantasistas sonhos, desfeitos. Dirigentes que, desprevenidos da real capacidade e formação social dos jogadores contratados, atiram para cima dos árbitros as culpas dos insucessos das turmas em que gastaram o que tinham e o que pediam. E, ainda os treinadores que, em gestos teatrais, bem junto à linha lateral, levantam os braços como que pedindo indulgência pelo parti-

darismo do indefeso «homem do apito».

Certos dirigentes e treinadores têm de ser apontados como grandes e autênticos responsáveis do estado a que chegámos, já que os árbitros não têm culpa de um Benfica não encontrar adversário no plano principal do nosso futebol e da Académica de Coimbra não ter esquecido tudo quanto aprendeu nos muitos anos em que andou pela primeira divisão...

Porque, analisando o problema a frio, nenhum árbitro está particularmente interessado em prejudicar esta ou aquela equipa: o que acontece é que ele, como ser humano, também pode errar nos seus juízos de momento, determinando resoluções bem menos graves e prejudiciais do que outras que são assinadas (com aval de toda a direcção) por determinados «gerentes» deste ou daquele clube.

Estude-se a melhor forma de, cada vez mais, as arbitragens roçarem o excepcional: mas não venham todos os domingos clamar justiça pela cabeça do árbitro. Nenhum deles, por meia dúzia de notas de cem, está disposto a arriscar a sua integridade física.

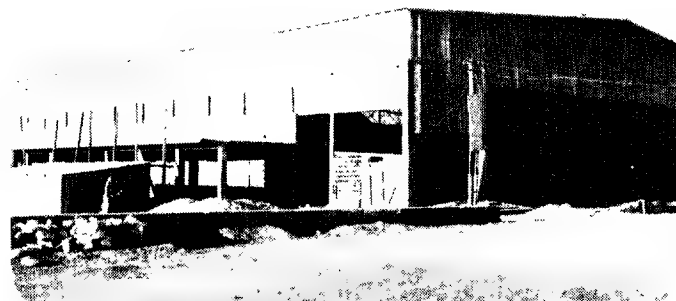
O leitor (que tantas vezes os critica) quer ocupar-lhes o lugar?

Beira-Mar: em Maio terá o seu pavilhão

Em Outubro de 1971, uma comissão constituída pelos srs. eng.º Manuel Alves Moreira, Pereira da Silva, Ulisses Pereira, eng.º Lauro Marques, José Manuel Costa, Alfredo Almeida, Agílio Pádua, Profirio Machado, Manuel Mendes e Antero Veiga, propôs-se construir para o Sport Clube Beira-Mar um pavilhão desportivo, fazendo propósitos para que a inauguração se fizesse no decorrer de 1972, altura em que a colectividade aveirenses comemorava as suas «bodas de ouro».

O projecto, da autoria do sr. eng.º Lauro Marques, radicava-se (ao princípio) apenas à construção do recinto de jogos e dos balneários. Mas, entusiasmados com as promessas de ajuda oficial, aquela Comissão reviu os seus propósitos e pensou em construir uma sede social e administrativa e, também, salas para os trabalhos das várias secções. Claro que dos primeiros 1 800 contos o projecto passou a estar orçamentado em cerca de 4 000.

Tudo foi sobre um mar de rosas enquanto houve dinheiro. Aqui há coisa de quatro meses a «massa» faltou e as obras pararam, pois não havia a certeza de reforço das participações oficiais (Câmara Municipal - 550 contos; Fundo do Fomento de Desporto - 400; Junta Distrital - 30; Governo Civil - 100 e Ministério das Obras Públicas - 300). Demais, também a cidade não tinha contribuído com um centavo: e isto, apesar das várias campanhas levadas a cabo pela comissão. Apenas tinham respondido à chamada al-



Está quase pronto o Pavilhão do Beira-Mar

guns empreiteiros com materiais ou pessoal e nada mais.

Mas, como autêntica prenda de aniversário (o Clube fez 51 anos de vida no dia 1 de Janeiro) veio a notícia de que o Ministério das Obras Públicas aumentou a sua dotação com mais 700 contos o que permite, disso nos deram conta os dirigentes, que as obras prossigam a todo o gás de molde a que nos primeiros dias de Maio próximo a inauguração seja um facto.

Entretanto, surge o problema da transferência da sede clubista. Segundo o que julgamos saber, os actuais membros da Junta Directiva do Beira-Mar não estão na disposição de abandonar o prédio da Avenida dr. Lourenço Peixinho, porquanto aí criaram a sala de visitas do Clube, remodelando-a, para a tornar funcional para várias realizações artísticas e mais atraente para a visita diária dos sócios da colectividade.

máquina de lavar roupa

Candy

a única com economizador

ASSIM VAI O TOTOBOLA

Prognósticos dos Órgãos de Informação para o concurso n.º 19 da 12ª época 14-1-73 [Jan. 73]

Badaladas — 12x 121 22x 11x2; Beira Baixa — 122 111 12x 11x1; Boa Nova — 12x 121 x2x 1x21; Clube Asas do Atlântico — 122 1x1 x22 1x21; Comércio de Portimão — 12x 111 x2x 11x1; Correio de Coimbra — 121 1x1 122 1121; Diário do Minho — 12x 1x1 12x 1221; O Distrito de Setúbal — 122 1x1 12x 11x1; Ecos de Estremoz — 12x 121 x22 1211; Estrela da Manhã — 122 1x1 1xx 1x11; Época — 12x 111 x2x 1x21; Folha do Domingo — 122 111 1x2 1x21; Jornal das Aves — 122 1x1 122 1x21; O Jornal de Felgueiras — 12x 1x1 122 1x21; Jornal do Fundão — 12x 111 12x 1111; Jornal de Santo Tirso — 12x 121 x2x 11x1; Jornal de Viseu — 121 1x1 x2x 1111; Notícias de Felgueiras — 12x 1x1 12x 1xx1; Notícias de Gouveia — 121 1xx 122 122x; Povo Algarvio — 12x 1x1 x2x 1x21; A Rabeca — 122 111 121 1x11; Rádio Alentejo — 12x 111 121 111x; O Telégrafo — 122 1x1 12x 1121; A Voz do Domingo — 121 1x1 12x 1x21; Açores — 12x 121 12x 1x21; Diário de Lisboa — 122 1x1 122 11x1; Ecos do Desporto — 12x 1x1 12x 1121; A Ilha — 12x 1x1 12x 1x21; Peça que não Maça — 12x 1x1 12x 1x21; Mundo Desportivo — 12x 1x1 12x

11x1; Bondiazinho — 12x 11x 121 11x1; Brado Africano Desporto — 12x 1x1 12x 1x21; Brado Africano Ronga — 121 111 12x 1x21; Cidade 73 — 121 111 12x 1x21; Domingo Alegre — 122 1x1 12x 1121; Jornal Desportivo — 221 1x1 121 111x; Passatempo — 121 111 121 1x22; Revista Desportiva — 122 x2x 122 1x11; Roteiro Sonoro — 121 111 211 2221; 20 Ponto D — 122 1xx 111 212x; Terceiro Programa — x21 1xx 211 1x2x; Renovação — 12x 1x1 12x 11x1; Colina Sagrada — x11 21x 1x2 12xx; O Comércio de Leixões — 122 1x1 121 1xx1; As 10 Espere Por Nós — x2x 12x 1xx 11x1; Dos fracos não reza a história — 2x2 111 x12 1xx1; Jornal da Graça — 121 111 121 1111; Jornal de Notícias — 12x 1x1 12x 11x1; Manchete Desportiva — 12x 1x1 12x 11x1; Penalti — 122 121 112 1121; O Porto — 1x2 x2x 1xx 1x21; Programa Sem Nome — 12x 111 1xx 1121; Quadrante Desportivo — 122 x21 121 1xxx; Quadrante Norte — 122 121 1x2 1x1x; Repórter do Dia Angola — 12x 1x1 12x 1x1x; Resenha Desportiva — 122 1x1 12x 112x; O Sorriso da Hora do Almoço — 121 1x1 2xx 122x; A Voz dos Ridículos — 122 1x1 121 1111;

República — 12x 121 12x 1121; A Voz de Lamego — 122 121 12x 1xx2x; Cardeal Saraiva — 12x 1x1 12x 12x1; Cavalgada do Ritmo — 121 11x 12x 11x1; O Comércio do Porto — 12x 1x1 12x 11x1; Correio dos Açores — 122 111 1xx 1x21; Correio do Minho — 12x 1x1 x2x 1111; Correio do Vouga — 12x 1x1 121 1121; Diário dos Açores — 12x 1x1 122 112x; Diário de Coimbra — 12x 1x1 121 1121; Ecos de Cacia — 12x 111 122 1x21; Emissor Regional da Guiné — 122 111 12x 122x; Eu sei tudo — 121 111 12x 1121; Imagens Piedenses — 122 121 121 1111; O Jornal da Lixa — x12 112 211 1111; Jornal de Sintra — 12x 111 122 1x21; O Mensageiro — 12x 1xx 122 112x; Litoral — 1x2 121 1xx 11x1; Maria da Fonte — 122 111 12x 1121; Mosaico — 122 12x 12x 1111; Notícias de Chaves — 122 1x1 12x 1x11; Notícias de Penacova — 121 1x1 121 1121; A Ordem — 122 111 122 111x; Reconquista — 12x 111 121 1121; Programa das Forças Armadas — 12x 1xx 12x 1xx1; Revista de Som — 12x 1x1 122 11x1; O Templário — 12x 221 121 1121; A Voz Desportiva — 121 1x1 122 122x; A Voz do Casa Pia — 122 111 112 1121; Notícias de

Evora — 12x 1x1 121 1x1x1; O Apostolado — 22x 11x 1x1 x221; A Nossa Chave — 122 1x1 1x2 1x21; Notícias do Tptobola — 12x 1x1 12x 111x; Último Palpite — 12x 111 1xx 1xx1; Rádio Desportivo — 122

x2x 111 1111; Auto Rádio — 1x2 1x1 121 21x1; Estúdio 64 — 122 1x1 12x 1121; Placard Desportivo — 12x 111 x21 1x1x1; O Primeiro de Janeiro — 122 1x1 x2x 1121; Rádio Placard — 111 111 111 1111;

Rádio Sportts — 12x 111 12x 1xxx; Clube do Ar — 122 121 12x 1x1x1; Diário do Porto — 12x 1x1 121 1x11; Ritmo e Amizade — 12x 1x1 121 1x1x1; Placard Desportivo Açores — 122 111 12x 2121.

	R E S U M O			B O L A S		
	1	X	2	1	X	2
1. BOAVISTA - ATLÉTICO	96	4	3	10	1	1
2. BEIRA MAR - BENFICA	3	4	96	1	1	10
3. UNIAO COIMBRA - GUIMARAES	18	47	38	2	6	4
4. BARREIRENSE - UNIAO TOMAR	91	10	2	10	1	1
5. BELENENSES - PORTO	33	51	19	4	6	2
6. SETÚBAL - CUF	88	14	1	9	2	1
7. GIL VICENTE - OLIVEIRENSE	82	16	5	9	2	1
8. PENAFIEL - ACADÉMICA	38	12	53	4	2	6
9. RIOPELE - VARZIM	28	53	22	3	6	3
10. ESPINHO - FAMALICÃO	79	20	4	9	2	1
11. ALMADA - SINTRENSE	63	27	13	7	3	2
12. SEIXAL - UNIAO LEIRIA	22	30	51	3	3	6
13. CALDAS - NAZARENOS	80	21	2	9	2	1

a) Nos termos do Artº. 102.º do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.

A chave lógica será:

12x 1x1 12x 1121

DL/DESPORTOS

Belenenses-Benfica para a "Taca"

Belenenses-Benfica é o jogo mais importante da 4.ª eliminatória da «Taça de Portugal», na qual tomam já parte os clubes da 1.ª divisão nacional e os representantes do Ultramar e Ilhas. Outros jogos: Vitória de Setúbal - representante da Madeira, representante dos Açores União de Tomar, Farense representante da Guiné, representante de Angola Atlético Desportivo da Cuf - Ferroviário (representante de Moçambique), Cova da Piedade-Gil Vicente, Boavista-Porto, Barreirense-Naval 1.º de Maio, Penafiel Leixões, Académica-Braga, Vilanovense-Beira Mar, Torres Novas-Casa Pia e Montijo contra Marinhense ou Lusitano Ginásio Clube. Estes dois últimos clubes terão que se defrontar a 18 de Fevereiro, para acerto do calendário. Todos os encontros da eliminatória propriamente dita serão disputados no dia 18 de Março, nos campos dos clubes indicados em primeiro lugar e considerados neutralizados.

RESERVAS

Para o campeonato lisboeta de reservas, mais três jogos: Atlético, 2-Belenenses, 0; Alverca, 2-Torriense, 4 e Sintrense, 1-Sacavenense, 2. No encontro do Tapadinha (resolvido com dois golos de Pedras) as equipas formaram: Atlético-Gaspar: Luís, Vitor Alves, Santos e Nogueira; Belchior, Leitão e Pedras; Raul, Rui e Zézinho. Belenenses-Ruas: Silva Santos, Pereira, Valério e João Cardoso; Canana, Canelas e Parreira; Leandro, Júlio e Pomo depois Murça, que não se trata de «internacional» mas sim de um júnior). No decorrer da partida o árbitro Beirão Coelho expulsou, por agressão, Murça e Belchior.

RESALDO FINANCEIRO DA «TAÇA DE HONRA»

A Associação de Futebol de Lisboa, tornou públicas as contas da «Taça de Honra»: receita líquida de 442.177\$20 (273.775\$00 da primeira jornada e 168.402\$20 da segunda).

O voleibol quer saltar do marasmo

A título experimental (e com vista a eventual incremento da modalidade) a Associação de Voleibol de Lisboa vai dispor, todas as 4.ªs feiras (e até 21 de Março) do pavilhão ginásio-desportivo da Ajuda, a partir das 21 horas. Os cinco recintos aptos a servirem para o voleibol, equipados e demarcados (e com cortinas de separação entre si) poderão desse modo, ser utilizados por praticantes oficiais ou simples entusiastas (masculinos ou femininos) para sessões de treino, de aprendizagem ou de iniciação infantil.

A Associação vai ainda mais longe: coloca à disposição das entidades que o desejarem bolas e monitores que ficarão ao serviço das equipas. Medida igualmente acertada: formações mistas podem aproveitar deste plano associativo que visa, não há dúvida, dar um solavanco ao marasmo em que o voleibol se debate.

Cabem a cada clube participante as seguintes verbas: Benfica 132.653\$20; Atlético 114.966\$00; Sporting 101.700\$80 e Belenenses 92.857\$20. Para o clube do Retelo a Associação reservou ainda 27.513\$70 utilização do seu estádio.

APRESENTAÇÃO DE HEREDIA

O F. C. do Porto encontrou já um adversário para o jogo estreia de Herédia; assim, no próximo dia 17 (às 21 e 30) jogarão no Estádio das Antas o Desportivo da Corunha (que no último domingo empatou no seu campo com o Atlético de Madrid) e o «onze» de Riera.

RESERVAS

Para o campeonato lisboeta de reservas, mais três jogos: Atlético, 2-Belenenses, 0; Alverca, 2-Torriense, 4 e Sintrense, 1-Sacavenense, 2. No encontro do Tapadinha (resolvido com dois golos de Pedras) as equipas formaram: Atlético-Gaspar: Luís, Vitor Alves, Santos e Nogueira; Belchior, Leitão e Pedras; Raul, Rui e Zézinho. Belenenses-Ruas: Silva Santos, Pereira, Valério e João Cardoso; Canana, Canelas e Parreira; Leandro, Júlio e Pomo depois Murça, que não se trata de «internacional» mas sim de um júnior). No decorrer da partida o árbitro Beirão Coelho expulsou, por agressão, Murça e Belchior.

CASTIGOS

A Federação aplicou mais uma longa série de castigos. Pavão (Tomar) foi suspenso por dois jogos e o seu clube multado em 500 escudos por comportamento incorrecto de uma parte do público. Na segunda divisão: suspensão por seis jogos e José Ferreira (S. Pedro da Cova), três a Horácio Martins (União de Santarém) e Francisco Martins (Ovarense) e dois a Freitas (Riopele). O União de Lamas também foi multado (em 500 escudos) por motivo idêntico ao que implicou a pena ao Tomar. Na terceira divisão, foi interdito por 4 jogos o campo do S. Pedro da Cova por arremesso de objectos que causaram lesão física à equipa de arbitragem. Jogadores suspensos: Sérgio Costa (7 jogos) Manuel da Costa (6) e José da Veiga (5) todos do Lusitano; Alberto Ferreira (3) do Portalegre; José de Jesus (Marialva) e Damião Ribeiro (Amora) um encontro cada.

ABUSO

Mais sobretaxas a tornarem verdadeiramente vergonhoso tal abuso a pedirem urgente inter-

venção superior: no domingo que vem, talvez porque ainda haja nas bolsas uns restos das «broas», todos os jogos da segunda divisão (com excepção do Riopele-Varzim) foram onerados em mais 50 por cento! Um autêntico escândalo.

Na primeira divisão, os mesmos 50 por cento pesam sobre os bilhetes dos encontros Bele-



nenses-Porto, Beira Mar-Benfica, Boavista-Atlético e Leixões-Montijo, enquanto o Barreirense-Tomar e o Setúbal-Cuf se contentam com aumento de 25 por cento.

TROCAS

A «última» sobre Pavão: o Benfica teria oferecido à direcção portista uma verba parecida com dois mil contos, os jogadores Adolfo e Jordão e, ainda, um júnior à escolha, em troca do médio «internacional». Verdade? Ficção? A notícia fica com as naturais reservas.

BELICENSES

Quaresma e Gonzalez estão certos no «team» do Belenenses que vai defrontar o Porto. Igualmente evoluíram bem a lesão de Godinho: Scoppeli e Peres Bandeira deixam (assim) de ter problemas. Ainda uma notícia «azul»: Moinhos é pretendido pelo Belenenses, que já solicitou condições para a «compra» ao Boavista.

BENFICA

Eusébio estará presente em Aveiro. Entretanto, a lesão de Jaime Graça aflije o departamento médico do Benfica: natural (para o clube) que o «internacional» tenha de ser operado ao menisco.

DEMISSÃO

O árbitro setubalense Carlos Monteiro demitiu-se em carta enviada à Comissão Central.

ESTREIA TOMARENSE

Leonardo (17 anos) deve ser lançado por António Medeiros no «team» do União de Tomar que vem defrontar o Barreirense. Entretanto, o posto de Pavão (castigado) será preenchido por Caetano.

Leitão («capitão» da turma alcantarense) procura libertar-se da oposição de um adversário «azul», no jogo de ontem entre as reservas dos dois populares clubes, que terminou com a vitória do Atlético por 2-0

SPORTING

José Vaz Guedes ou Octávio Barrosa: um deles será o sucessor de Abraão Sorin, no departamento de futebol profissional do Sporting.

FUTEBOL BRASILEIRO

Aproximam-se do fim as férias dos jogadores brasileiros de futebol. Gradativamente, os futebolistas estão a apresentar-se nos seus clubes, em geral mais gordos, depois de passarem com as famílias as festas de Natal e fim do ano.

Já estão anunciados torneios de futebol, antes das competições oficiais das federações estaduais e do Campeonato Nacional. Este último só começa em meados do ano e depois da excursão da selecção do Brasil à África e à Europa.

O Flamengo já anunciou a realização do «Torneio do Povo», com vários clubes populares: o Flamengo e o Vasco da Gama, (do Rio), o Corinthians (de S. Paulo), o Bahia (de Salvador), e o Internacional (de Porto Alegre). Também pretende realizar um «Torneio de Verão».

O Vasco da Gama propõe-se organizar um torneio internacional. Por sua vez, o Internacional anuncia o «Torneio do Atlântico», com clubes da Argentina, do Uruguai e do Brasil: Internacional e Grêmio (de Porto Alegre), o Coritiba e, talvez, o Atlético Paranaense (do Paraná).

O único torneio oficial, para este princípio de ano, será a «Taça dos Libertadores das Américas», com dois clubes de cada país sul-americano. O Botafogo e o Palmeiras vão representar o Brasil.

ra Diaz, Cunillera, Santisteban, Minguez, Blanco, Andrade, Casas, Goicoechea, German Martin, Moreno Torres, Pérez Soliva e Eclapés.

15 000

leem agora a

coleccção duas horas de leitura

e voce ?

volumes já publicados

1 Stendhal
FÉDER OU O MARIDO COM DINHEIRO
2.ª edição

2 Máximo Gorki
TRES CONTOS
2.ª edição

3 **DUAS CIDADES**
Antologia sobre o Porto e Coimbra
Seleccção e prefácio de Eugénio de Andrade
2.ª edição

4 Ernest Hemingway / Mikhail Choloikov / William Faulkner
TRES HISTÓRIAS DA GUERRA

5 Camilo Castelo Branco
A ÚLTIMA VITÓRIA DE UM CONQUISTADOR
2.ª edição

6 Panait Istrati
CODINE

7 **VERSOS E ALGUMA PROSA DE LUIS DE CAMÕES**
Antologia e prefácio de Eugénio de Andrade

8 Boccaccio
HISTÓRIAS ERÓTICAS

9 F. Scott Fitzgerald
TRES HORAS ENTRE DOIS AVIÕES

10 Urbano Tavares Rodrigues
A IMPOSSIVEL EVASAO

11 Isaac Babel
CONTOS DE ODESSA

12 Vergílio Ferreira
APENAS HOMENS, e Outros Contos

13 Eugénio de Andrade
ANTOLOGIA BREVE

14 Casanova / Choderlos de Laclos / Restif de la Bretonne e outros
A ARTE DE AMAR NO SÉCULO XVIII



ao dia 25

NÃO é uma coleccção de bolso!

RECORTAR, PREENCHER E ENVIAR A



EDITORIAL INOVA SARL

apartado 466/Porto

PRETENDO RECEBER A COBRANÇA, OS NÚMEROS:

☐ Assinalar com um X este quadrado se estiver interessado em receber os números futuros, no próprio dia do lançamento.

NOME

ENDEREÇO

NOTÍCIAS E FACTOS

JOGOS AFRICANOS: As duas Alemanhas contribuíram consideravelmente para a infraestrutura de instalações e de medicina dos «Segundos Jogos Africanos», que estão a decorrer em Lagos. A assistência directa é anterior aos Jogos Olímpicos de Munique, altura em que mais de 100 atletas africanos receberam na Alemanha Ocidental, serviços que custaram quase um milhão de marcos.

Em Lagos, foi a Alemanha Federal que construiu, por 1200 milhões de marcos, o novo estádio e a pista de atletismo. A contribuição da Alemanha Oriental consistiu (principalmente) na cedência de treinadores, preparadores técnicos e demais

pessoal especializado. O Centro de Medicina Desportiva (em Lagos) também foi construído com apoio financeiro e técnico da Alemanha Ocidental, que ofereceu a experiência do seu Comité Olímpico e do Instituto de Medicina Desportiva. Neste momento está a decorrer noutra cidade africana (Accra) um seminário para jovens treinadores e dirigentes de equipas orientado pelo Ministério Federal da Juventude, Família e Saúde.

NATAÇÃO: no decorrer do torneio português de abertura da temporada destacaram-se os nadadores Isabel Pinheiro, Isabel Teixeira, Graça Soares, Ana Castro, Ana Guedes, Paula An-

drade, Cândida Oliveira, Luisa Ribas, Luisa Silva, Laurinda Fernandes, Maria Quintas, Sofia Lopes, Paula Santana, Ricardina Oliveira, Francisca Teixeira, Margarida Moreira, André Fonseca, Fernando Cobian, Nuno Mariani, Eduardo Torres Pinto, Gaspar Freitas, José Bacelar, Guedes Neves, Fiel Barbosa, Luis Fonseca, Guilherme Rodrigues, Pinto Pinheiro, Pedro Machado, José Alves, Lopes Santos, Fernando Barbosa e Monteiro Jesus.

CICLISMO: um grupo de espanhóis, correndo sob o genérico de uma marca, quer alinhar na «Volta a Portugal». Os nomes dos interessados: Ventu-

Bolsa de Lisboa

FUNDOS DE ESTADO

	Efect.	Compra	Venda
Cons 2 3/4	451\$	451\$	—
Cons 3	493\$	492\$	494\$
Cons 3 1/2	—	572\$	—
Centenários	1.276\$	—	—
Tes 5 % 57	—	1.005\$	—
Tes 5 % 59	—	1.000\$	—
Extern 1 a c	—	627\$	—
Extern 3 a c	—	629\$	—
Extern 3 a c	—	—	—
Caut 3 a s	—	185\$	—

FUNDOS PUBLICOS

A Lx 6 %	—	—	960\$
C M L 5 3/4	1.010\$	1.010\$	—
C P 5 5/8	—	950\$	—
C P 5 5/8	—	950\$	—
C P 5 5/8	—	—	—
Corr 5 3/4	—	950\$	—
Metr 5 3/4	—	940\$	960\$
Tur 5 3/4	—	1.010\$	—
C P 6 3/4	1.015\$	1.015\$	—

ELECTRICAS

G 5 % 58	—	850\$	—
G 5 % 59	—	850\$	—
G 5 % 62	—	—	—
G 5 % 63	—	—	—
G 5 % 64	—	950\$	—
G 5 % 65	—	—	—
G 6 % 67	—	960\$	—
G 6 % 69	—	960\$	—
G 7 % 67	—	—	—
H E C 5 %	—	740\$	—
H E C 6 %	—	920\$	950\$
H E D 5 %	—	750\$	—
H E D 6 %	—	920\$	—
H E N P 5 %	—	—	—
H E S E 5 %	—	—	—
H E S E 6 %	—	900\$	—
H E Z 5 % 57	—	—	—
H E Z 6 %	935\$	930\$	—
N E C 5 %	—	—	—
N E C 6 %	—	930\$	—
Termoelec 5 %	—	745\$	—
U E P 5 % 60	—	745\$	—
U E P 5 % 63	—	—	—
U E P 6	—	—	—

DIVERSAS

A P T 5 % 56	—	850\$	—
A P T 5 % 58	—	850\$	—
Lisnave 6	—	940\$	—
Nitratos 60	—	—	—
Pet 2 a 3 a	—	850\$	—
Sacor 7 %	—	1.020\$	—
Sacor 5 %	—	—	—
Sacor 5 % 54	—	—	—
Sid 5 % 2 a	—	840\$	—
Sid 5 % 3 a	—	—	—
Sid 5 % 4 a	—	715\$	—
Socel 5 %	905\$	905\$	910\$
U Fabril 67	935\$	930\$	940\$
U Fabril 68	—	—	950\$

ULTRAMARINAS

Carboni 5 %	—	—	—
Rev 5 % 57	—	—	—
Rev 5 % 59/60	—	—	700\$
Moçamb 5 %	—	—	—
Sonete 5 %	820\$	815\$	—

ACÇÕES

De Bancos

Agricultura	4.200\$	4.200\$	4.250\$
Alentejo	2.020\$	2.020\$	2.025\$
Angola	4.070\$	4.000\$	4.070\$
Cred Predial	5.000\$	5.000\$	5.020\$
Esp Santo	15.500\$	15.300\$	15.500\$
Fomento	4.710\$	4.700\$	4.720\$
F. Burnay	—	70.000\$	73.000\$
N Ultr m	5.550\$	5.500\$	5.550\$
N Ultr c	7.180\$	7.180\$	7.200\$
Portugal n	4.600\$	4.550\$	4.650\$
Portugal p	6.750\$	6.700\$	6.800\$
P Atlântico	14.950\$	14.950\$	15.000\$
Totta Açores	6.900\$	6.880\$	6.900\$
Algarve	2.850\$	2.800\$	2.850\$
Borges & Irmão	6.450\$	6.400\$	6.450\$

J. BURNAY, LD^a

Notas estrangeiras
Papéis de crédito

RUA DO OURO, 72 TEL. 321273



Banco Borges e Irmão
Índice de cotação das acções (Base: Dez. 65=100)

	4-1-73	10-1-73	11-1-73
GERAL	234,2	239,7	242,2
METROPOL	243,5	249,2	251,4
ULTRAM	165,8	170,3	175,0

De Seguros

Alentejo	475\$	475\$	14.200\$
Bonança	—	13.700\$	35.000\$
Imperio	2.450\$	2.450\$	2.500\$
Mundial	5.000\$	5.000\$	5.100\$
Soberana	—	—	—
Tranquilidade	—	—	—

Electricas

C P E P	1.120\$	1.110\$	1.120\$
C P E n	—	—	1.085\$
E Beiras	1.800\$	1.800\$	1.810\$
G Elec c	337\$	335\$	337\$
H E A A	172\$	172\$	173\$
H E N P	255\$	250\$	255\$
H E S E	1.450\$	1.400\$	1.500\$
U E P	184\$	184\$	185\$

Ultramarinas

Ag Cassequei	—	1.900\$	2.000\$
Ag Incomati	—	—	—
Ag S T e P	—	—	—
Ag Angola	1.700\$	1.650\$	1.700\$
Ang Agric	—	590\$	—
Boror	—	125\$	—
Boror Com	—	—	—
Buzi	—	75\$	—
Cabinda	130\$	130\$	135\$
Com Lobito	595\$	590\$	600\$
D A T 100	2.100\$	2.000\$	2.100\$
H E Revue	—	—	—
I do Princ	—	—	—
Moçambique	230\$	230\$	245\$
Sonete n	—	410\$	400\$
Sonete p	420\$	410\$	420\$
Zambezia	—	61\$	—

Diversas

Ag Lx ant	—	—	770\$
Ag Lx 34	—	—	—
Ag Lx 36	—	5.200\$	5.300\$
Cel Guadiana	15.500\$	15.500\$	16.000\$
C Leiria p	41.000\$	41.000\$	43.000\$
C Tejo p	1.340\$	1.340\$	1.350\$
F Ramada	280\$	280\$	285\$
Fornos Elect	—	5.100\$	5.300\$
P Celulose	6.600\$	6.600\$	—
Siderurgia p	3.950\$	3.950\$	4.000\$
Siderurgia n	—	4.000\$	4.300\$
Socel	8.950\$	8.900\$	8.950\$
Cidla	3.100\$	3.100\$	3.150\$
C U F	—	570\$	630\$
Intar	1.500\$	1.500\$	1.540\$
Nitratos	1.200\$	1.200\$	—
Petroquímica	4.570\$	4.500\$	4.570\$
Sacor	6.200\$	6.000\$	6.300\$
Tab Portugal	11.620\$	11.620\$	—
Tabaqueira	—	800\$	820\$
U F Azoto	—	300\$	320\$
Empor	—	—	—
Ind Aliança	1.200\$	1.200\$	—
I P Colón	—	—	3.400\$
Nac Naveg	—	1.950\$	2.000\$
Naveg (Col)	—	—	1.300\$
P Pesca	1.100\$	1.100\$	1.150\$
Matuz	—	—	—
R Marconi	1.215\$	1.215\$	1.220\$
TAP	—	—	700\$
Compal	1.500\$	1.450\$	1.550\$
Salvor	—	1.470\$	1.500\$
Penina	—	—	—
Lisnave	13.200\$	13.150\$	13.250\$

FUNDOS DE INVESTIMENTOS

Atlântico
F I D E S

COTAÇÕES

PAISES

	COMPRAS	VENDAS
Africa do Sul Rand	30\$50	33\$50
Alemanha Marco	8\$25	8\$55
América	—	—
Dollars de 1 a 2	26\$20	26\$90
Dollars de 5 a 20	26\$50	27\$30
Dollars de 50 a 1000	26\$60	27\$40
Argentina Peso Novo	—	—
Austria Schilling	1\$16	1\$21
Bélgica Franco	\$59	\$62
Brasil Cruzeiro	3\$50	4\$30
Canadá Dólar	26\$50	27\$30
Dinamarca Coroa	3\$60	4\$00
Espanha Peseta	\$413	\$433
Frância Franco	5\$10	5\$40
Holanda Florim	8\$15	8\$45
Inglaterra Libra	62\$50	65\$50
Itália Lira	\$0425	\$046
Marrocos Dhran	\$500	\$550
Noruega Coroa	3\$90	4\$20
Suécia Coroa	5\$50	5\$80
Suíça Franco	7\$00	7\$25
Ouro	—	—
Inglaterra Libra Isabel	480\$00	510\$00
Inglaterra 1/2 Libra	520\$00	560\$00
Ouro fino Barra	56\$50	60\$50

BANCO DO ALENTEJO

GESTÃO DE CARTEIRAS DE TÍTULOS
TODAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS

Praça D. João da Câmara 18 - Telef. 328045
Rua do Ouro 52 - Telef. 30309

televisão

HOJE

1.º Programa (23.15)
Museu do cinema

2.º Programa (22.25)

Foi êxito na TV
«Os Vingadores»

Com Patrick Mc Nee e Tara King nos
principais intérpretes

MADEIRA SIEMENS
ISLAND

O MAIS MODERNO TV COM ECRAN TOTAL

HOJE

1.º Programa
1.º Período
12.45 Abertura e Desenhos Animados
13.00 Variação
13.15 Aquelas Santas
13.45 Telejornal - 1.ª Edição
14.00 Um dia com...
14.15 Logo à Noite

2.º Período
14.40 Ciclo Preparatório TV
19.00 TV Educativa
19.30 Telejornal 2.ª Edição
19.45 Pedras que falam
20.15 Sangue na Estrada
20.30 Em Foco
21.00 Imagens da Poesia Europeia
21.30 Telejornal 3.ª Edição
22.00 Noite de Teatro
23.15 Museu do Cinema
23.45 Telejornal 4.ª Edição
23.50 Meditação e Fecho

2.º Programa
20.30 Abertura e Desenhos Animados
20.45 Um dia com...
21.00 Aquelas Santas
21.30 Telejornal 3.ª Edição
22.00 Encontro com o Passado
22.25 Foi êxito na TV «Os Vingadores»
23.25 Fecho

AMANHÃ

1.º Programa
1.º Período
12.45 Abertura e Desenhos Animados
13.00 Feminino Singular
13.15 Arnie
13.45 Telejornal 1.ª Edição
14.00 Conheça o Portugal Desconhecido
14.15 Logo à Noite

2.º Período
14.40 Ciclo Preparatório TV
19.00 TV Educativa
19.30 Telejornal 2.ª Edição
19.45 Presença do Brasil
20.15 Cartaz TV
20.45 Expedição
21.30 Telejornal 3.ª Edição
22.00 Cinema
22.30 Telejornal 4.ª Edição
23.40 Meditação e Fecho

2.º Programa
20.30 Abertura e Desenhos Animados
20.45 Variação
21.00 Arnie
21.30 Telejornal 3.ª Edição
22.05 Campeonato Europeu de Danças Latino-Americanas
23.40 Fecho



urgência

Emergência	115	Judiciária	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
C.V.P.	56 5342	Aeroporto	71 1397
H. de S. José	86 0131	C.R.G.E.	53 7021
H. de S. Maria	73 0231	C. Águas	36 1361
P.S.P.	36 6141	Combóios	32 6222

tempo

Situação do tempo

09.00 H

Em Portugal Continental o céu estava muito nublado e o vento era fraco e chovia em várias regiões

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H

PORTO	9.º
P. DOURADAS	2.º
COIMBRA	10.º
PORTALEGRE	7.º
LISBOA	10.º
FARO	13.º
FUNCHAL	15.º

TEMPERATURAS EXTREMAS

Praia da Rocha
Máxima 15.º

Bragança
Mínima /2.º

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do mar 12.º
Atmosfera 8.º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
8.06 3,6 m	1.36 1,1 m
20.36 3,4 m	14.11 1,1 m

Dia 12

9.01 3,4 m	2.33 1,2 m
21.40 3,3 m	15.13 1,2 m

Dia 13

10.14 3,3 m	3.46 1,4 m
23.02 3,3 m	16.27 1,3 m

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Períodos de céu muito nublado; vento fraco; condições favoráveis à ocorrência de neblina ou nevoeiro; possibilidade de chuva traca ou chuviscos.

AMANHÃ

NAScer ÀS 8.55
OCASO ÀS 18.36

DIA 12 DIA 18 DIA 26 DIA 3



EMISSORA 1. PROGRAMA

16.00 Noticiário
16.05 Ao encontro da melodia
16.30 Convívio Programa da Juventude
18.05 O convidado de hoje: Shawn Phillips
18.20 Espectáculo-Teatro por Figueiredo de Barros
18.40 Música Portuguesa
19.10 Parzuela
20.00 Diário Sonoro
20.20 O Conjunto «Blood, Sweat And Tears»
20.30 3.º Episódio do Folhetim «A Herdade Florida»
20.50 Melodias
21.00 Momento 73
21.20 Música, só Música
21.50 Dia a dia com a Ciência — pelo Dr. Marques da Costa
22.10 Fados por Rosa Vaz e Manuel Murteira
22.30 Ritmos de todo o Mundo
23.05 De um dia para o outro — por Armando Correia
00.00 Junção — Entra o MF 1 de Lx. Sinal Horário de um dia PARA O OUTRO (cont)
00.00 Diário Sonoro
00.45 Escala na Madrugada — por Galiano Pinheiro.
02.00 Fecho

Programa em MF 1 de Lisboa

23.00 Rádio Universidade
00.00 Junção com o 1.º Programa

2.º Programa

16.00 Que quer ouvir
18.00 Música Portuguesa de Fernando Lopes Graça

19.00 O canto e os seus intérpretes

20.00 Diário sonoro
20.20 Sonata em ré maior K 7 para violino e piano (Mozart)
20.40 Diário Sonoro
20.50 O Pianista Stephen Bishop
20.30 Noite de Teatro: — No início de um ciclo de Teatro de Shakespeare, a peça «Romeu e Julieta»
23.00 Emissão em Línguas Estrangeiras
01.15 Fecho

Programa Estereofónico

Teatros de serviço

LISBOA

(TURNO M-1 (ATÉ ÀS 22 HORAS))

ALCANTARA
Infante Santo, R. do Olival, 290 (T. 661003)

ALVALADE
Alentejo, Av. da Igreja, 28-B (T. 712682); Estados Unidos, Av. dos Estados Unidos da América, 16-B (T. 725859)

ARROIOS
Brasil, R. Alves Torgo, 29 (T. 46843)

AVENIDAS NOVAS
Cardote, Av. Visconde Valmor, 28-A (à Av. da República) (T. 772291)

BAIXA
Frazão, R. das Portas de Santo Antão, 72 (T. 328180)

BENFICA
Vilex, E. de Benfca, 373-B (T. 780548)

CAMPOLIDE
Imparcial, R. General Taborada, 28 (T. 680931)

CAMPO DE OURIQUE
Almeida, R. Silva Carvalho, 136 (T. 681726)

CONDE REDONDO
Branco, Av. Duque de Loulé, 61 (T. 45048)

GRAÇA
Monte, R. Senhora do Monte, 30-A (T. 867842)

LUMIAR
Patoleia, R. do Lumiar, 122 (T. 790332)

MADRAGOA
Lys, R. da Esperança, 17 (T. 660913)

OLIVAIS
Central, R. Alferes Barrilero Ruas, 7-C (Oliva-Norte) (T. 315539)

PEDROÇOS
Restelo, R. Duarte Pacheco Pereira, 11-C (T. 610741)

PICHELEIRA
Marluz, C. da Picheleira, 140-B (T. 720703/728391)

RESTELO
Restelo, R. Duarte Pacheco Pereira, 11-C (T. 610741)

SANTO AMARO
Santo Amaro, R. Filinto Elísio, 29-A (T. 637070)

S. PAULO
Ultramarina, R. de S. Paulo, 99-101 (T. 321771)

S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Sirius, R. Fialho de Almeida, 38-A (T. 44000)

TURNO M-2 (TODA A NOITE)

AJUDA
Lidia, C. da Ajuda, 170 (T. 637318)

ALCANTARA
Proibidade, R. de Alcântara, 15-A (T. 638589); Infante Santo, R. do Olival, 290 (T. 661003)

ALFAMA
Anunciada, R. do Vigário, 74 (T. 866360)

ALTO DO PINA
Eusil, R. Barão Saborosa, 104 (T. 841912)

ALVALADE
Rainha Santa, R. Afonso Lopes Vieira, 57-B (à Av. do Brasil) (T. 765262); Belo, Av. de Roma, 53-A (T. 776314)

AMEIXOEIRA
S. Bartolomeu, Vila Paulo Jorge, 1 (às Galinheiras) (T. 790969)

ANJOS
Guerra, R. Andrade, 32 (T. 845513)

AREIRO
Central, Av. Paris, 2 (T. 720820)

AVENIDAS NOVAS
Santa Maria, Av. 5 de Outubro, 283-A (à Feira Popular) (T. 763016); Saldanha, Av. Praia da Vitória, 53 (T. 43938)

BAIRRO ALTO

Durão, R. Garrett, 90 (T. 324166)

BAIRRO DA ENCARNÇÃO
Ascenso, P. do Norte, 11 (T. 311216)

BENFICA
Marques, E. de Benfca, 648 (T. 700096); Vilex, E. de Benfca, 373-B (T. 780548); São João, E. da Luz, 124-A (T. 783179)

CAMINHOS DE FERRO
Alves de Carvalho, R. Vale de Santo António, 7-9 (T. 480125)

CAMPOLIDE
Rualto, Alto de Varvalhão, 5-B (T. 651721)

CAMPO DE OURIQUE
Condestável, R. Coelho da Rocha, 119 (T. 66606)

CHARNECA DO LUMIAR
S. Bartolomeu, Vila Paulo Jorge, 1 (T. 790969)

CHIADO
Durão, R. Garrett, 92 (T. 324166)

ESTRELA
Gama, C. da Estrela, 130 (T. 660339)

GRILLO
Grilão, R. do Grilo, 25 (T. 385264)

OLIVAIS
Fernando Borges, R. Cidade de Benguela, lote 300 (Oliva-Sul) (T. 311091)

PENHA DE FRANÇA
Dimar, R. Conde de Monse-raz, 17-B (T. 842538)

S. MAMEDE
Cunha, R. da Escola Politécnica, 16 (T. 325455)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Miraflores, R. António Gran-jo, 2 (T. 213161)

CAXIAS
Nova, Rua Bernardino Ribe-iro, 1-A (T. 242839)

PAÇO DE ARCOS
Trindade Brás, R. Costa Pin-to, 186 (T. 2432034)

OEIRAS
Godinho, R. Cândido dos Reis, 98 (T. 2430090)

PAREDE
Aisir, Av. Gago Coutinho, B.º das Caixas de Previdê-ncia (T. 2472948)

S. PEDRO DO ESTORIL
S. Pedro, (T. 263052)

ESTORIL
Ostente, R. de Espinho, 1 (T. 260391)

CASCAIS
Cordeiro, Av. Comb. G. Guerra, 40 (T. 280170); No-va, Est. de Algide-Fontain-nhas (T. 281044)

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Dias, Av. Marques de Pom-bal, Lote 9 (T. 934589); Campos, Campos, R. Elias Garcia, 185 (T. 930072); Clabel, R. António Sardinha, 23-D (T. 938551)

DAMAIA
Confiança, Est. Militar, Lote D (T. 9710231)

VENDA NOVA
Girassol, R. Elias Garcia, 17-C (T. 974161)

QUELUZ
Zeller, R. da República, 83 (T. 950049); Correia, L. do Mercado, 3 (T. 950906)

CACÉM
Garcia, Av. dos Missio-nários, 2 (T. 2942181)

MEM MARTINS
Química, Est. de Mem Mar-tins, 285 (T. 2910012)

S. PEDRO DE SINTRA
Valentim, (T. 980456)

SINTRA

Misericórdia, L. Dr. Gre-gório de Almeida, 2 (Tel. 980391)

COLARES
Abreja, (Tel. 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Gameiro, L. António dos Santos Jorge, 15 (Tel. 234100)

ALHOS VEDROS
Portugal, Av. da Bela Rosa, (Tel. 224250)

ALMADA
Castro Rodrigues, R. Capilão Leitão, 21-A (Tel. 270076)

BAIXA DA BANHEIRA
Nova Fátima, Est. Nacional, 221-B (Tel. 224141)

BARREIRO
Moderna, R. D. Henriqueta G. de Araújo, 12 (Tel. 2273443)

COVA DA PIEDADE
Rainha Santa, Est. das Bar-coças, 50-A (Tel. 2760182)

MOITA
União Molitense, Av. dr. Teófilo Braga (Tel. 239029)

MONTIJO
Giraldes, R. Almirante Reis, 45 (Tel. 230008)

SESIMBRA
Lopes, R. Cândido dos Reis, 67 (Tel. 229028)

SETUBAL
Bocagiana, R. do Romeu (Tel. 23425); Bairros, B.º Santos Nicolau (Tel. 23330)

SEIXAL
Godinho, L. da Igreja, 51 (Tel. 2218580)

PORTO

7.º TURNO

SUB-TURNO A

Alirio de Barros, Suc., R. de Costa Cabral, 240. Central, R. Santo António, 203. Gome-Carneiro, Rua de Cedofeita, 348. Magalhães, R. de Serravalles, 566. Nova de Monsanto, Rua de Monsan-to, Ribeiro Junior, Suca, R. Firmeza, 99 A

SUB-TURNO B

Correia, P. M. de Albuquerque, 50. Corujeira (da), R. S. Roque Lameira, 1473. Couto, L. S. Domingos, 106. La-pa (da), R. Antero Quental, 211. Luso-Francosa, R. Sa da Bandeira, 140

COIMBRA

TURNO L

Silcar, Rua Ferreira Borges, 88-94 (Tel. 22923); Paiva, Pr.º do Comércio, 57-58 (Tel. 23231)

CACO — Dancing c/música ambiente com singular quarteto. Rua Camilo Castelo Branco, 23-A.

FORCADO — Elenco: Mariana Silva, Isabel de Oliveira Francisco Marti-nho, Maria de Portugal, João Alber-to, Manuel Martins. Folclore pelos 5 Tipicos de Vila Franca de Xira. Ar condicionado. Rua da Rosa, 221-Telefone 368579.

SOLAR DA HERMINIA — Herminia Sil-va, hoje e sempre Largo Trindade Coelho n.º 10 e 11 Encerra aos do-mingos Tel. 320164

CASINO ESTORIL — Jogo autorizado Variedades internacionais Telefones 26451, 26452, 26459, 26461 e 26496.

FONTORIA — Dancing. Música constan-te. Variedades internacionais. Praça da Alegria, 66 Tel. 35431

SAN-PAYO Bar-bote c/ música constan-te. Aberto até às 5 h. da madru-ga. Rua Rodrigues Sampaio, 34 Tel. 561422. (Ar condicionado).

PRINCEPE NEGRO — Dancing com va-riedades. Calçada da Glória, 2 Tel. 368987

CASEBRE — Cantam Carlos Barra, Deolinda Rodrigues, Nazaré Maria e Susana. Tocam Carvalhinho e Júlio Gomes. Os Aarautos. Folclore pelos Cinco. Tipicos de Vila Franca de Xira. Encerra às 2.ªs feiras. Rua da Barroca, 133 Tel. 369760

FRAGATA REAL — Maria Valejo, Ma-ria João Nelo e Joaquim Campos em Fado Lisboa, João Queiroz em Fado Coimbra, acompanhamento de António Parreira e Francisco Gonçal-ves. Artistas convidados Ana Rosma-ninho, Natália Desejos e João Ca-bral Trav. S. Miguel, 22-A-Tel. 868552

LUSO — Grande elenco de folclore-lado de Lisboa por Augusta Ermin-da e José Luis Tomar, fado de Coimbra por Americo Silva. Em la-do do castiço Cristina Maria Travessa da Queimada, 10 Tel. 362889. Aberto todos os dias.

FANTASMA — Dancing Caveau com variedades, Maria Helena, Odete Maria, Domingos Ramos e o fabu-oso Tony Sandro e Garcia e o seu conjunto. R. Gomes Freire, 145-B Aberto das 18 h às 21 h e das 22.30 h às 05.00 h

EL CID — Dancing com o conjunto «X. 4. Rua Bernardo Lima, 18-A (Ao Conde Redondo). Tel. 560538 Com variedades

TAMILA — Marão e s/conjunto «Matin-ées» todos os dias. Encerra aos do-mingos Avenida Duque de Loulé, 69. Tel. 534117.

HIPOPÓTAMO — Com Helder Reis. Encerra aos domingos. Av. António Augusto de Aguiar, 5-A. Tel. 48384.

SANZALA — Dancing Duo Ouro Ne-gro e Conjunto Blackground Janta-res e ceias até às 5 da manhã. Av Marechal Carmona, 2 (C Grande) Tel. 790177.

NINA — Dancing com atrações Rua Paiva de Andrade, 7-13 Tel. 7489/368197

cinemas

MONUMENTAL (Tel. 555131)

15.00 e 21.30
(Grupo C-14 anos)
12.ª Semana de êxito
«UM VIOLINO NO TELHADO»
Ecran gigante, som estereofô-nico de 4 bandas magnéticas

SATELITE (Tel. 555134/5)

15.30 - 18.30 - 21.45
(Grupo C - 14 anos) 7.ª Semana
A teoria e a prática do cinema aplicado na História «ALE-XANDRE NEVSKI» de Eisen-stein com Nicolai Tcherkassov

IMPÉRIO (Tel. 555134/5)

21.30 ESTREIA
(Grupo D-18 anos)
Por amor a César, por amor a Dadi, Entre dois amores... Rosalie «CESAR ET ROSALIE» com Yves Montand e Romy Schneider. (Metro: Alvalade).

ESTÚDIO (Tel. 555134/5)

15.30-18.30 e 21.45
(Grupo C-14 anos) 7.ª Semana
A obra-prima de Robert Ros-sellini «A TOMADA DO PO-DER POR LUIS XIV» (Metro-Alameda)

VOX (Tel. 720808)

15.15-18.30 e 21.45
(Grupo D-18 anos)
Colorido Um filme de John Mackenzie «MOCIDADE SEM FRIIO» com David Hemmings e Douglas Wilmer

CONDES (Tel. 322523/326710)

21.45 A Estreia do ano
(Grupo D-18 anos)
Metrócolor - Panavision Robert Mitchum provoca... «A COLE-RA DE DEUS» com Frank Lan-gella e Rita Hayworth. Real-zação de Rochh Nelson: As 14.15-16.30 w. 18.45 (Grupo D-18 anos) Últimas «A MA-NIA DAS GRANDEZAS»

ALVALADE (Tel. 717480)

15.15 - 21.45
3.ª Semana
(Grupo C - 14 anos)
Um filme de Richard Brooks
«OS PROFISSIONAIS» com Burt Lancaster, Lee Marvin, Jack Palance, Robert Ryan e Ralph Bellamy

ODEON (Tel. 326283)

15.15 - 18.15 - 21.30
(Grupo D-18 anos) 5.ª Semana
Alfredo Landa, Sylva Koscina e Ira Fustenberg em «NÃO DESEJAS A MULHER DO DELICADINHO» Um escân-dalo em graça brejeira

LYS (Tel. 38560)

21.00
(Grupo D-18 anos)
Em continuação de estreia
«A MANIA DAS GRANDEZAS»
Em complemento «PARA O MELHOR O PIOR»

POLITEAMA (Tel. 326305)

15.15-18.15 e 21.45
(Grupo B-10 anos) 4.ª Sema-na triunfal — Terence Hiel e Bud Spencer depois de «TRI-NITA» novamente juntos em «A COLINA DOS SARILHOS»

CASINO ESTORIL (Tel. 264621/264948)

17.00 e 21.30
(Grupo D-18 anos)
«EU, MONSTRO»

EUROPA (Tel. 661016)

15.15 - 21.30 color
Grupo D (18 anos)
Sophia Loren em O PECADO

BERNA (Tel. 776098)

15.15 - 21.30 - 23.ª Semana
A Paramount apresenta O PA-DRINHO
Grupo D (18 anos)

S. JORGE (Tel. 54153/4)

15.15 - 18.15 - 21.30
(Grupo D - 18 anos)
Sensacional 4.ª Semana
Charles Bronson é o «MECÁ-NICO»

LONDRES (Tel. 731313)

4 sessões diárias. 7.ª semana
14.00 - 16.30 - 19.00 e 21.45
(Grupo D - 18 anos) colorido
A estrela do ano! L. za Minnel-ly «CABARET» (Adeus Berlim)
Snack-Bar-pub «The Flag» O melhor encontro gastronómico

EDEN (Tel. 320768)

15.30 - 18.30 - 21.45
(Grupo B-10 anos) 4.ª Semana
O inimitável Cantinflas em
«OS 3 MOSQUITEIROS»

AVIZ (Tel. 47163)

15.30 e 21.45
(Grupo B - 10 anos) 50.ª Semana
«Record» exibição em Portugal
«TRINITA» - Cow-boy insolente com Terence Hiel e Bud Spacer

ROMA (Tel. 727778)

15.30 - 21.45
(Grupo C - 14 anos)
Um filme de Sidney Pollack
«AS BRANCAS MONTANHAS DA MORTE» com Robert Red-ford

TIVOLI (Tel. 50595)

15.15 - 18.30 - 21.45
Technicolor - Panavision
(Grupo C - 14 anos)
Vanessa Redgrave e Glenda Jackson «AS DUAS RAINHAS»

APOLLO 70 (Tel. 763319)

15.15-18.30 e 21.45
(Grupo D-18 anos)
4.ª Semana. Technicolor Ge-nial! «O GRANDE CONQUIS-TADOR» com Wood Allen. Ho-je às 24.00 horas clássicos à mera-noite (Grupo D-18 anos)
«ESPLendor NA RELVA» com Natalie Wood.

ESTÚDIO 444 (Tel. 779095)

15.30 - 18.30 - 21.45
(Grupo A - 6 anos)
4.ª Semana. Inimitável. Ines-quecível! «LUZES DA CIDADE» com Charlie Chaplin. Amanhã às 0.30 «DESEJO DE AMAR» (Grupo D-18 anos)

MUNDIAL (Tel. 538743)

(Grupo D-18 anos)
2.ª Semana de êxito
18.30 - 21.45
Goldie Hawn e Eileen Heckart numa inesquecível eterna his-tória de amor!
«SÓ AS BORBOLETAS SÃO LIVRES»

ROYAL (Tel. 865037)

15.00 e 21.00
(Grupo B-10 anos)
«FORMULA 1» em comple-mento «O INFERNO PARA MAIS UM»

IMPERIAL (Tel. 821933)

14.45 e 21.00
(Grupo D-18 anos)
«O REGRESSO DE SABATA» em complemento «QUE HA DE NOVO GATINHA?»

outros espetáculos

LISBOA/Teatros

MARIA MATOS

21.45 (14 anos)
«Missa Leiga»

CASA DA COMÉDIA

22.00 (14 anos)
«Alice nos jardins do Lu-xemburgo»

MARIA VITÓRIA

20.45 e 23.00 (18 anos)
«Cá vamos pagando e rindo»

VASCO SANTANA

21.45 (18 anos)
«Lar»

TRINDADE

21.45 (18 anos)
«Hedda Gabler»

GIL VICENTE

22.00 (18 anos)
«As criadas»

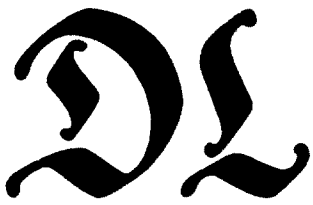
A.B.C.

20.45 e 23.00 (18 anos)
«E o fim da macacada»

VARIEDADES

20.45 e 23.00 (14 anos)
«A cama dos comuns»

DL / ÚLTIMAS



RENASCENÇA GRAFICA S A R L
PROPRIETARIA DO
DIÁRIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDAÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO, 185-1 2º, 2º 4º
TELEF. 654531/234
SERVIÇOS TÉCNICOS
RUA LUZ SORIANO 44
RUA DA ROSA 57
END. TEL. DIBOA, TELEF. 1363
LISBOA-PORTUGAL

O bacalhau vai vender-se em sacos de plástico

A venda do bacalhau avulso e a peso poderá passar a ser feita em moldes diferentes, em pequenas embalagens de plástico contendo um quilo de qualidades diferentes e preços diferentes.

Por agora, apenas uma experiência, efectuada com um lote de 36 toneladas, o sistema pretende defender o consumidor contra as especulações e fraudes de preço e qualidade praticadas pelos vendedores, pois as novas embalagens experimentais serão previamente fiscalizadas e autenticadas pela Direcção-Geral das Actividades Económicas e pela Comissão Reguladora do Comércio do Bacalhau. No entanto, parece que a medida, a entrar em vigor, beneficiará mais os produtores: estes poderão passar a vender o bacalhau «com defeito» — que, segundo preços homologados em Junho passado, deveriam ser vendidos a 22\$50 o quilo — ao preço do bacalhau completamente bom. O próprio lote experimental que em breve será lançado no mercado, é constituído sem diferenciação, em parte, por bacalhaus com peso superior a 250 gramas que apresentam «ligeiros defeitos de preparação ou conservação».

O lote experimental será vendido em embalagens de três tipos: três ou quatro postas retiradas da parte central do peixe, a 41\$00; cinco ou seis postas

menores, uma das quais poderá ser da extremidade, a 36\$00; e outra com pequenas postas e aparas resultantes das sobras das operações de embalagem dos outros dois tipos, a 27\$50.

Lembramos, a propósito, que de Janeiro a Outubro de 1972, Portugal importou 879 mil contos de bacalhau.

TABELA DE PREÇOS PARA TODA A GENTE

Entretanto, editadas pela Secretaria de Estado do Comércio, centenas de milhares de pequenas brochuras em forma de bloco, intituladas «Preços Máximos de Venda ao Público», vão ser distribuídas às donas de casa para servirem como guia de compras. A ideia é fornecer ao consumidor uma tabela dos preços homologados de vários géneros alimentícios de primeira necessidade e alguns dos produtos de uso doméstico, bem como de certos serviços utilizados por grande parte da população. Assim se sugere uma fiscalização do consumidor sobre os preços dos seus próprios produtos de consumo.

CONCURSO PARA CATEDRÁTICOS

Na Reitoria da Universidade de Lisboa, continuam, hoje, a prestar provas do concurso para provimento de um lugar de professor catedrático de Mineralogia e Geologia da Faculdade de Ciências de Lisboa, os professores extraordinários daquela Faculdade, drs. Matos Alves, Romariz Monteiro e Teles Antunes.

Os trabalhos científicos de ambos os candidatos serão apreciados pelo júri que, em seguida, reunirá para deliberar sobre as provas e classificação dos concorrentes.

Frutos do Natal

Uma transmontana de 43 anos que trabalha como servçal na Rua do Salitre, apresentou, na esquadra da área, queixa contra dois indivíduos, ambos de 20 anos, um natural de Vieira do Minho e outro de Alter do Chão. As razões para a queixa vêm já do Natal de 1971, altura em que o primeiro foi àquela casa para fazer as ornamentações de Natal. Como a proprietária da casa é uma senhora de idade, ele aproveitou a ocasião para levar trinta con-

tos pelo trabalho. Neste Natal o rapaz não teve coragem de voltar a apresentar-se para idêntica tarefa. Mas mandou o segundo em seu lugar com a indicação do esconderijo do dinheiro. E tudo correu pelo melhor: em vez de trinta foram quarenta contos.

A servçal, que já estava atenta, viu a coisa e deitou-lhes a mão. Os indivíduos, agora detidos, dizem-se empregados da indústria hoteleira.

A Cooperativa Florestal das Beiras

ÁGUEDA, 11 — A Cooperativa Florestal das Beiras (COFLORA) reuniu os seus associados, a quem foi dado conhecimento de algumas actividades realizadas e de propostas feitas. Entre elas havia uma de delegados da Celulose do Tejo, que se mostraram interessados, em abordagem ao presidente da Direcção da COFLORA, na aquisição integral da madeira de pinho que aparecesse. Os sócios presentes discutiram os dois problemas fundamentais que ali os trouxeram: meios humanos e meios

financeiros. Chegou-se à conclusão de que se tinha de dar prioridade aos meios humanos, condicionante principal da recolha de fundos entre os associados, sendo por isso, imediatamente, escolhida e aprovada, com o pleno acordo da Direcção, uma Comissão de Trabalho que colaborará com os corpos gerentes da Cooperativa em diversas tarefas programadas. A Comissão é constituída pelos sócios eng. Garcia Pulido, rev. José Nunes Ferreira dos Santos e sr. Ataíde Semedo.

ACABOU A COMIDA BARATA EM INGLATERRA

TELEX DE JOAQUIM LETRIA

LONDRES, 11 — O preço do rosbife é difícil de engolir na Grã-Bretanha europeia. Desde que o congelamento de preços e salários começou em Novembro passado, a carne subiu 37 por cento.

Hoje, o rosbife custa cerca de 130 escudos o quilo, enquanto os bifes do lombo (rumpsteak) estão a cerca de 200 escudos o quilo.

Muitas famílias jovens e velhos reformados vivendo de pensões não podem comer mais carne ao domingo, o que era uma tradição neste país de refeições leves durante a semana.

O próprio ministro Joseph Godber, da Agricultura, confessa que comeu carneiro o domingo passado, em vez de carne de vaca assada. Como ele fizeram milhares de cidadãos deste país, mas o carneiro também subiu cerca de 50 por cento no mesmo período de tempo, ou

seja desde 6 de Novembro. O primeiro-ministro Edward Heath nomeou uma comissão de três membros para elaborar um urgente inquérito que deve culminar num relatório a ser apresentado no fim desta semana.

Não há dúvidas de que Heath espera que esse inquérito deixe bem claro que a actual subida de preços não tem que ver com a entrada para o Mercado Comum. Mas se não conseguir provar isso claramente, Heath e toda a sua equipa poderão ficar em apuros. Heath, advogando a participação britânica numa Europa alargada, insistiu durante meses e meses em que os preços não subiram mais de 2,5 por cento, por ano. Para 37

por cento parece ser muito mais do que isso...

No entanto, o que parece ser mais importante, é que seja qual for a causa, acabou a era da comida barata na Grã-Bretanha. Até aqui isso era possível neste país graças a compras em condições favoráveis a países da Commonwealth e a nações em desenvolvimento.

A demanda dos produtos alimentares britânicos era também pouca. Mas agora todas as vantagens anteriores desapareceram. A política da Comunidade Económica Europeia de comida cara está em pleno vigor, ao mesmo tempo que aumenta a procura de produtos que faziam parte da dieta deste

povo, especialmente a carne de vaca.

Os economistas dizem que não voltará a haver comida barata em Inglaterra. E isto poderá ter importantes consequências. Logicamente, a pressão para a subida de salários aumentará, por parte do fortíssimo movimento sindical britânico. O custo da estrutura industrial sofrerá alterações.

Certo que deverá haver muita pressão para o aumento de produtividade, o que só fará bem ao país e a muita gente, a longo prazo.

Mas o mais importante, hoje, para os britânicos é que as donas de casa têm que pedir muito mais dinheiro aos maridos antes de irem às compras.

Oito mulheres-piloto na Marinha Americana

ALAMEDA (CALIFORNIA), 11 — (UPI e ANI) — Uma jovem loira, de 22 anos iniciou a sua carreira como uma das primeiras mulheres-piloto da Marinha.

Trata-se de Joellen Drag, de Castro Valley, na Califórnia, que foi investida pelo seu pai, o comandante reformado da Marinha Theodore Drag, numa cerimónia que decorreu na base aéro-naval de Alameda.

Depois do juramento, Drag quebrou a tradição, ao beijar a filha.

Joellen é uma das oito mulheres norte-americanas aceites pelo programa de treino de pilotagem da Marinha. Não será treinada para o combate — uma vez que as mulheres não recebem tal especialização — embora se diga que ela estava disposta a isso.

Quatro das mulheres estão já a prestar serviço na Armada. As

outras quatro, incluindo Joellen, foram recrutadas da vida civil. O programa de treino das mulheres-pilotos, inclui a pilotagem de monomotores, multi-motores e helicópteros.

«Gostaria de pilotar aviões de transporte e jactos» — disse a loira recrutada, acrescentando: «E não levantaria objecções em levar a cabo missões de combate».

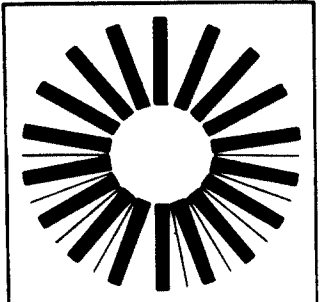


Judith Ann Neuffer, a primeira mulher-piloto militar americana, segura um modelo de um avião C-130, de transporte. (Telefoto UPI/Telimprensa/DL)

Profissionais de escritório

Prosseguindo na discussão e votação na especialidade do orçamento do Sindicato Nacional dos Profissionais de Escritório do Distrito de Lisboa, a assembleia geral do organismo aprovou propostas sobre a verba para a Federação Regional dos Sindicatos (3.207 contos), bem como as obrigatórias destinadas ao Fundo de Formação Social e Corporativa, (306 contos), Secretaria das Comissões Corporativas (155 contos) e FNAT (1.823 contos). Foram, entretanto, aprovadas as verbas destinadas a rendas de casa, seguros, água, luz, limpeza e aquecimento.

PIERRE HUBER



HEALTH CLUB

HOTEL SHERATON
ANO NOVO, LINHA NOVA

CURA DE EMAGRECIMENTO

PERCA 6 kg EM 12 DIAS
Com o nosso novo tratamento exclusivo

CONTACTE:

PIERRE HUBER

Que examinará e resolverá o seu caso.

Começo da nova sessão:

19 DE JANEIRO

Inscrições limitadas

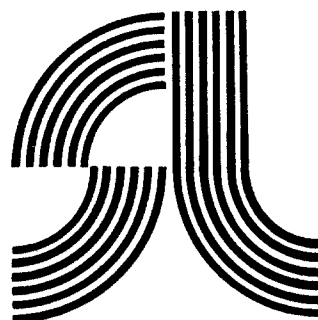
Telefone para:

553353-563911/41/51

Extensões 221 e 222

SUPLEMENTO LITERÁRIO

Diário de Lisboa



Colaboram
neste suplemento:

Textos de

Adolfo
Casais
Monteiro

Alcides
de Campos

Franco
de Sousa

Maria
Isabel
Barreno

Pedro
Támen

Alexandre
Cabral

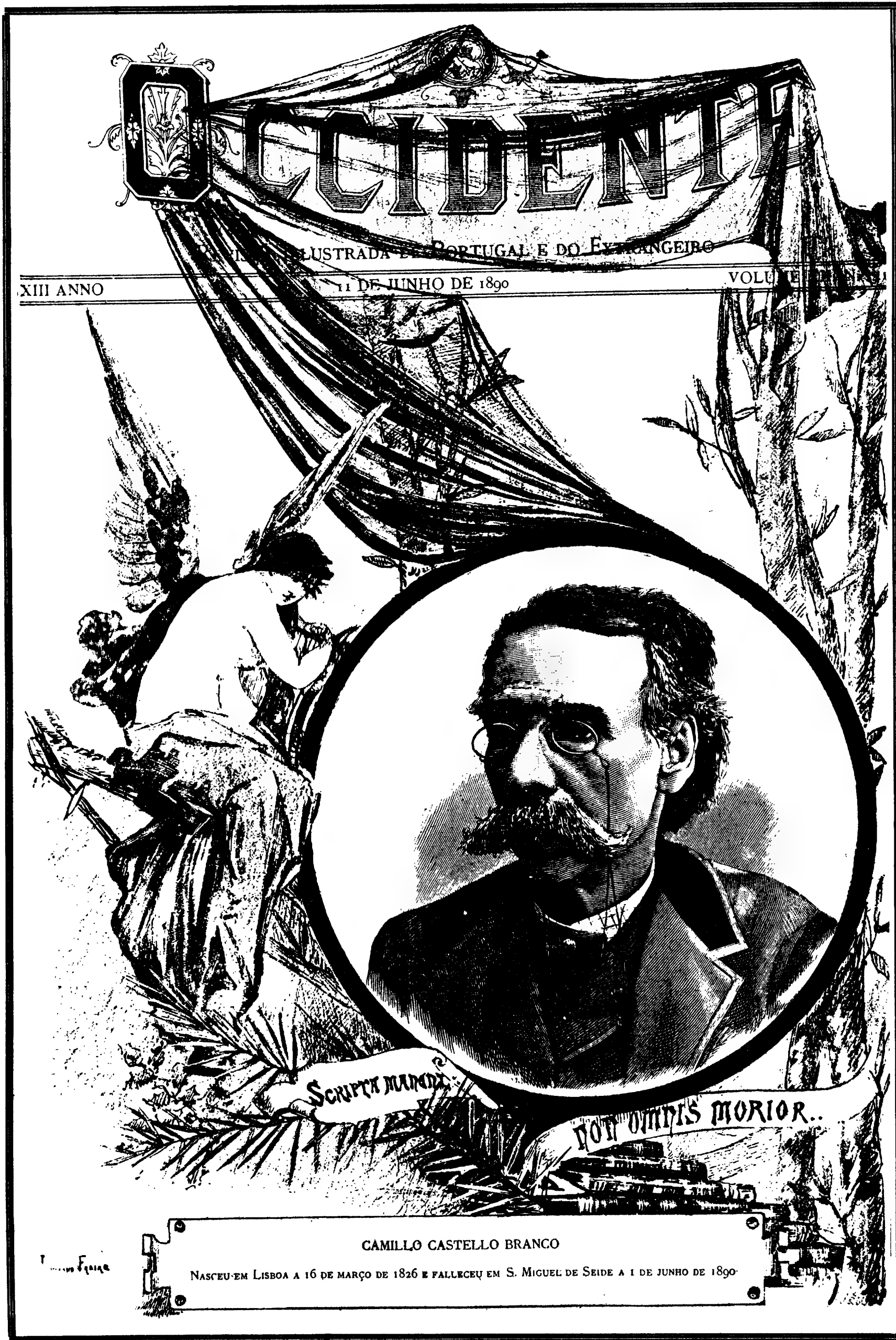
Eduardo
Prado
Coelho

Lauro
António

Mário
Vieira
de
Carvalho

José
Luís
Porfírio

José
Augusto
França



CAMILLO CASTELLO BRANCO

NASCEU-EM LISBOA A 16 DE MARÇO DE 1826 E FALLECEU EM S. MIGUEL DE SEIDE A 1 DE JUNHO DE 1890

LIVROS RECEBIDOS

EDIÇÕES DE AUTOR

TEMPO DE MAR AUSENTE
João Mattos e Silva
Prefácio de Henrique BARRILARO
Ruas

FALANDO DISTO E DAQUILO
F. de Sacadura Falcão

EDITORIAL PRESENÇA

HISTORIA DA IDADE MEDIA-Vol. I
C.W. Previté-Orton
Tradução de Carlos Grifo Babo

ABC DO XADREZ
Petar Trifunovitch e Sava Vukovitch
Tradução de Carlos Alberto Sá Faria
e Jorge Pessoa
Santos Carvalho

LIVRARIA PAISAGEM

O DISCURSO DA DESORDEM
António Rebordão Navarro
Colecção Paisagem-n.º 2

LIVROS DO BRASIL

A VIDA QUOTIDIANA DOS PRIMEIROS CRISTÃOS
A. Hamman
Tradução de Miguel Serras Pereira
Colecção A Vida Quotidiana-n.º 40

PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA

HISTORIAS AFLUENTES-2.ª edição
Alves Redol
Colecção Obras Completas de Alves Redol-n.º 8

SEARA NOVA

SOBRE O ANTIMARXISMO CONTESTATÓRIO
Sottomayor Cardia
Colecção Argumentos-n.º 6

EPISÓDIOS DRAMÁTICOS DA INQUISIÇÃO PORTUGUESA — Vol. 1 (3.ª edição)
António Baião
Colecção Seara Nova — n.º 8

NOTICIÁRIO EDITORIAL

EDITORIAL VERBO

— **Viagem aos Centros da Terra**, de Vintila Horia, é o 1.º volume da colecção «Documentos Para o Nosso Tempo». Husserl, Jung, Unamuno, Karl Rahner, James Joyce, Fellini, Toynebee, Nobel e outros «monstros sagrados» do nosso tempo deparam neste livro para o nosso tempo, em entrevistas especialmente concedidas para ele, ou através do testemunho dos seus familiares ou discípulos. Um total de trinta e quatro testemunhos, cujo conhecimento é indispensável a quem pretenda possuir uma ideia clara da nossa época e das forças que dominam, próxima ou remotamente, o nosso destino.

— **Toulouse-Lautrec**, da autoria de André Fermigier, é o 7.º volume da colecção «Ars Mundi — Grandes Artistas». Este livro oferece-nos uma nova visão da experiência de um dos pintores mais fascinantes dos fins do século passado, fazendo sobressair a vivacidade, a malícia e a fantasia que caracterizam o artista e que este imprimiu com singular espontaneidade à sua obra. Toulouse-Lautrec é situado no mundo pitoresco que o circundou, especialmente o do espectáculo, cuja imagem ele nos transmitiu com tal originalidade e ineditismo que se pode considerá-lo um dos grandes cronistas da vida parisiense.

— **A Arte dos Romanos**, de Jocelyn Toynbee é o 32.º volume da colecção «História Mundi». Este livro foca, como principais temas: a escultura retratista em estatuária e alto relevo; a estatuária não-retratista; os relevos de pedra e de mármore; as pinturas murais e de tecto; a pintura retratista e a pintura nas artes menores; os mosaicos.

A autora, Jocelyn Toynbee, foi professora de cultura clássica na Universidade de Cambridge, com especialização em Arqueologia, e é membro da Faculdade de Arqueologia, História e Letras da British School, em Roma.

— **O Renascimento do Século XII**, de Christopher Brooke, é o 16.º volume da colecção «História Ilustrada da Europa». Neste livro são largamente estudados os grandes impulsionadores das diversas correntes culturais que se desenvolveram na Europa Ocidental entre os séculos XI e XII, relacionando-se a sua obra com os meios social, artístico e religioso.

— **História do Brasil** é mais uma publicação que enquadra no nível gráfico e de texto das edições «Verbo Juvenil». O texto é de Herculano Gomes Mathias, do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e chefe do sector de documentação do

Museu Histórico Nacional. Em linguagem fluente, o autor faz desenrolar diante dos olhos toda a história brasileira, a qual se funde com a portuguesa até ao momento da independência. O material fotográfico utilizado inclui quadros, esculturas, ilustrações, manuscritos e outros documentos, cuja reprodução foi obtida nos museus e arquivos do Brasil e de Portugal. Uma obra a juntar aos dois volumes da História de Portugal Verbo Juvenil.

— Na «Biblioteca da Juventude» publicaram-se mais dois volumes: **Dominó e os Quatro Elefantes**, de Suzanne Pairault, 52.º volume, série A — **Peregrinação e Aventura**, conta-nos as aventuras de um herói que toma parte num concurso de reportagens de um grande jornal e se vê imprevisivelmente envolvido em investigações policiais; **Liana Encontra Sabina**, de Rolph Ulrici, 33.º volume, série D, «Nós, as Raparigas», é um livro cheio de interesse onde o autor, um consagrado da literatura infantil, faz sobressair com grande sensibilidade as maravilhas que a província, neste caso a vida da floresta, pode revelar a todos, muito especialmente aos jovens.

— **O Meu Livro de Cozinha** é elaborado com todo o cuidado para as meninas a partir dos oito anos de idade — muito pode servir também às próprias mães — e alla, de maneira equilibrada, o simples divertimento e a vida real. Nele encontrar-se-á a leitora muitas receitas e as noções essenciais de dietética. Muitas ilustrações exemplificadoras e coresas de Maria de Lourdes Modesto fez a adaptação do livro para português.

— **Os Melhores Contos de Grimm** é o 4.º volume da colecção «Grandes Tesouros da Literatura Infantil». As ilustrações do livro são de Benvenuto. Versão portuguesa de Ricardo Alberty. Entre os vários contos inseridos neste volume salientamos «Jorinda e Jorindel», «Os Sete Corvos», «Hansel e Gretel», «O Príncipe Sapó» e «As Três Filadeiras».

— **Os Desportos, Belas Artes, As Flores e O Espaço**, são os primeiros volumes de «Álbuns de Filatelia Verbo Infantil», colecção que apresenta como objectivo iniciar os leitores mais pequenos nos segredos da Filatelia. Trata-se de uma colecção dividida por temas, agrupando cada tema diversos países. Os álbuns contêm a reprodução dos principais selos de cada série, competindo ao coleccionador completar as séries com selos autênticos.

— Foram publicados mais dois volumes da colecção «Cavalinho»: 9.º volume, «A Casa Perdida», que tem ilustrações de Matagne e versão portuguesa da Dr.ª Maria Isabel de Mendonça Soares; 10.º volume, «O Balão de caracolito», com ilustrações de Roba e versão portuguesa de Luiz Pacheco.

LIVROS DO BRASIL

Publicado na colecção «Vida Quotidiana», acaba de aparecer o livro «A Vida Quotidiana dos Primeiros Cristãos» (95-197), da autoria de A. Hamman, relato da vida do dia-a-dia que compõe a trama da existência cristã.

PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA

Primeiro volume de uma nova colecção — a Colecção «H», dedicada a um humor sadio e de nível, que incluirá sempre os melhores autores do género de todo o mundo — **Absurdissimo**, de Santos Fernando, reúne vinte e duas histórias traçadas com a verve, o toque surreal e a «illogicidade» que o seu autor vai buscar em cada um de nós e nos oferece para que possamos, através dele, rir de nós próprios.

A C. P. Informa:

LEILÃO

Em 15 de Janeiro e dias seguintes, a partir das 10 horas, na estação de Alcântara-Terra, proceder-se-á à venda em hasta pública de todas as remessas que não tenham sido retiradas nos prazos estabelecidos, bem como de outros volumes abandonados e que não tenham sido reclamados.

Avisam-se os Srs. consignatários das remessas e donos dos volumes de que podem ainda retirá-los, até ao dia 12 do corrente mês, nos dias úteis, excepto aos sábados, das 10 às 17 horas. Para o efeito, devem ser pagos à Companhia os débitos que corresponderem, para o que os interessados poderão dirigir-se ao Serviço da Fiscalização das Receitas — Largo dos Caminhos de Ferro — Lisboa.

Nas estações, estão afixados Avisos em que se enumeram as remessas e volumes referidos.

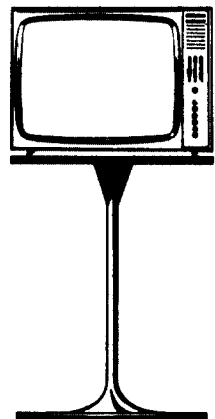
LIÇÕES DOS PRIMITIVOS



Não só de progresso e inovação é feita a nossa civilização. A verdadeira virtude está na medida exacta da combinação dos elementos que o conhecimento científico do século XX nos facultou, com a grande lição que vamos colher nas civilizações primitivas, na sabedoria dos povos sem civilização. Leia um apaixonante e revelador estudo sobre este assunto, agora publicado no número de Janeiro de Selecções do Reader's Digest.

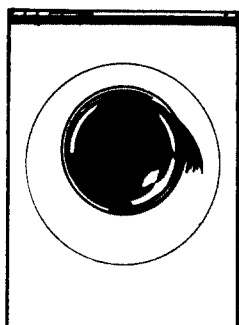
não compre amanhã o que pode GANHAR hoje!

TELEVISORES

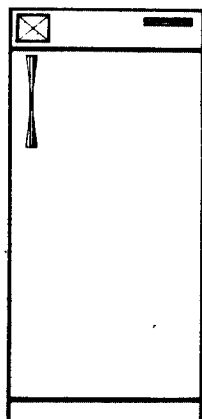


ESQUENTADORES

FOGÕES MÁQUINAS DE LAVAR



FRIGORÍFICOS



AOS MELHORES PREÇOS OU

absolutamente

GRÁTIS

Faça-nos uma visita e veja tudo o que temos para lhe oferecer nesta extraordinária campanha!



FRINEVE

60, RUA DO CONDE DE REDONDO, 62

Na FRINEVE... é que é bom!

INALTERA

toda uma gama de decorações murais

- papeis pintados
- revestimentos metalizados
- veludos antigos
- panorâmicas

para descobrir em

DECOMUR

AVENIDA DEFENSORES DE CHAVES, 132
TELEFONE 5894 - 1535-41
AGENTES EM TODO O PAÍS

LIVRARIA CLÁSSICA EDITORA

MORADIA

ALUGA-SE MOBILADA C/ 2 QUARTOS, LIVING, JARDIM ETC.

TEL. 776928

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Cabral da Silva, Lda. Rua Frederico Arouca, 1 CASCAIS

Introdução à literatura brasileira (1)

QUANDO COMEÇA A LITERATURA BRASILEIRA?

Adolfo Casais Monteiro

A série de quatro artigos cuja publicação hoje iniciamos, constitui a introdução a uma «História da Literatura Brasileira» que, tanto quanto supomos, Adolfo Casais Monteiro não concluiu.

Não obstante o carácter parcelar do texto (que só no conjunto encontraria naturalmente a sua acabada definição), consideramos da maior importância trazê-lo ao conhecimento dos leitores em geral e dos estudiosos de literatura em particular. Escusado seria acrescentar que é motivo de orgulho para o «Suplemento Literário» ser essa divulgação feita nas suas páginas, como homenagem, também, ao poeta e ensaísta desaparecido.

Nada mais natural do que a divergência dos historiadores de qualquer literatura com respeito ao seu começo e evolução, à sua divisão em eras, épocas, períodos, etc. O contrário seria impensável. A coincidência só pode dar-se relativamente àqueles valores que não interferem, ou não parecem interferir, no conjunto de problemas sujeitos à interpretação histórica e sociológica. Não obstante certas flutuações, a média dos juízos sobre o valor das grandes criações da literatura mantêm-se estáveis, nas sucessivas revisões. Mas tudo quanto se relaciona com, e dependa da maneira como se concebe a evolução histórica, reflecte, evidentemente, o carácter contraditório das interpretações.

Maiores são as razões de divergência quando literatura em causa tem a determinação da sua origem e evolução sujeitas à existência de outra que a precedeu, em condições tais que algum ou alguns elementos essenciais lhes sejam irremediavelmente comuns — como é o caso da brasileira em relação à portuguesa. Só por si, a determinação daquilo em que uma continue ou não a outra, assim como a do momento em que se lhe deva marcar o início, não podia deixar de constituir candente pomo de discórdia, e sem dúvida assim continuará a ser ainda por muito tempo, entre os que se têm dedicado a procurar-lhe as raízes e a marcar-lhe a data do nascimento.

O elemento fundamental e fatal de tais discórdias é o factor linguístico. Ora, a relação língua-literatura

quanto a sua quase permanente deslocação para fora do único plano em que seria legítimo considerá-lo. Teorizou-se com demasiada inconsequência, sem se pesarem as palavras, e muito menos se analisarem os factos: os da língua, e os da literatura. Podemos mesmo dizer que se criou um problema onde não existia nenhum, e se deixou de considerar o problema

língua diferente, nada pode ajudar ao esclarecimento dos problemas da história literária. Assim, restam-nos os outros factores — os factores reais. Ora, se deixarmos de parte quaisquer «escritos» que só o facto de o serem tenham em comum com a literatura, parece estarem com a razão aqueles que fazem começar a literatura brasileira no que já se co-

tuguesa os documentos de várias ordens nos quais, antes de haver uma literatura, já existe uma língua portuguesa.

É antes de mais evidente que, nascendo uma das literaturas depois da outra, há, seja qual for a interpretação que se lhe possa dar, um problema de continuação. As coisas tornam-se, portanto, muito mais complicadas do que quando, como para o princípio da portuguesa, beneficiamos da simplificação comodíssima de poder ligar o seu início a uma virgindade linguística. O que elimina pelo menos as susceptibilidades muito humanas que suscita a situação de «dependência», mesmo quando unicamente moral, digamos assim. E no caso em questão, como bem sabemos, é a necessidade de afirmar a independência que constitui o maior obstáculo para se chegar a uma conclusão isenta de imposições apriorísticas alheias aos fenómenos linguísticos e às condições da criação estética.

Antes de mais nada, surge a situação paradoxal de a mesma solução tanto ser patriótica como antipatriótica. Com efeito, dizer que o início da literatura brasileira é a própria descoberta, isto é, as produções literárias escritas em terras de Vera Cruz, a partir desse momento, ou pelo menos as que tenham essa mesma terra como tema, tanto pode afirmar a independência como a dependência. Porque tanto se pode provar com isso o carácter brasileiro de tal «literatura», como o seu carácter português...

Poderíamos prosseguir indefinidamente neste mesmo estilo de «razões», sem outro resultado senão a permanência da confusão. Na verdade, ou é o início de uma literatura brasileira que se procura situar, e portanto terá que se falar de literatura, ou então, falando-se ora de «escritos», ora de língua, ora de literatura, conforme mais convém de momento, o problema permanecerá intacto. Na verdade, ou se trata de literatura, antes de mais nada, ou tudo

mergulha em pleno caos. E literatura é valor estético, e não conteúdo histórico. Ora o significado nacional duma obra literária não é detectável; só o podemos reconhecer num plano alheio à essência individualizadora de cada obra. Por outras palavras: a visão fragmentária, implícita na procura de obras nas quais «começaria» a literatura brasileira, impede, pelo seu próprio carácter, a definição de valores nacionais. Só o conjunto duma literatura é que os afirma. Por isso mesmo, a visão ao microscópio inutiliza qualquer esforço de sistematização — e o esforço de sistematização é, para a quase totalidade dos historiadores da literatura, sinónimo de tal microscopismo.

Da mesma forma que cada indivíduo, de per si, não «representa», nem é expressão da nacionalidade a que pertence, assim esse indivíduo que é a obra literária carece dos caracteres que nos permitiriam apor-lhe a significação de «última» obra da literatura portuguesa no Brasil, ou «primeira» da literatura brasileira. Quer isto dizer que tal problema não se pode equacionar, seja qual for a categoria de valores na qual se pretenda integrá-lo e resolvê-lo. Parece-me que basta, para o seu absurdo saltar à vista, lembrarmos-nos de que, na categoria «valor literário», uma obra «é», ao passo que, em se tratando do conjunto de expressões nacionais, e tomando-a como um elemento

Continua na página quatro



não é um «facto» que se possa introduzir no debate como elemento de prova; pelo contrário, constitui essencialmente um problema não-esclarecido, e, pelo contrário, obscurecido pelas mais fantasiosas afirmações. Com efeito, se a literatura portuguesa precede a brasileira, enquanto não se pode dizer o mesmo da língua, seria portanto necessário, antes de mais nada, definir a função desta em relação à literatura, saber se a língua é factor primacial, secundário, ou porventura anodino. Recorreu-se sobretudo, porém, à suposição de que era de facto outra a língua. O absurdo não foi estigmatizado com o necessário rigor, visto que as motivações ufanistas «precisavam» duma «língua brasileira», mais fácil de ser afirmada do que vista e ouvida.

De facto, nada tem complicado tão gravemente este problema

real, tentando explicar o facto indiscutível de realmente haver duas literaturas e uma só língua. E, sobretudo, deixou de se esclarecer quais as relações entre a língua, em geral, e a língua literária, argumentando-se em questões desta com razões tiradas daquela, e vice-versa. Lembremo-nos, inclusive de que se debate indistintamente o problema sem se distinguir língua e fala. Basta ver, pormenor significativo, que, frequentemente, aquele famoso projecto, jamais realizado, de Mário de Andrade, anunciando a «Gramatiquinha da fala brasileira», era citado com a troca de «fala» por «língua», comprometendo Mário de Andrade em empresas demagógicas que não podiam ser do seu gosto.

De qualquer modo, uma hipótese — já que nada mais pode ser, cientificamente — sobre a possível futura existência duma

meça a designar generalizadamente como sua Era Nacional, por oposição à Colonial. Aqui, como se vê, ainda resta a dúvida quanto a saber se a Era Colonial o é ou não da literatura brasileira. Problema que tem algo de semelhante ao do sexo dos anjos, pois que, só pela análise dos próprios termos, seria fácil concluir que só a Nacional é que... é nacional, o que implica a redução da Era Colonial à condição de pré-história da literatura brasileira, a qualquer título que se considerem as obras que a integrem; estas, quando de facto literárias, seriam literatura portuguesa no Brasil; as outras seriam, sob algum aspecto, «interessantes» para a formação da cultura brasileira, para o conhecimento da terra e do homem, o estudo da formação da consciência nacional, etc. — da mesma forma que não se consideram literatura por-

&ETC
MAGAZINE CULTURAL

JÁ AGORA,
O QUINZENÁRIO
DOS QUE SABEM LER

SAI NO DIA 17

UM INÉDITO DE ADOLFO CASAIS MONTEIRO

Continuação da página três

destas, a obra literária apenas «se torna» sua parte. Por isso mesmo a vemos, quando encara a tal título, irmãada com toda a espécie de «documentos», despojada, portanto, da sua significação estética.

Uma literatura não é a soma das obras literárias que a representam; como obra em si, cada uma destas é um absoluto, e só dum ponto de vista relativo a outros valores ganhará caracterização nacional. E creio ser por tal motivo que as histórias da literatura oscilam tão perigosa-

mente entre a fidelidade à obra e a fidelidade aos valores nacionais. Só estes, com efeito, podem ser objecto de história — como podem sê-lo, é claro, as «formas», as «escolas», os «estilos» — e, como é sabido, não são a forma, ou a escola, ou o estilo que definem o lugar de cada obra na esfera dos valores estéticos.

Não sei até que ponto influiu no que acabo de escrever a releitura do I capítulo do grande livro de António Cândido, desde já coluna mestra dos estudos que de hoje em

diante se venham a fazer neste campo: «Formação da Literatura Brasileira — Momentos Decisivos». Escreve ele (v. I, p. 22): «O problema da autonomia, a definição do momento e motivos que a distinguem (à literatura brasileira) da portuguesa, é algo superado, que não interessou especialmente aqui. Justificava-se no século passado, quando se tratou de reforçar por todos os meios o perfil da jovem pátria, e nós agíamos, em relação a Portugal, como esses adolescentes mal seguros, que negam a

dívida aos pais e chegam a mudar de sobrenome». Do que segue, e é aliás muito importante, não quero citar senão o que interessa directamente aqui: «pode-se considerá-la (à literatura brasileiro) independente desde Gregório de Matos ou só após Gonçalves Dias e José de Alencar, segundo a perspectiva adoptada».

O termo «literatura comum», usado em diversas oportunidades por António Cândido, decorre naturalmente do ponto de vista exposto, e parece-me bem apto a ladear naturais dificuldades,

inevitáveis hesitações de historiadores, tanto da literatura portuguesa como da brasileira. Essas dificuldades e hesitações são a própria expressão do absurdo de se pretender determinar o que é indeterminável. E assim como seria absurdo pesar a identidade nacional de autores numa fase condenada à ambiguidade, assim também será vão o esforço de deslindar até que ponto os numerosos «escritos» interessando à história e à formação cultural do Brasil, terão alguma significação como marcos da instauração duma literatura própria. E, quanto a estes, bastará ver que a sua importância é essencialmente dos domínios da história, da geografia, do folclore, etc. O problema é, na realidade, insolúvel, pelo menos enquanto uma quase impensável unanimidade dos historiadores da literatura não estabelecer que somente a partir do começo da Era Nacional se designe como brasileira a produção literária.

A seguir:
**ERA NACIONAL
E AUTONOMIA
LITERÁRIA**

NOVIDADES LITERÁRIAS

HISTÓRIA DO TEATRO DAS ORIGENS AOS NOSSOS DIAS

LÉON MOUSSINAC

O teatro como um meio para o homem e para a sociedade
350\$00

COLECCÃO OBRAS COMPLETAS DE ALEXANDRE HERCULANO

O BOBO (1128)

revisão e prefácio do prof. VITORINO NEMÉSIO

Uma intriga de amor inserida num ambiente histórico que se pretende ressuscitar
45\$00

COLECCÃO DE BANDA DESENHADA

SÉRIE NEGRA

JEAN GRATON

Emocionante aventura de Michel Vaillant nas mais conhecidas pistas de corrida da Europa
50\$00

EDIÇÕES DA

LIVRARIA BERTRAND

Apartado 37 - AMADORÁ



PRESENTE EM CASCAIS

AO SERVIÇO DA ECONOMIA NACIONAL

BIP

BANCO INTERCONTINENTAL PORTUGUÊS

UM CONCEITO NOVO NO ESPAÇO ECONÓMICO



pioneiros em ventilação e condicionamento de ar.

NÃO à poluição, com ventilação

indola

electric

AGENTES GERAIS:

Frigel — LISBOA
Avenida Infante Santo, 72

TELVI — PORTO
Praça Velasquez, 285

O QUE SÕ EM NÓS PODEMOS ENCONTRAR

Por Franco de Sousa

Quando a melancolia tudo faz ver feio e absurdo, cai em nós tão grande desânimo que o próprio esforço para a sacudir parece inútil. Nesses instantes descremos do mundo, de nós, de todos, e antecipadamente nos aborrecemos do tempo ainda por viver.

Todas as manhãs, a esta ansiedade com que acordamos, a este sentimento de esbanjar vida, capital a investir em empresa que orgulho nos traga e humanamente nos faça sentir justificados, respondemos:

— Hoje será um dia diferente! Hoje acontecerá alguma coisa!

Mas nada acontece e o dia escorre e deixa em nós aquela baba de lesma arrastada e só nos fica a consciência das nossas grandes e pequenas cobardias, de não sermos capazes de gritar NÃO a quanto à nossa volta nos força a dizer sim.

Quando chegará o dia? Quando encontraremos razão para viver?

Pois sentimos ser o tempo de nossas vidas não o de viver, mas o de sobreviver.

Então, sem que o chamemos, surge quem vive em todos nós: aquele que gostaríamos de ser. Vem e pergunta-nos:

— Por que procuras fora de ti?

E como um clarão dentro de nós.

A sua luz, poderíamos ver — se quiséssemos — que não contamos connosco, e esperamos das notícias dos jornais, da chegada do carteiro e até de um telefone algo de novo que tudo à nossa volta transforme.

Veríamos o que em nós podemos encontrar.

Esta exigência por uma razão a justificar-nos a vida nasce na consciência. Porque vivemos e sabemos viver, e esta consciência de viver logo impõe orientação para o tempo de vida e para as atitudes com que o preenchemos.

Procuramos esse sentido fora de nós e não vemos o que em si mesmo é evidente. Pois mesmo que o homem tivesse aparecido sem qualquer razão a justificar-lhe o nascimento, no próprio momento em que sobre si se debruçasse e se interrogasse quanto às causas do seu estar no mundo, nesse mesmo instante teria criado uma finalidade para a sua vida.

E na verdade não existe homem a quem a consciência não tenha esboçado um destino a cumprir e seja guia dos seus dias.

Mas muitas são as finalidades por onde optar e os homens diferenciam-se, mais ricos ou mais pobres, nas razões que para as suas vidas escolheram.

Nem sempre escolhemos bem ou, mais exactamente, quase sempre escolhemos mal. O que em nós temos de encontrar deve corresponder a quanto de mais verdadeiramente somos, e bem difícil é sabê-lo. Vamos assim adoptando finalidades que outros antes de nós para si encontraram.

Não são nossas.

As nossas só em nós as podemos encontrar.

Porque o que nos distingue como homens é esta faculdade consciente a permitir-nos criar razões orientadoras de vidas. Somos livres para optar entre os possíveis de que somos causas.

Quem presentemente sou em muito dependeu de quem fui. Assim aquele que serei dependerá do actuar no mundo daquele que sou. Logo, em face de uma situação onde me surjam várias soluções, preferindo uma não serei o mesmo se me decidir por qualquer das outras. Quem irei ser é construído através da minha vontade presente. Não me é indiferente qualquer solução. Orientar-me-ei por razões e seguirei aquela que mais rápida e plenamente me conduza a quem queira ser ou considere dever ser.

Sou portanto livre na minha opção. Negar esta liberdade seria negar a história dos homens.

Mas somos mais. Somos energia consciente, que em si mesma pode ser simultaneamente causa e efeito. E aqui acredito encontrar-se a máxima grandeza do homem, a máxima finalidade que pode encontrar em si, a de se transformar, fazendo de cada momento da sua vida uma procura de beleza, de amor, de verdade.

Mas aqueles que somos perguntam agora com triste sorriso:

— E onde se encontra essa verdade, essa beleza, esse amor, nos dias que vivemos?

— Procura — responde aquele que desejamos ser.

— Procurar não é encontrar.

— No procurar nos encontramos. Se actuamos em verdade, amor e beleza, dirás não ao que é hediondo, odioso e falso. E se cada consciência seguisse este caminho assistiríamos à maior das revoluções da história dos homens.

Diz-se que o homem capaz pela sua vontade de deslocar montanhas e erguer reinos é uma figura romântica. Diz-se que o homem isolado nada vale e só ombro com ombro poderão os homens criar na terra o império de felicidade que ainda não nasceu.

Assim é.

Assim será quando os homens se recriarem em amor, em beleza, em verdade, porque nesta mesma beleza, nesta mesma verdade, neste mesmo amor, vivem as condições para a vontade de unirem os seus esforços. E será então a união efectivamente originadora de força, pois se efectuou entre aqueles que em si mesmos a encontraram. Como poderia nascer força da união daqueles que a não têm? Se mil vezes multiplicarmos a unidade pela unidade, o resultado será sempre a unidade.

Existe um individualismo a reabilitar. Não aquele cujo fruto lhe trouxe a condenação, ao pretender impor-se para desvantagem de outrem, mas um outro, aquele que poderá conduzir cada homem a procurar em si mesmo mais nobreza, mais saber, mais orgulho pela sua condição de homem.

AS FÉRIAS

A praça, pequena, a única terra, casario branco na encosta e o mar azul lá em baixo, a praça à noite, ruidosa, os grupos que saem das várias esquinas, e se encontram, dividem-se, voltam a passar, de uma esquina para outra, da outra para a mesma, os quatro rapazes que se compõem em espectáculo, gritam e riem, as duas amigas adolescentes com os casacos atados à cintura, sempre com um sorvete, os casais que deixaram os filhos dormir e vieram apanhar ar, vagarosos; nos cafés em volta os sedentários olham os que passam e repassam, que os olham.

Levantei a mão e toquei-te nos cabelos.

Eramos amigos, e gente educada, os dias corriam sem sobressaltos aparentes, sempre juntos, combinávamos o dia seguinte baseados em condescendências sorridentes, «vejam lá como preferem, a mim tanto me faz».

Disseram: ia de carro, passou muito depressa, ainda lhe disse adeus, mas não me viu. Fácil de imaginar: uma moça nova, bonita. Conhece gente, fala-se dela, deixa rasto, nas ruas, na praia, nos cafés.

Olhámo-nos, sorrimos.

Muito sensível, quase sempre calado, ouvia-nos, solteiro, mas sempre capaz de entender as nossas dificuldades de casais, problemas, procurava ajudar, dissipava as pequenas discussões, na praia brincava com as crianças; um amigo muito dedicado.

— Iam ao café?

— Bastante à noite. Umas férias muito agradáveis.

Maria Isabel Barreno

UM SONETO DE PEDRO TÁMEN

De Outonos brandos como o Sol nascido
na ponta de outros dedos feitos folha
te falo e silencio, e me divido
entre a luz que me tenha e que te colha,

entre mar e amar, coisa nenhuma
de tanto ser a mesma, e só perfeita
como o pinheiro em ventos e caruma.
De Outonos digo sementes e colheita.

E vejo, vê, que brumas desfraldadas,
que luras tensas sob o pé tremente,
que beiras baixas entre nós coalhadas,

que pasmo adivinhado em tanta gente.
Tens tu olhos secos, mãos molhadas,
e o futuro preside no presente.

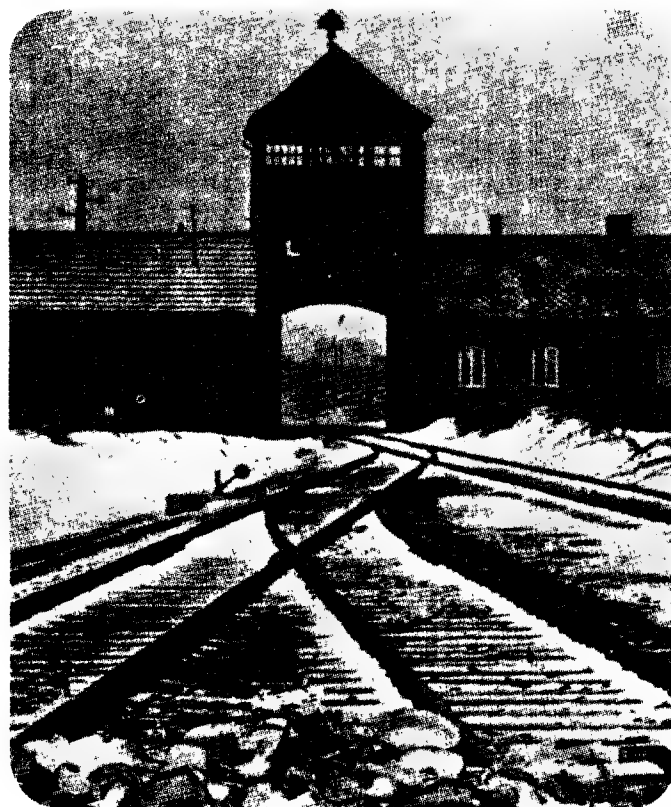
Inédito (1972)

O tempo obsessivo de Patrick Modiano

Com vinte e cinco anos de idade, Patrick Modiano, romancista fiel aos rigores do formalismo clássico e de um estilo vizinho do de Roger Nimier, é o mais jovem autor consagrado pela secular Academia. Esta distinção vem após o êxito dos seus dois primeiros livros (1): *La Place de l'Etoile*, em 1968, e *a Ronde de Nuit*, em 1969.

Como naqueles, *Les Boulevards de Ceinture* (2) relevam da mesma temática: uma aparentemente incurável obsessão do autor por um tempo que não viveu (a ocupação alemã), e as sórdidas actividades dos oportunistas que tais situações políticas e sociais suscitam: denúncias, vigarices, mercado negro, chantagem, tráfico de divisas, prostituição (física e espiritual), orgias entre as gentes da finança, do espectáculo e das autoridades numa degradação do homem que só a corrupção do dinheiro e a cobardia podem explicar. A oportunidade dos mediocres na hora dos ratos saídos dos esgotos... Tais Murraille, director do jornal colaboracionista *C'est la vie* (órgão de chantagem e de adulação); Marcheret, «conde» e ex-legionário; Maud Gallas, do albergue *Clos-Foucré*; Sylviane Quimpe, «toujours en culotte de cheval», e Annie Murraille, «les fesses les plus blondes et les plus chaudes de Paris». Iolra diáfana que sonha com uma brilhante carreira cinematográfica. Personagens todas elas saídas de uma fotografia, amarelecida pelos anos, que o narrador, Serge Alexandre, estuda e penetra, inventando um mundo imaginário que gravita em torno do *Clos-Foucré* e de seu pai, o «barão» Deyckecaire, judeu originário de Alexandria.

Entrelaçando hábilmente o real e o imaginário, o narrador rememora o seu primeiro encontro com o pai: aos dezasseis anos de idade quando este o veio procurar ao colégio St. Antoine, em Bordéus e do seu entusiasmo pela vida que este se propunha oferecer-lhe em Paris. Até ao dia em que, no mercado dos selos do *carré Marigny* (antro «d'individus aux allures de chirurgiens et de



Auschwitz: como se os vampiros espreitassem o momento oportuno...

conspirateurs», brandindo lupas e pinças, falando em voz baixa e curvados sobre o conteúdo de maletas secretas), seu pai é agredido, insultado e perseguido pelo grupo de fanáticos do selo raro. Compreendendo «qu'ils allaient certainement le lyncher pour un timbre (ce qui en dit long sur l'âme humaine)», Serge Alexandre serve-se do guarda-chuva como cacete e consegue arrancar o pai das garras dos celerados. O acontecimento é festejado pelos dois, mas a partir de então Serge começa a explicar-se o mistério das constantes mudanças de domicílio e dos encontros discretos nos átrios dos hotéis e das estações dos caminhos de ferro...

O vago deixado no seu espírito pela perda da inocência no que respeitava as actividades paternas, Serge preenche-o associando-se inteiramente ao pai, que se pro-

põe transferir os seus talentos e investir as suas capacidades comerciais na exploração de outra casta de tarados, passando a especializar-se na venda por correspondência de objectos mais ou menos fossilizados: listas dos telefones, coleções femininas, postais ilustrados e cintos de castidade a uma vasta rede de fanáticos destituídos da susceptibilidade doentia dos filatelistas do *carré Marigny*.

Levado pelo entusiasmo, Serge especializa-se na venda de alfarrábios e outros catapácios sobre os quais se aplicava a imitar a ortografia dos autores, no arranjo de dedicatórias aos seus mais célebres inimigos, entre as quais um exemplar de *Matière et Mémoire*, no qual Bergson interrogava Jean Jaurès com esta apóstrofe saborosa: «Quand cesseras-tu de m'appeler la miss?». Graças a este engenhoso estratagemas,

Serge continua a fabricar as suas «pequenas frases»: um convite de Charles Maurras a Léon Blum para almoçarem juntos, ou um volume dos *Déracinés* de Maurice Barrès dedicado ao capitão Dreyfus: «Courage, Alfred».

O misterioso episódio da estação Georges V marca a separação irremediável do pai e do filho, sem que este venha jamais a saber se aquele o empurrou ou não sobre a via quando o metropolitano entrou na estação. Dez anos mais tarde, uma fotografia ajudará Serge a descer as escadarias do tempo em busca deste homem a quem, embora deva a vida, não chegou a conhecer. E é o encontro no albergue de Maud Gallas («les cuisines les plus mystérieuses de Seine-et-Marne») numa época agitada em que «Paris ressemble à une grande forêt obscure, semée de pièges», vigiada pelas metralhadoras do ocupante e vasculhada pela milícia às ordens da Gestapo. Numa atmosfera propícia à delação e às vinganças pessoais «Dans mes cauchemars, je rampe inlassablement pour retrouver ma colonne vertébrale», diz Serge. Assim nos é dada a explicação desta preocupação interior de Patrick Modiano por um tempo que não viveu mas que sente profundamente. Perseguido para além do tempo e como se vivesse no receio permanente da ressurreição desses anos de brutalidade e de ódio: crime alastrando-se em nódoas de sangue inocente sobre todo o século. Como se as botas nazis pudessem regressar e continuar a sua obra demoníaca. Como se os vampiros espreitassem o momento oportuno para voltarem a envolver o mundo na sua noite de ódio, de sangue e de gritos...

Tais seriam os «antecedentes» de um jovem e talentoso romancista que, como Rimbaud, afirma não o ligarem quaisquer «antécédents à un point quelconque de l'histoire de France».

(*) — Editions Gallimard

Alcides de Campos

ACERCA DOS "DELITOS DA MOCIDADE DE CAMILO

1 — A edição, em 1889, da miscelânea de escritos camilianos com o título *Delitos da Mocidade* (Primeiros atentados literários de Camilo Castelo Branco), integrava-se num ambicioso plano editorial que se malogrou à nascença. Com efeito, o editor Eduardo da Costa Santos e o camilianista João António de Freitas Fortuna propunham-se, com a colaboração e orientação do próprio autor, constituir uma «coleção camiliana» (designação dada pelo editor — p. VIII) que reuniria os esparsos do eminente escritor que ainda não tivessem sido recolhidos em livro. Eis a razão porque os *Delitos da Mocidade* apareceram com a indicação do número da série, que era o I.

Se, por acaso, a frieza do público não tivesse desencorajado os patronos da iniciativa, a edição dos *dispersos* de Camilo teria sido feita em vida do escritor. Como veremos, Camilo chegou a sugerir que a série fosse encerrada com os *Delitos da Velhice*. Caberia, no entanto, a Júlio Dias da Costa o mérito de levar a bom termo o plano (aperfeiçoado) dos entusiastas paladinos de 1889. O ilustre e probo investigador, com paciëntissima dedicação, conseguiu reunir nos cinco volumosos tomos dos *Dispersos* (editados pela Imprensa da Universidade de Coimbra, de 1924 a 1929) a colaboração camiliana disseminada pelos mais variados periódicos.

Deve acrescentar-se, já agora, e como exige o mais elementar sentido de justiça, que o rigor das notas de Júlio Dias da Costa sobrelevam a grande distância a parcialidade romântica daquelas que Freitas Fortuna, sob directa inspiração de Camilo, redigiu para *Delitos da Mocidade*.

Dada esta sumária explicação, debrucemo-nos um pouco sobre o processo de como se engendrou a ideia da edição dos *dispersos* — que vai revelar-nos algumas surpresas.

A colectânea é precedida de três textos assinados pelos responsáveis e directos interessados na edição: um, do editor Eduardo da Costa Santos, intitulado *Aos Leitores*; outro, *Advertência*, da autoria de Freitas Fortuna; finalmente, a carta de Camilo ao anotador, coligida por Júlio Dias da Costa em *Dois Anos de Agonia*.

Há nos três documentos uma afirmação em uníssono, que se torna suspeita aos ouvidos do investigador precavido: a declarada relutância do romancista em consentir na reimpressão dos seus balbuciantes ensaios de aprendiz de escritor. A este respeito, Costa Santos não deixa lugar a dúvidas, ao afirmar que as primeiras tentativas «foram malogradas pela insistente negativa do autor, que recusava pertinazmente o consentimento indispensável». Confessa depois que foi a intervenção de Freitas Fortuna que «me habilitou a afirmar a adquirir a propriedade de todos os escritos cujos direitos literários ainda não tinham sido alienados». (P. VI)

Freitas Fortuna, por seu turno, perfiha a teoria do editor e reforça-a inclusive com a autoridade do seu testemunho pessoal: «Como sabia, porém, da já muito manifestada repugnância que o meu querido amigo

tinha em consentir na reprodução dos seus antigos escritos, usei, até abusar tal-

vaído, prevalecia a gratidão». Etc. (P. XIII) E num outro passo: «Não lerei nem permitirei que me leiam este livro, e os outros que depois vierem; não porque eu me envergonhe de ter sido um rapaz ignorante;» etc. (P. XV; sublinhados nossos)

A especiosa justificação de Freitas Fortuna não colhe, ao afirmar: «usei... da amizade com que me distingue, pedindo licença de os reimprimir para mim». O subterfúgio fica a descoberto, como vamos ver. O volu-

Como quer que seja, o que importa dilucidar é se de facto teria existido a tão proclamada repugnância de Camilo pela reimpressão dos *dispersos*. (A perfeita orquestração desta cavatina a três é, em si mesma, desconcertante.)

Por tudo quanto conhecemos de Camilo a respeito da comercialização dos seus escritos, podemos asseverar que semelhante atitude do romancista destoava da regra universal que estabelecera para seu uso,

lo/Freitas Fortuna (que, ao tempo, ninguém presumiria que viesse a ser editada) contribuiu de maneira irrefutável para o total esclarecimento dos pontos obscuros desta questão.

Como se sabe — desculpem-nos a insistência! —, foi uma preocupação constante do romancista o reaproveitamento dos seus escritos, quer no sentido de uma valorização literária, quer como meio de auferir réditos suplementares. Assim, em 1885, Camilo propunha precisamente a Costa Santos a edição de uma colectânea de esparsos que se intitularia *Boémio do Espírito*:

«Desejo não morrer sem coligir essas cousas dispersas, dando-lhes uma organização sistemática. Se o meu amigo quiser editar esse livro, principiarei desde já a organizá-lo.» 1)

Os desgostos e prejuízos que lhe causaram esta publicação (a famigerada pendência com os herdeiros do editor Chardron) são porventura responsáveis em parte pela recusa de Costa Santos à imediata sugestão do escritor de uma nova colectânea, desta feita com a incorporação de inéditos, que se chamaria *Nova Boémia*. 2)

Por que estranhos motivos repugnaria a Camilo a reimpressão dos seus escritos em 1889?

A correspondência com Freitas Fortuna, coligida em *Dois Anos de Agonia* e valorizada com o prefácio e as notas de Júlio Dias da Costa, fornece outros indícios não menos perturbadores. Em primeiro lugar, verificamos que são insistentes os conselhos e as sugestões de Camilo ao seu devotado antologador, o que, diga-se de passagem, é um processo bizarro de alguém manifestar repugnância por aquilo em que se revela tão empenhado.

Em carta de 2/VI/89, indica outros artigos a incluir nos volumes subsequentes, como os folhetins ao *Tanas* e os que escreveu sobre o *Magnetismo*. 3)

Numa outra carta, sem data, mas seguramente de 1889:

«Parece-me que não poderemos publicar escritos recentes com o título das coisas antigas.

Teremos, pois, de alterar o título com referência aos escritos do *óbulo*.

Se eu tivesse com que encher um volume intitulado *Delitos da Velhice* — *Últimos atentados literários*. (4).

Ainda numa outra carta: «Penaliza-me que as suas longas jornadas à Biblioteca possam deteriorar-lhe a saúde.» (5)

No capítulo das notas, fica comprovada a «colaboração» prestada por Camilo a Freitas Fortuna (das quais se depreende, além disso, que o anotador lhas submetia previamente à aprovação):

«Acho as suas notas excelentes. Pena é que o terrível estado do meu espírito, por enquanto, me



Camilo Castelo Branco, segundo Pinheiro (Do «Alb»

não permita dar-lhe esclarecimentos, os quais aproveitados pela sua ao mesmo tempo grave e formosa inteligência seriam aceitáveis.»

(6)

Ou ainda: «Repito-lhe que as suas notas são óptimas; mas seriam mais humorísticas se eu pudesse conversar com o meu amigo, quando as está escrevendo.» (7)

Parece-nos desnecessário carrear mais argumentos para refutar a tese da «repugnância» do escritor em ceder a autorização para a reimpressão dos seus primeiros ensaios literários. (8), posta a circular com calva ingenuidade pelo editor e anotador dos *Delitos da Mocidade*.

Alguns extractos mais: P. 105: «É melhor prescindir dos artigos de 46 para não retardar a publicação dos volumes.»

P. 105/6: «Eu suponha que haveria mais celeridade na publicação; mas o Santos não está no caso de fazer os prodígios editoriais do Chardron.»

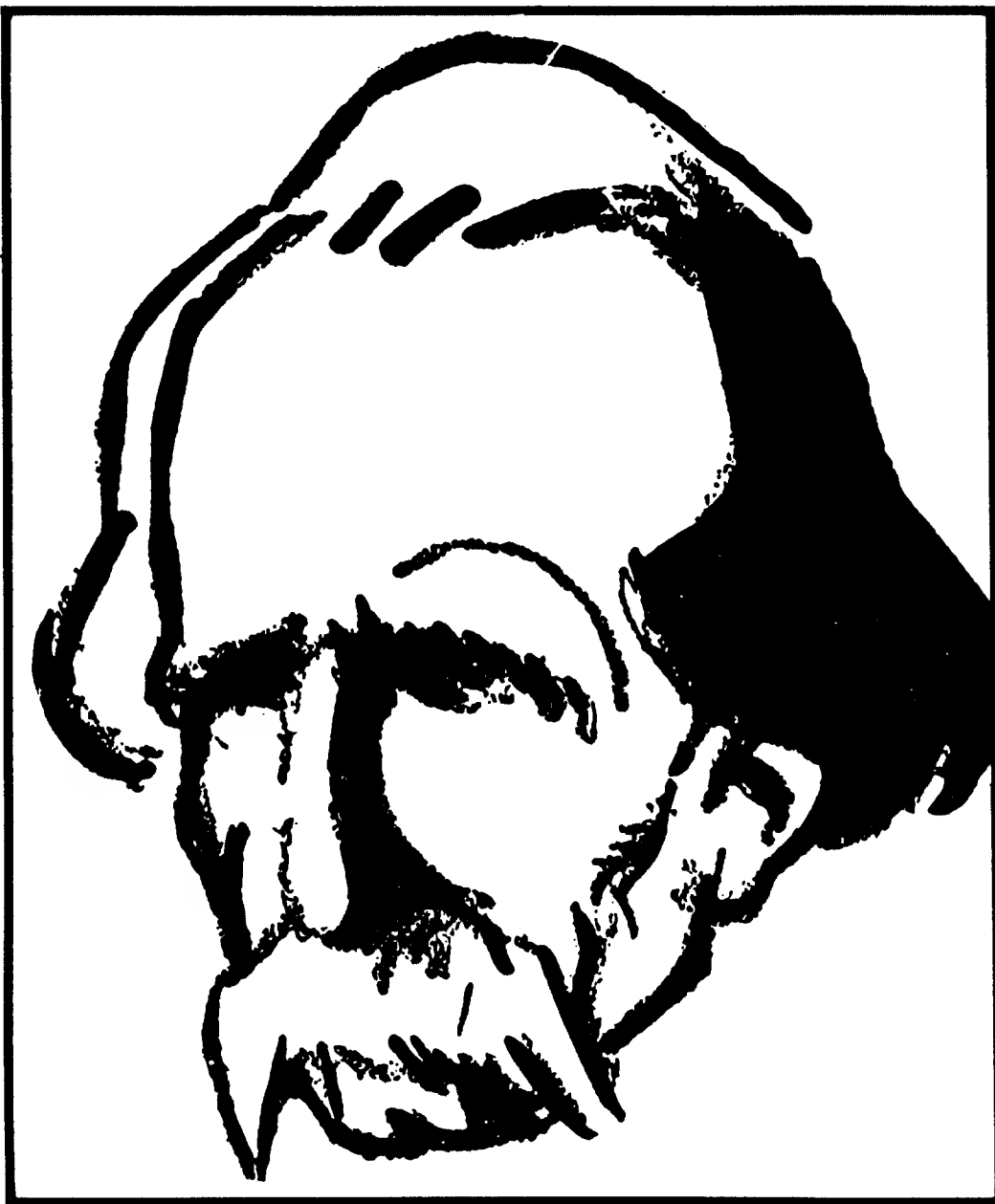
P. 108: «Observo morosidade da impressão, quando para conveniência do editor devia aparecer mensalmente um livro. Costa Santos está fora da linha dos bons editores.»

P. 135: «Figura-se-me que o sr. Costa Santos não levará por diante o contrato feito quanto às obras dispersas. A demora do primeiro volume, a meu ver, é uma evasiva.»

P. 140: «Não sei em que tempo entrará no prelo o segundo volume dos *Delitos da Mocidade*.» Etc., etc.

Coerentemente, como era possível Camilo negar essa autorização se uma vez, a propósito de um escrito seu publicado sem nome de autor, dissera textualmente:

«Já que jurei comigo defender bem ou mal o que da minha pena saísse, aí es-



Camilo Castelo Branco, segundo Leal da Câmara.

vez, da amizade com que me distingue, pedindo licença de os reimprimir para mim: — consentiu, tanta afeição me dá a sua nobilíssima alma» (P. X, sublinhados nossos)

A carta de Camilo é menos convincente no que respeita à defesa do bizarro ponto de vista: «Quando eu soube, pela sua confiança, que o meu prezado amigo premeditava coligir os meus ensaios de rapaz na dolorosa vida das letras em Portugal, estremei de pejo e ao mesmo tempo de reconhecimento à sua dedicação.» Acrescentando:

«Motivar esta espécie de pudor da inteligência o ver reproduzidos os escritos que eu desejaria nunca fossem lembrados; porém, a esse sentimento um tanto

me saiu com o n.º I, integrado numa série camiliana, e o editor, com a franca ingenuidade do comerciante que apesar de tudo manifesta maior apreço pelas cifras do que pelas letras, denuncia o objectivo comercial quando diz: «habilitou-me a adquirir a propriedade de todos os escritos cujos direitos literários ainda não tinham sido alienados».

De resto, sabemos que em Lisboa foi posto em movimento um complicado aparato notarial para legalizar a transacção, na altura em que Camilo se encontrava na capital a consultar os médicos. Para sermos verdadeiros, Camilo encontrava-se em Lisboa não exclusivamente por motivos de saúde...

definida a partir do seu conceito de profissionalismo. E mais do que evidente que Camilo estava de acordo com a edição, se é que não foi ele a sugerir-lhe. De outra maneira, como interpretar a desarmonia registada nas datas dos três documentos? Repare-se nisto: o de Costa Santos foi datado de 2 de Agosto de 1889; o de Freitas Fortuna, de 15 de Agosto; e a carta de Camilo, expressamente concebida para aparecer na edição dos *Delitos da Mocidade*, traz a data de 22 de Junho de 1889.

E caso para dizer que, desta vez, o carro foi na verdade colocação à frente dos bois.

2 — A divulgação da correspondência Camilo/Eduardo da Costa Santos e Cami-

DADE"

DL/SUPLEMENTO LITERÁRIO



Caricatura de Rafael Bordalo
um das Glórias)

nada um negócio comercial;
Que o próprio Camilo se
dispunha a «interpor alguns
comentários» aos textos
que fossem sendo editados;

Que, por razões não ex-
pressas mas facilmente adi-
nháveis, o anotador teria
que tomar «a responsabili-
dade do que se escrever».

Por razões não expressas
mas facilmente adivi-
nháveis!

Ora bem, existia neces-
sariamente uma razão oculta,
que não era ignorada de
certeza do editor e do anota-
dador. Com o perfilhamento
do sofisma literário da
«repugnância» do romancista,
entravam (sobretudo,
Freitas Fortuna) no jogo deli-
neado por Camilo e tranquilizavam a própria consciência.

Se não nos enganamos,
a razão era esta: o que fora
figadal inimigo da dinastia
brigantina, por essa altura,
batia-se em Lisboa pela
concessão de uma pensão
ao filho Jorge, mas com o
usufruto a favor do pai en-
quanto vivo, obtida realmen-
te por decreto de 23/V/1889
(já era visconde entenda-se,
e por consequência com di-
reito a estas insignifican-
tes sinecuras devidas aos
membros da sua «nova»
classe. (11)

Repare o leitor benévolo:
ao requerer a pensão, Cami-
lo apresentava como motivo
bastante a sua incapacidade
para trabalhar. Não po-
dendo continuar a escrever,
como sempre fizera, era jus-
to que o visconde de Cor-
reia Botelho (perceberão
agora os camilianistas por-
que é que o romancista se
batera tão encarniçadamen-
te pela nobilitação!) não
morresse de fome e os seus
filhos não ficassem ao de-
samparo.

Pois bem, se se viesse a
saber publicamente que o
romancista estabelecera
contratos para novas reedi-
ções — salta à vista, não
é verdade? A prestante jus-
tificação deixava de ter vali-
dade, podendo inclusive

Já agora, e ainda em re-
lação com este episódio,
não deixa de ser interes-
sante lembrar uma ocorrência
do ano imediato: em 1890,
a imprensa coscuvilhara
deu a notícia de que Camilo
estava a escrever um ro-
manço, tendo assinado por
consequência contractos
com um editor (se não esta-
mos equivocados, não só
para a obra inédita como
para reimpressões). Qual foi
a reacção de Camilo? Man-
dou publicar uma refutação
em termos que ficaram céle-
bres:

«Em cousas de literatura,
deve falar-se de mim como
se fala de um escritor morto.
Logo que eu acetei do Esta-
do uma pensão, é que eu
não podia trabalhar e man-
ter a minha laboriosa in-
dependência de 40 anos.» (Su-
blinhadas nossas).

Não importa averiguar as
relações prováveis deste ca-
so, ocorrido em 1890, com
o projecto da série «co-
lecção camiliana», iniciada
em 1889 com os *Delitos da
Mocidade*. A proximidade no
tempo, dos dois factos legiti-
mária o aproveitamento
da carta de 1890 para refor-
çar a solidez do nosso racio-
cínio sobre o que se passou
em 89. Não vale a pena, nem
isso é necessário.

Fica provado, ao que su-
pomos, que Eduardo da
Costa Santos e João António
de Freitas Fortuna foram
coniventes de plena cons-
ciência na inofensiva fraude
literária engendrada por Ca-
milo para salvaguardar inte-
resses pessoais imediatos.
Escrevemos com con-
vicção que ambos estavam
conscientes da inocente
burla, porque só essa «ple-
na consciência» explicará
porventura o desapareci-
mento de certas cartas do
espólio do editor e do anota-
dor, como honradamente
registou Júlio Dias da Costa.
É de admitir que a efabu-
lação do plano «colecção
Camiliana» e a estratégia
que acompanhou o
lançamento do primeiro vo-
lume da série tenha sido ob-
jecto de correspondência.
Se esta dedução não é pura
fantasia nossa, torna-se
compreensível que os inter-
venientes (o editor e o anota-
dor) julgassem oportuno
fazer desaparecer os
vestígios probatórios do
conluio.

- 1) In *Cartas de Camilo a
Eduardo da Costa Santos*, p.
73; de 20 de Novembro de
1885.
- 2) V. ob. cit. p. 113; carta
de 16/V/1887.
- 3) Ob. cit., p. 64.
- 4) Idem, p. 65.
- 5) Idem, p. 67.
- 6) Idem, p. 68.
- 7) Idem, p. 70; carta de
13/VI/1889. Como já disse-
mos, Camilo e Ana Plácido
encontravam-se em Lisboa
nessa altura.
- 8) Em *Dois anos de agonia*,
acumulam-se as referências
à colaboração de Camilo na
imprensa e em livro (tra-
dições e prefácios), com o
intuito de ser aproveitada
na «colecção camiliana».
- 9) Trata-se do folheto anóni-
mo *O Clero e o sr. Hercula-
no*, de 1850.
- 10) Ob. cit., p. 57; sublinha-
dos nossos.
- 11) Não esqueçamos, é evi-
dente, que a nobilitação fo-
ra concedida ao romancista
em virtude dos altos ser-
viços prestados à literatura
nacional, etc., etc.



Capa da 2.^a
edição de
«Delitos da
Mocidade», de
Camilo Castelo
Branco.

mas isto não pode ser impu-
tado a mim. É necessário
que o Freitas tome a respon-
sabilidade do que se escre-
ver.

Acho razoável o preço,
pag., formato, enfim tudo. »
(10)

Fica provado, sem som-
bra de dúvida: que a edição
dos *Delitos da Mocidade* e,
em suma, da «colecção ca-
miliana» era antes de mais

provocar o malogro do am-
bicionado projecto, quando
não serviria de pasto ao re-
foclar dos seus inimigos.
Daí, a teoria abstrusa da «re-
pugnância» do autor e a fra-
se de Freitas Fortuna, escar-
rapachada com acinte no
próprio corpo de delito: «
usei, até abusar talvez, da
amizade com que me distin-
gue, pedindo licença de os
reimprimir para mim».

Alexandre Cabral

CINEMA

A CRÍTICA MATERIALISTA

Ausente por uma semana de Lisboa, apro-
veito o intervalo para (me, nos) esclarecer.

Crítica materialista, é a propósito dela que
iremos falar. Apanhamos assim em pleno voo
o objecto que nos é arremessado, em frases
alusivas que, pela sua insistência, foram um
discurso. Quer dizer: quando Vítor Ramos,
em artigos publicados em *República*, ques-
tiona a crítica em geral (e, em particular,
a que se diz «progressista») em nome de
uma «crítica materialista»; quando o mesmo
(só ou acompanhado) exalta *Alexandre Ne-
vski* e ataca *António das Mortes*, *A estratégia
da aranha* e *A tomada do poder por Luís
XIV*; quando se multiplicam as referências
e as citações não indentificadas — então,
as condições estão traçadas para que a dis-
cussão se trave, explícita ou latente, como
se quizer. Preferimos a primeira hipótese,
que será — frontalmente — a nossa.

Vítor Ramos tem promovido de forma siste-
mática entre nós um método de trabalho de
tipo colectivo: os textos sobre Bertolucci e
Eisenstein vinham subscritos por vários no-
mes. As vantagens do processo são eviden-
tes: por um lado, afirma-se a crítica como
prática plural; por outro lado, consegue-se
a convergência de um maior número de
ideias e de informações acerca de um filme.
Contudo, se o trabalho colectivo tem a força
do número e a energia do grupo a seu favor,
razões há que contra ele podemos levantar.
Assim: o texto escrito em comum tende ne-
cessariamente a ser um texto de tipo cientí-
fico, ou de tipo ideológico; o discurso cientí-
fico ajusta-se-lhe particularmente bem, por-
que se institui pela exclusão do sujeito; o dis-
curso ideológico também corresponde, na medi-
da em que tal prática conduz a uma tomada
de posição como grupo-vanguarda que repre-
senta uma classe. Se o discurso científico
se aceita para uma teoria do cinema (que
Vítor Ramos rejeita ao criticar a «cientifici-
dade» suspeita de de um Metz); se o discurso
ideológico pode servir como programa estético
ou programa político — não creio que a
análise dum filme, que o *discurso crítico*
que sobre um texto fílmico se ergue, se possa
articular nos tipos de discurso apontados.
O que se omite num texto escrito por vários
é a própria implicação do sujeito que o dis-
curso crítico exige; é a materialidade de uma
escrita (de um inconsciente) que suporta es-
se discurso; é a especificidade não-ideológi-
ca e não-científica de um discurso crítico.
Não se vê um filme com as palavras dos
outros, mas, sim, com as nossas, e com o
que isso implica.

Quando se pretende uma abordagem
científica dum filme, isso faz-se em nome
de uma *Verdade neutra*. Quando se executa
uma aproximação ideológica de um filme,
isso realiza-se em nome de uma *Verdade
de classe*. Rejeitando a primeira para pro-
moção da segunda, Vítor Ramos não abandona,
mas reforça, o critério de uma *Verdade*
à qual confrontar os filmes. Do que resulta:
que, abecado pela confrontação, se revela
incapaz de ver-ler os filmes (caso flagrante
com o *Rossellini*); que sujeita cada filme
a um certo número de testes de «progressis-
mo», sem nunca ser capaz de formular em
relação a ele as perguntas que ele exige
para ser pensado; que em vez de praticar
a crítica, se exercita na denúncia. Em re-
lação a este ponto, é ver a forma vigorosa
como se denunciou Bertolucci, quando o fil-
me, que revelava a própria incoerência de
uma psicanálise, não ignorava as obsessões
e os fantasmas, mas expunha-as com lucidez
e coragem, de tal forma que denunciá-las
era tão absurdo como denunciar o analisante
que frente ao analisista se revela como
é, desconexo e fragmentário, confuso e de-
samparado. Sem insistirmos na questão, nem
atribuirmos à palavra conotações
que ela forçosamente aqui não tem, repito
que cada vez mais desagrada no trabalho
de Vítor Ramos que a análise seja substituída
pela denúncia, sobretudo a denúncia persis-
tente é a forma de rejeição que se conjuga
com a afirmação exacerbada daqueles que
não se sentem ainda firmes no que são e
pensam. Ultrapassada essa fase, chega outra
que, no seu desfiar mais sereno, nos per-
mite ver-ler e gostar, alargando a sensi-
bilidade para além do ideológico, sem es-
quecer o ideológico-político, mas aden-
sando-o, mas radicalizando-o, até se atingir
o estatuto de prática transformadora que
toda a leitura-escrita pressupõe.

Apontarei aqui algo a desenvolver mais
tarde: que até agora os críticos não fizeram
se não interpretar as obras de diversas ma-
neiras, mas que o que é preciso é transfor-
má-las; que abolida a instância da *Verdade*
na esfera do estético, importa fazer da crítica

uma prática, isto é, um uso inteligente e
produtivo da obra de arte; que Valéry o apon-
tava quando dizia que «uma vez publicado,
um texto é como um aparelho de que cada
um se pode servir à sua maneira e segundo
os seus meios», que a crítica idealista (Vítor
Ramos incluído) pretende toda ela aferir a
arte pela «Verdade, num processo espe-
culativo-contemplativo; que a crítica materia-
lista se propõe como prática transformadora
que distribui usos produtivos da obra de arte,
e supera os critérios idealistas da *Verdade*
sejam eles formais ou ideológicos.

Vítor Ramos julga como se nunca houves-
se sido dito que mais vale um idealista inteli-
gente de que um materialista estúpido.
É assim que, sendo incapaz de encontrar
a inteligência em qualquer filme que se lhe
afogue idealista (sendo incapaz de ler Hegel,
de ter *Rossellini* ou *Dreyer*), procura deses-
peradamente atestados de materialismo e se
descansa quando os encontra. Pela lei-
tura das teses aliantes, mas confusas e em
constante alteração, da revista *Cinéthique*,
pelo uso apressado de conceitos lacanianos
ou althusserianos (recentemente clas-
sificado de «revisionista») visivelmente re-
colhidos em segunda ou terceira mão.
Vítor Ramos parece exigir uma arte
que se situa em pleno no campo
proletário, esquecendo aquela precaução
que Roland Barthes toma e propõe, e algures
resume em palavras deste teor: «Na verdade,
não há hoje qualquer lugar de linguagem
exterior à ideologia burguesa: a nossa lin-
guagem vem dela, e dela, e a ela retorna,
nela ficando fechada. A única reacção
possível não é nem o afrontamento nem a
destruição, mas apenas o roubo: fragmentar
o texto antigo da cultura, da ciência, da lite-
ratura, e dele disseminar os traços segundo
fórmulas irreconhecíveis, tal como se dis-
farça uma mercadoria roubada». A ingenui-
dade de Vítor Ramos é equivalente à de
aqueles que, num só gesto, julgam abandonar
a metafísica, para continuarem, após a
sua migração ilusória, a pensarem no interior
das categorias em que a metafísica os enre-
dou — a fazerem metafísica positivista. Igno-
ra-se aqui o que é específico no trabalho
exemplar de Derrida, que ensina a descon-
strução e a sua estratégia segundo regras
que só os tolos supõem dispensar.

E isto que se anuncia mais claramente
agora aparecia dito numa referida «teoria
da derrapagem» (expressão de Barthes,
aliás) com que, em tempos, se se procurou
pensar o que em *António das Mortes* havia
de sucessivas incursões no exterior dos
próprios códigos em que o filme, se a definindo
(filme documental, filme social, filme rea-
lista, etc) — teoria (tomando a palavra na
sua inscrição irónica) que merecia um pouco
mais do que a ténia adolescente que a
acolheu ao vir alguém dizer que «ela só
existe de facto na imaginação delirante de
quem a produziu»...

O que o nosso teórico materialista faz,
ao declarar o cinema «aparelho ideológico»,
é emitir na experiência estética o que lhe
é essencial, a dimensão do prazer que a
justifica. É com o materialismo assim enten-
dido que alguns chegaram à paranóia regres-
siva que dominava em certos regimes onde
a burguesia de Estado se escuda sob etique-
tas de «socialismo».

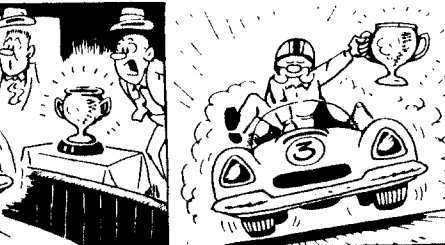
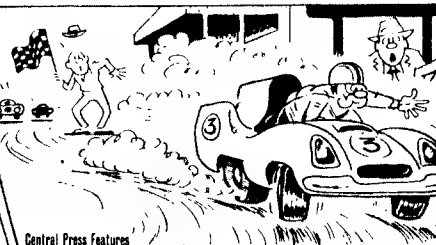
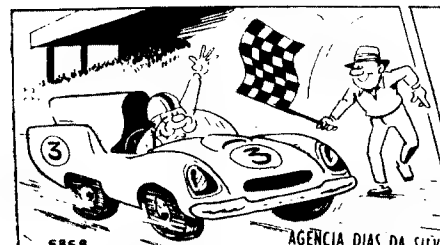
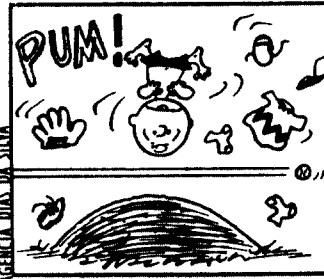
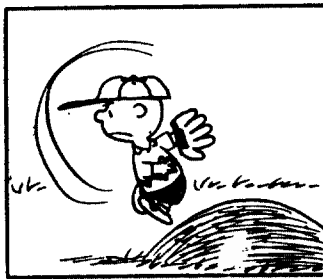
Daí a adesão a um filme como *Alexandre
Nevski*, obra que se apresenta como a justa-
posição de uma pesquisa formal e de um
projecto ideológico, sem nada haver que no
texto fílmico supere essa dicotomia idealista
(obrigando-nos a valorizar o filme em *duas
frentes* não articuláveis). Daí a candura (ad-
mirável) com que se justifica o ingrediente
de «intriga sentimental» com que o filme
se ameniza: «A «história» de amor», por
exemplo, que atravessa o filme e que pode
provocar um excesso de fixação por parte
do espectador, só aparentemente funciona
como tal e não se encontra, certamente, au-
sente de programa geral do filme. Não se
trata, no sentido mais usual da aceção, de
uma «história de amor». Olga não se casará
com o mais belo dos dois guerreiros que
se lhe propõem, eu com o que mais amo,
mas com o que na batalha demonstre mais
coragem e melhores qualidades guerreiras.
O mecanismo anedótico de identificação já
não se encontra aqui, como no cinema de
Hollywood, assente no impacto erótico dos
personagens-heróis e o que se passa reali-
mente é uma transferência a partir da qual
o amor ao guerreiro encontra o verdadeiro
apelo ao amor à Pátria».

Sublinhei a expressão que melhor docu-
menta o revisionismo sectário, delinquente
e obtuso: Olga não casará «com o que mais
amo».

Eduardo Prado Coelho



O gado morto durante a batalha de tanques e artilharia entre Israel e a Síria, segunda-feira passada sobre o chão de um estábulo danificado

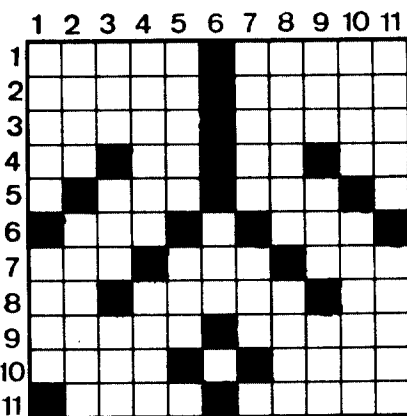


PROVERBIO

COM PROVERBIO PROBLEMA N.º 10307

HORIZONTAIS:

- 1 Penetre. Filósofo americano autor de O Cristianismo e a Lógica da Criação.
- 2 Reluzem. Com. da Bélgica.
- 3 Prendia. Domestiquem.
- 4 Oferece. Artigo definido (ant.). Pertences. Pronome reflexo.
- 5 Nome de mulher. Emprega.
- 6 Ilha de Santo Estevão. Rio da Suíça.
- 7 Transpire. Escudeiro. Doçura.
- 8 Preposição latina que designa movimento. Três mil e duzentos em romano. Quinhentos e um em romano.
- 9 Dirigia Gorgulhos tropicais.
- 10 Sopro. Carinho.
- 11 Cura. Habitas



VERTICAIS:

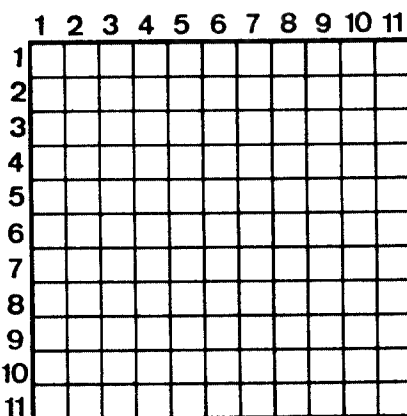
- 1 Freguesia do concelho da Covilhã. Nome de mulher.
- 2 Creme. Indivíduo natural da Judeia (pl).
- 3 Irmã da mãe. Cidade da Alemanha. Grande.
- 4 Cidade da Itália. Dar mios.
- 5 Mete em mala. Gosta muito de.
- 6 Termo.
- 7 Homem cruel (pop). Vã.
- 8 Molesta. Confor.
- 9 Mil e novecentos em romano. Medida de líquidos da Suíça Troçar.
- 10 Pronome pessoal Campânula.
- 11 A farinha tal qual fica depois de se lhe extrair o rolão Macios

Resolveu completamente este problema?
Procure agora como segundo passatempo o PROVERBIO nele inscrito

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 6463

HORIZONTAIS:

- 1 Triture. Extremidade do braço. Vazia.
- 2 Erbio (S.q.). Freguesia do concelho de Penamacor.
- 3 Chiste. Língua antigamente falada ao sul do rio Loire. Item
- 4 Gostar muito de. Amónio (s.q.)
- 5 Setecentos em romano. Deslizar.
- 6 Termina. Pequenos barcos de recreio.
- 7 Imagens representativas de uma divindade falsa (pl). Povoação do concelho de Condeixa.
- 8 Viração. Terra nova e arroçada de fresco.
- 9 Atomo. Rádio (s.q.). Pronome pessoal.
- 10 Refutara. Utensílio doméstico.
- 11 Anel. Fileira. Irmão do pai.



VERTICAIS:

- 1 A produção de mel de uma época. Tempo do verbo fazer.
- 2 Sufixo que designa estado. Mil duzentos e um em romano. Possuir.
- 3 Balcão. Boro (s.q.)
- 4 Igual. Suja.
- 5 Doçura. Óxido de cálcio. Prende.
- 6 Preposição latina que designa movimento. Laço. Osmio (s.q.). Artigo definido (ant.).
- 7 Rezo. Troças. Época.
- 8 Escavara. Fileira.
- 9 Rei de Basã, que se opunha à passagem dos israelitas. Introduzir.
- 10 Tomba. Borrija. Letra grega.
- 11 Macaco americano. Nome de peixe.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10306

HORIZONTAIS:

- 1 Pompas. Açás.
- 2 Corou. Ago.
- 3 Aa. Ria. OLHA.
- 4 Grã. Rimar.
- 5 Anas. PARA.
- 6 Ore. Ato. Ps.
- 7 Or. To. Ti.
- 8 Na. Aro. Caro.
- 9 Ava. E. Aulas.
- 10 FICA. Cibato.
- 11 Asasse. Aras.

VERTICAIS:

- 1 Praga. Anafa.
- 2 Arno. Avis.
- 3 MC. Aaro. Aca.
- 4 POR. Será. As.
- 5 Ária. Re.
- 6 Soa. Pafo. Ce.
- 7 Rato. Ai.
- 8 Oiro. Cuba.
- 9 Calma. Talar.
- 10 Acha. Pirata.
- 11 Soaras. Osos.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6462

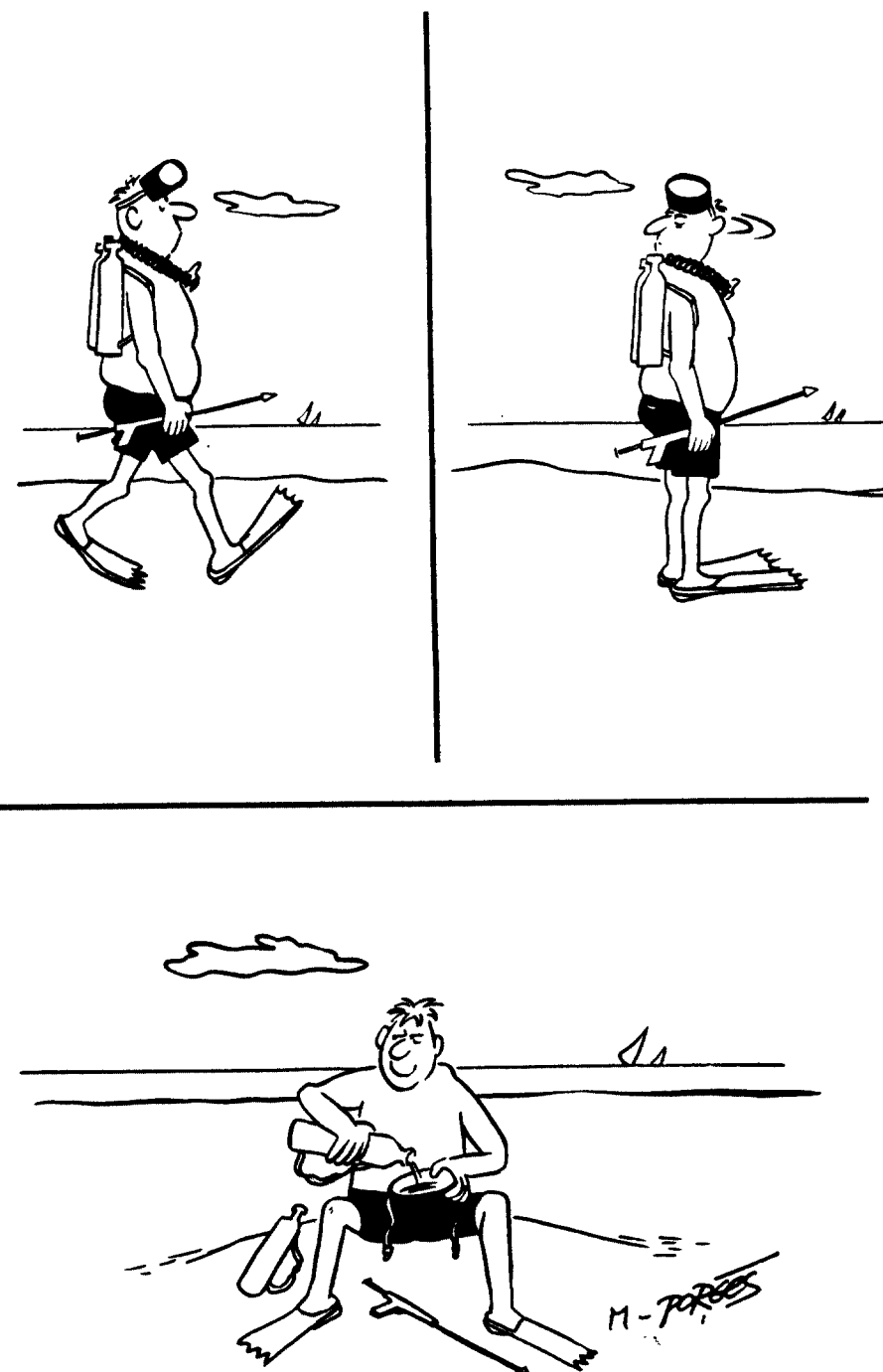
HORIZONTAIS:

- 1 Farta. Abala.
- 2 Ereo. Arem.
- 3 Sãs. Cia. Agã.
- 4 Ti. Creta. Ag.
- 5 Assoa. Amolo.
- 6 Iam. Cai.
- 7 Grama. Artes.
- 8 Aio. Rer. Ola.
- 9 SS. Sacai. Al.
- 10 Toro. Cria.
- 11 Assas. Passo.

VERTICAIS:

- 1 Festa. Gasta.
- 2 Arais. Risos.
- 3 Res. São. Rs.
- 4 To. Coam. Soa.
- 5 Cramara.
- 6 Liético.
- 7 Atacara.
- 8 Ba. Amar. Iça.
- 9 Ara. Otto. Rs.
- 10 Legal. Elais.
- 11 Amago. Salão.

SEM PALAVRAS



"ALEXANDRE NEVSKI"— ELEMENTOS PARA UMA LEITURA (1)

OS CAVALEIROS TEUTONICOS: NAZISMO OU OCIDENTE?

Por Lauro António

1. Alexandre Nevski

Que nos dizem os manuais de história sobre a figura de Alexandre Nevski? Este poderá ser um bom princípio (como qualquer outro) para tentarmos aprofundar um pouco a personalidade criada por Eisenstein e o filme que presentemente se exhibe em Lisboa.

Alexandre Nevski surge como um dos grandes heróis do nacionalismo russo. Nascido no princípio do século XIII e falecido em 1263, Nevski é sobretudo recordado por duas grandes vitórias frente a exércitos invasores: os suecos, que derrotou na batalha do rio Neva (1240) e os Cavaleiros Teutónicos, ao encontro dos quais foi em 1242 e a quem desbaratou na depois célebre batalha do mar do Gelo (5 de Abril de 1242).

Mas Alexandre, príncipe russo, é ainda recordado por ter conseguido a união dos russos, frente aos invasores, e por demonstrar que somente na unidade os povos se podem opor, vitoriosamente, aos agressores. Por isso foi recordado Alexandre Nevski, após 1917. A sua lenda congregava vários aspectos que, estrategicamente, convinha pôr a circular, imbuídos de um novo élan: nacionalismo, patriotismo, unificação, heróico opositor de forças que do exterior pretendiam subjugar a Rússia, homem que mobilizou um exército popular para lutar contra o agressor mas, acima de tudo, figura lendária de personalidade fascinante (que acabou, um pouco paradoxalmente, por ser canonizado pela igreja de Roma).

2. Os cavaleiros Teutónicos

Em inícios do século XIII, vai encontrar-se no norte da

Europa uma pronunciada tendência para a expansão por parte dos povos de origem germânica, que se estendem pelas costas do Báltico e que viria a justificar, séculos mais tarde, a constituição de uma liga Hanseática (1358), para regular o comércio naval. Evidentemente que tal expansão contrariava alguns vizinhos, aos quais os germanos procuravam subtrair o domínio das rotas. Em 1201, na foz do Dvina, funda-se a cidade de Riga, porto importante e nome a reter. Seria aí, no ano seguinte, que o bispo de Riga, Albert d'Apeldern, fundaria uma ordem religiosa e militar: os Cavaleiros Teutónicos. Nesta altura será conveniente também lembrar que nos encontramos em plena época de «cruzada» e o alvo da Ordem Teutónica irá ser a terra russa, habitada por tribos eslavas, consideradas idólatras. Entretanto, em 1226, tanto o Papa como o imperador alemão concederam à ordem todas as terras que a mesma viesse a conquistar e, a partir daí, a «cruzada religiosa» mostrou-se imparável. Paralelamente a esta conversão pelas armas (ou por detrás desta conversão pelas armas), outros fitos aliciavam os cruzados. Não será, portanto, de estranhar que, em 1283, a ordem tivesse já germanizado todo o território prussiano e ainda as terras bálticas.

Os cavaleiros teutónicos iniciaram a sua tentativa de entrada na Rússia pela conquista de Pskov, pretendendo assim chegar ao seu centro vital: Novgorod. Para que os germanos não entrem na cidade, um exército comandado por Alexander Yaroslavich, depois conhecido por Nevski, vai ao seu encontro e vence-os no lago

dos Tchudas, onde grande parte do exército teutónico é tragado pelas águas, quando o gelo abre e os envolve. Esmagados os alemães na batalha do Mar do Gelo, Nevski «obriga a Ordem a renunciar a Pskov e, por esta vitória memorável, consolida uma fronteira de povos que não mudou desde o século XII até ao século XX. Ao mesmo tempo, repelindo uma expedição que, meditada tanto em Roma como nos fundos das lojas das cidades alemãs, tomava a forma de uma cruzada contra a religião grega, Alexandre Nevski aparecia simultaneamente como defensor da nacionalidade e da ortodoxia» (Roger Portal, *Os Eslavos, povos e nações*, pág. 58, Ed. Cosmos).

3. Os mongóis

Enquanto a Europa atacava o infiel no norte de África e no Médio Oriente, enquanto os germanos tentavam expandir-se para Oriente e penetrar na estepe russa, da Ásia Central desciam vagas de mongóis, o mais célebre de todos Gengis Khan (1206-1227). O império mongol, que tinha a comandá-lo, na sua grande maioria, tribos tártaras, estendeu-se do Indo ao Dnieper, na Rússia. Na sua vaga para Ocidente, Bati, um dos descendentes de Gengis Khan, devasta Moscovo (1237) e Kiev (1240). Por volta de 1242, precisamente quando se inicia o filme de Eisenstein, Novgorod pagava, por pesados tributos, um acordo de paz com os mongóis. Eles são a terceira força em presença, mas uma força que Alexandre prefere deixar em suspenso, até resolver outros problemas muito mais ameaçadores, logo prementes. Será Alexandre quem o afirma: «Não é ur-

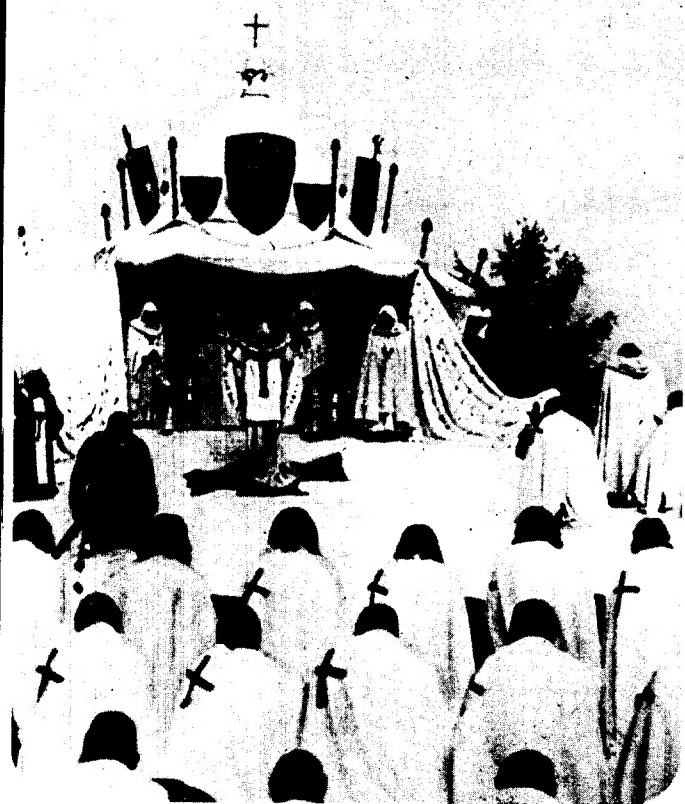
gente o combate com os mongóis. Há um inimigo pior para nós do que os tártaros, por ora. Os Germanos são mais selvagens, não se deixam apaziguar com tributos. E depois de termos vencido os Germanos podemos voltar-nos para os Tártaros...»

II

4. Alexandre Nevski data de 1938.

Quais os filmes que definem a época? Tentemos descobri-lo através do quadro anexo (ver página 10)

Quais as dominantes da produção cinematográfica mundial em redor de 1938? Os títulos no quadro indicado ajudam a defini-las. De um lado (Alemanha, Itália, Japão), filmes de orientação nacional-socialista, defendendo a «raça eleita», divulgando o anti-semitismo, apregoando ideais de «imperium», ressuscitando heróis. Entretanto, na U.R.S.S., o tempo é também de mobilização: um cinema divulgado de personalidades ligadas à revolução (e outras figuras da história da Rússia que se celebrizaram pelo seu patriotismo, pela tendência para a criação de uma unidade eslava, para a defesa de um nacionalismo até aí à mercê de rivalidades tribais e provinciais), bem assim como pelo aproveitamento de grandes temas de euforia patriótica. Na restante Europa, a ameaça do belicismo nazi era já um presságio que levaria Renoir a dizer das figuras de «A Regra do Jogo» que «dançavam sobre um vulcão». Muito mais inconsciente era o cinema americano, onde quase se não notam vestígios da preocupação causada pelo reforço de guerra de algumas



Os cavaleiros teutónicos...

nações europeias. Cremos que a simples análise do quadro atrás publicado poderá fornecer exemplos para o que aqui dizemos.

5. Um cinema de «mobilização»

Alexandre Nevski aparece-nos, portanto, como um cinema de «mobilização» do espectador. Um cinema de propaganda, o mesmo será dizer, um cinema de intervenção directa junto do público a que se destina. Saber se o filme foi uma «obra de encomenda» ou um filme profundamente sentido por Eisenstein, eis o que se nos afigura um falso problema. Efectivamente Alexandre Nevski ostenta uma tão grande sinceridade que, quer tenha sido obra de «encomenda», quer tenha sido de livre inspiração do seu autor, nunca nele poderemos dissociar os dois aspectos. Se se trata de uma «encomenda», cremos que esta veio realmente ao encontro daquilo que Eisenstein podia oferecer naquele momento. «O patriotismo, eis o nosso tema», assim definiu Eisenstein o seu filme e acreditamos que a lição em vista tenha sido precisamente essa.

Cinema de mobilização? Seguramente. Mas mobilização contra quem? Mobilização, de que forma, por que processos?

6. Quem serão os «Cavaleiros Teutónicos»?

Depois de vermos Alexandre Nevski percebe-se que o filme está concebido de forma a reunir o povo russo, numa grande frente unida, sob a imagem tutelar de uma personagem lendária.

A mobilização do povo russo e a apologia de um espírito de corpo nacional, também nos surgem por de mais evidentes. Mas, contra quem se dirige este empunhar de armas, esta ameaça latente proferida no plano final da obra contra todo e qualquer invasor?

qualquer invasor? A primeira vista, serão os alemães. Quase todos os críticos (e algumas dezenas de críticas lemos antes de empreender esta análise) apontam o pkvnmvo o alvo a quem se destina a mensagem de Nevski. Parece-nos, contudo, uma visão um tanto ou quanto simplista e algo precipitada do filme.

Cremos que só muito superficialmente se poderá olhar para os Cavaleiros Teutónicos e neles ver unicamente prefigurada a Alemanha hitleriana. Supomos que, em 1938, na U.R.S.S., os Cavaleiros sem rosto que nos gelos do lago dos Tchudas encontram a morte, são o símbolo claro de uma ameaça mais vasta.



A vigília antes da batalha...

ottolini

Em exposição:

AREAL
CALVET
CARGALEIRO
CARLOS FERREIRO
EURICO
HOGAN
JOÃO VASCONCELLOS
JOÃO VIEIRA

JORGE MARTINS
JUSTINO
NADIR AFONSO
RODRIGO
SÁ NOGUEIRA
VASCO COSTA
VITOR BELÉM
e outros

Prokofieff, «Sinfonia Clássica»; Chostakovitch, «Sinfonia n.º 1». Orquestra Philharmonia. Direcção Efrem Kurtz. EMI, CFP 40004, Stereo. Preço: 99\$50.

Beethoven, Trio para piano, violino e violoncelo, op. 97, «O Arquiduque». David Oistrakh (violino), Sviatoslav Knushevitzky (violoncelo) e Lev Oborin (piano). EMI, CFP 40006, Stereo. Preço: 99\$50.

Trata-se de dois discos escolhidos ao acaso entre os lançados pela EMI no âmbito duma colecção constituída por gravações antigas, agora novamente prensadas nas melhores condições técnicas e postas à venda a preços populares.

O facto de um dos discos conter música soviética e o outro intérpretes soviéticos é mera coincidência quanto ao critério de selecção para efeito de referência nestas colunas, mas não o é quanto à sua inclusão numa mesma série de características populares. Hoje podem ressuscitar-se velhas questões ideológicas atinentes à política cultural praticada sobretudo nos anos quarenta sob o consulado de Jdanov. Podem recordar-se inclusive circunstâncias lamentáveis ocorridas precisamente com um Prokofieff e um Chostakovitch — compositores cujo empenhamento político foi sempre sincero e profundo e que, não obstante, se viram oficialmente criticados em 1948 «por se aterem a uma orientação particularista e antipopular», «por revelarem duma maneira particularmente evidente certos desvios formalistas e tendências musicais antidemocráticas, estranhas ao povo soviético e aos seus gostos artísticos». Pode sublinhar-se até que tudo isso não é ainda passado definitivo e arrumado, pois o secretário-geral da União dos Compositores Soviéticos é hoje, como em 1948, o mesmo Tikhon Krennikov que insiste em atacar «os fundamentos estéticos, desligados da vida, subjectivistas, e a metodologia construtivista da Escola de Viena (Schoenberg, Alban Berg, Webern)», que tem a coragem de afirmar em 1971 que «as realizações daquela Escola, não passam na realidade de um erro dos compositores citados» (coragem de afirmar e de fazer subscrever, em relatório oficial, pela generalidade dos seus pares, agremiados na União dos Compositores). Pode, enfim, dizer-se que, em matéria de estética musical, os pontos de vista oficiais soviéticos continuam paradoxalmente a ser rigidamente preconceituosos e pouco ou nada têm que ver com o materialismo dialéctico. Mais ainda: que a abertura, recentemente esboçada, a certas correntes da nova música herdeiras da Escola de Viena, tem sido talvez motivada mais por uma política global de intensificação do intercâmbio cultural (sobretudo com a música e os músicos de outros países socialistas onde essa fase foi já ultrapassada) do que por uma nova equação da problemática da criação artística numa sociedade socialista.

DISCOTECA

MÚSICA ACESSÍVEL

Mas não pode negar-se um facto, uma conquista verificada naquele país: a democratização efectiva, à escala das grandes massas, da música de grande tradição europeia, da chamada «música séria». E não pode negar-se, por outro lado, a extraordinária superioridade alcançada pelas suas escolas, no que se refere à formação de intérpretes (vocalis e instrumentais, conjuntos de câmara e orquestras). Haverá hoje outro país que se gabe de ter formado e de poder desfrutar da arte dum Sviatoslav Richter, de um David Oistrakh, de um Mstislav Rostropovitch, de um Rudolf Barchai, duma Galina Vichnevskaja, de um Ivan Petrov, duma Orquestra de Câmara como a de Moscovo, ou duma Orquestra Sinfónica como a de Leninegrado (para citar apenas os casos de primeira linha, alguns deles casos únicos na arte musical contemporânea)? E haverá algum país que se gabe de ter formado e de poder desfrutar ao mesmo tempo duma tal pleiade de intérpretes e duma multidão de tantos outros de primeira ordem, aliás conhecidos e até constantemente solicitados no estrangeiro? Mas, sobretudo, haverá outro país

Por Mário Vieira de Carvalho

onde esses artistas e mais os recém-chegados dos Conservatórios corram dezenas de cidades e gravem milhares de discos (vendidos a preços quase simbólicos), estejam verdadeiramente ao serviço dos mais vastos sectores da sociedade a que pertencem, sejam aplaudidos por plateias genuinamente populares, sem carecerem do auxílio da publicidade que, noutros lugares e por causa do lucro, tantos mitos tem alimentado?

E por isso que normalmente as edições populares de música gravada que surgem nos chamados «países ocidentais» contam quase sempre com uma larga contribuição de artistas soviéticos e doutros países socialistas. Muitas vezes, trata-se dum simples contrato de reedição celebrado entre a editora soviética e a editora ocidental. Supomos que é esse o caso do «Trio do Arquiduque», na interpretação do Trio David Oistrakh (um dos discos acima identificados).

Claro que é desnecessário assinalar, quanto a este trio, as razões por que a parte de violino é superlativamente modelar, de todos os pontos de vista: técnico, interpretativo e de integração no espírito da música de câmara. Basta saber-se que o violinista é David Oistrakh e está tudo dito. Mas vale a pena sublinhar que o violoncelo e o piano não lhe ficam atrás: torna-se absolutamente impossível nesta interpretação dizer que um dos intérpretes sobressai do conjunto, mesmo quando nesse conjunto há um que, como já alguém afirmou, não pode ter igual no mesmo século. E se o mérito desse perfeito equilíbrio é de David Oistrakh, não o é menos de Sviatoslav Knushevitzky no violoncelo ou de Lev Oborin no piano. Atingem individual e colectivamente o máximo de perfeição técnica posta integralmente ao serviço da captação máxima do conteúdo expressivo musical, humano, beethoveniano, da obra. Dentro do melhor estilo da música de câmara. Sem a menor concessão ao efeito virtuosístico, sem o menor desvio ao propósito de explicitar com todo o vigor, com toda a eloquência, a riqueza interior da música.

O outro disco (Sinfonias de Prokofieff e de Chostakovitch) não alcança decerto esse grau de coesão entre criador e intérpretes, mas contém realizações de primeira ordem das duas sinfonias. Efrem Kurtz, maestro bem conhecido do público português, faz aí um bom trabalho, quer na definição dos planos sonoros, que surgem sempre com uma grande clareza (revelando por vezes um ou outro pormenor que costuma passar despercebido) quer na capacidade de transmitir a verve humorística que percorre ambas as obras. Qualquer destas é, aliás, marcante na música do século XX. A Sinfonia Clássica de Prokofieff, composta em 1916, situa-se na primeira fase duma trajetória que é um contínuo crescendo do criador e que iria produzir algumas das suas obras mais representativas nos anos trinta e quarenta (após o regresso definitivo do compositor ao seu país). A primeira sinfonia de Chostakovitch, uma obra sem dúvida admirável, cheia de ideias frescas, oscilando entre o optimismo e o humorismo saudável, sem no entanto dispensar o apontamento lírico e o final épico (mas não grandiloquente ou demagógico), «redigida» numa escrita de extrema transparência, promete, pelo contrário, demasiado em relação à evolução posterior do compositor, que tende para a estagnação em determinadas fórmulas, dentro duma ordem de ideias sempre muito francamente (e conservadoramente) tonal. Aqui, de novo viria a propósito aludir às questões estéticas e ideológicas que abordamos no começo desta resenha. Talvez chegassemos à conclusão de que Prokofieff conseguiu conciliar melhor a sua originalidade com o dogmatismo abstruso imposto por Jdanov, ao passo que Chostakovitch teria carecido para se afirmar, do ambiente cultural criado por Lunatcharsky nos primeiros tempos da revolução. Sem o jdanovismo a trajetória de Chostakovitch teria sido diferente. E o seu papel histórico também, sobretudo à escala universal.

	U. R. S. S.	ALEMANHA-ITÁLIA	EUROPA (restantes países)	E. U. A.	ASIA
1937	LEGOSCHINE — «Ao longe, um caminho» V. PETROV — «Pedro, o Grande» ZARKHI e HEIFITZ — «O Deputado do Báltico» EISENSTEIN — «O Prado de Béline» (Inacabado) ROMM — «Lenine em Outubro»	LENI REIPENSTAHL — «Os Deuses do Estádio» KARL RITTER — «Urland Auf Erhenworth, Patrioten» GALLONE — «Cipião, o Africano» ALDO VERGANO — «Pietro Mica»	FRANÇA RENOIR — «A Grande Lusão» CARNÉ — «Drôle de Drame» e «O Cais das Brumas» DUVIVIER — «Pepe-le-noko» GANCE — «J'Accuse» INGLATERRA FLAHERTY E KORDA — «O Rapaz do Elefante» M. POWELL — «Edge of the world»	LANG — «You Only Live Once» CAPRA — «Lost Horizon» FORD — «The Hurricane» LUBITSCH — «A Oitava Mulher do Barba Azul» WYLER — «Dead End» DISNEY — «Branca de Neve e os 7 Anões»	JAPÃO KYNUGASA — «A Batalha de Verão de Osaka» SHIMIZU — «Crianças ao Vento» TOYODA — «A Jovem Geração» CHINA SHE TONG-SHAN — «A Marcha da Juventude»
1938	EISENSTEIN — «Alexandre Nevsky» DONSKOI — «A Infância de Gorki» PETROV — «Pedro, o Grande» (II parte) YOUTKEVICH — «O Homem da Espingarda»	CURT GOETZ — «Napoleon ist an Allem Schuld» BLASSETTI — «Ettore Fieramosca» ALESSANDRINI — «Luciano Serra, Pilote»	FRANÇA RENOIR — «La Marsellaise» e «La Bête Humaine» CARNÉ — «Hotel du Norte» INGLATERRA ASQUITH — «Pigmaleão» C. REED — «Bank Holiday» HITCHCOCK — «The Lady Vanishes» WYATT — «North Sea» (Doc.) PORTUGAL J. BRUM DO CANTO — «Canção da Terra»	WYLER — «Jezebel» CAPRA — «Não o Levarás Contigo» McLEOD — «Merrily we Live» STEVENS — «Gunga Din»	JAPÃO TASAKA — «A Patrulha» KINUGASA — «A Princesa Serpente» CHINA (filmes patrióticos)
1939	DJOVENKO — «Chtchars» DONSKOI — «Ganhando o Meu Pão» ROON — «Lenine em 1918» ERMLER — «O Grande Cidadão» (II parte) KALATOZOV — «Parada da Juventude»	FORST — «Bel Ami» STEINHOFF — «Professor Koch» FROELICH — «Páginas Imortais» GENINA — «O Cerco do Alcazar» PALERMI — «Cavalaria Russicana» BLASSETTI — «Uma Aventura de Salvator Rosa»	FRANÇA RENOIR — «A Regra do Jogo» MALRAUX — «L'Espoir» CARNÉ — «Le Jour se leve» INGLATERRA REED — «The Starts book Down» KORDA — «As 4 Penas Brancas» JENNINGS — Documentarismo	FORD — «Cavalgada Heroica» CAPRA — «Mr. Smith Goes to Washington» WYLER — «O Monte dos Vendavais» FLEMING — «...E Tudo o Vento Levou» HAWKS — «Só os Anjos têm Asas» MILESTONE — «Ratos e Homens» LUBITSCH — «Ninotchka» DISNEY — «Pinocchio»	JAPÃO KAMEI — «Xangai, Soldados em Combate» TASAKA — «A Terra e os Soldados» NARUSE — «Toda a Família Trabalha» TOMU UCHIDA — «A Terra» CHINA IVENS — «400 Milhões» (Documentário)

Crítica de artes plásticas

«Para assinalar a remodelação das salas de exposição da «Dinastia», optámos por uma exposição de «Arte Internacional — Pintores do Século XX». Esta opção abre assim um novo período de actividades da nossa galeria, mas sobretudo coroa um programa de empenho na revelação ou divulgação portuguesa de grandes nomes numa pintura de além fronteiras, empenho conduzido na dupla consciência da sua importância para uma vida cultural e para um mercado nacional, talvez ainda subjugados por vicioso ensinamento».

(Do Catálogo, texto intitulado «Uma Opção e Um Programa», da responsabilidade da gerência da galeria.)

Trinta e seis obras de dezasseis pintores, a saber, uma de Karel Appel, duas de Atlan, duas de Bryen, uma de Robert Delaunay, quatro de Sonia Delaunay, uma de Fougita, duas de Hartung, uma de Paul Klee, duas de Lauskoj, uma de Matta, duas de Miotte, duas de Picasso, oito (!) de Poliakoff, duas de Paul Szasz, uma de Arpad Szenes, duas de Vieira da Silva, e, finalmente, uma de Donald Tait. O que é isto? Baralho mal arrumado? Manta de retalhos?

TENTATIVA DE ARRUMACÃO

A primeira a fazer, é a que vem acima, a ordem alfabética, seguida também nos 17 breves apontamentos que Fernando Pernes alinhava para o catálogo. Mas, se pegarmos nas idades dos pintores apresentados, teremos então dois grandes grupos: o primeiro, constituído por gente da geração construtora do século XX moderno — Robert e Sonia Delaunay, Fougita, Klee e Picasso; o segundo, constituído pelos restantes nomes, ligados, sobretudo, pela comum designação de «Escola de Paris», que no último pós-guerra se voltaria decididamente para uma abstracção velha há de trinta anos.

Coerentes, estes grupos? Vejamo-lo!

MERCADO INTERNACIONAL

Pintores do século XX
à venda na Galeria Dinastia



Poliakoff: «Danças Russas», gouache, 1937, 42x30. Até um Poliakoff pode ser interessante!



Klee: «Jovem na véspera», óleo sobre tela, 1933, 54x40. Esta obra esteve na recente exposição organizada pela Fundação Gulbenkian. Lá, fazia sentido, aqui, não!



Picasso: «Mosqueteiro», óleo sobre papel, 1969, 27x21. Um nome para dar garantia de «modernidade».



Robert Delaunay: «Femme à la Pastigue», 1915, 91x90. Feito em Portugal, em Portugal se vende 58 anos depois.

Do primeiro, há que retirar Fougita, pintor mundano de gatos e mulheres nuas, que só se aproxima dos restantes nomes pela sua fixação em Paris, e também pelo êxito que lá teve, Robert Delaunay, Klee e Picasso são efectivamente três dos construtores do nosso século, e Sónia foi também, sobretudo, uma importante colaboradora e difusora da obra do seu marido.

Exclusivamente constituído por pintores da «Escola de Paris», o segundo grupo integra também três nomes que nela foram, por assim dizer, reabsorvidos: Camille Bryen, com origens próximas de DADA e do surrealismo, mas que se empenha desde há muitos anos numa «pintura-pintura», ligada ao que pode chamar-se a abstracção de «Tradição Francesa»; o chileno Roberto Malta, ligado directamente ao surrealismo e aos seus empenhos romântico-revolucionários, que nunca renegou; o holandês Karel Appel, inicialmente ligado ao grupo Cobra — pin-

tores que o comércio de arte fixou a Paris. Os restantes são todos pintores perfeitamente parisienses, que poderíamos dividir nos numerosos grupos e subgrupos em que a crítica, parisiense também, os ia classificando: abstracção lírica, paisagismo abstracto (o tal da tradição francesa), informalismo, nuagismo, eu sei lá!

Um denominador comum nos aparece agora para toda a exposição: Paris, isto se excluímos Paul Klee, afinal o único pintor não parisiense dos dezasseis aqui apresentados. Paris, essa cidade das decisivas rupturas, mas também das lentas continuidades, mas também dos múltiplos e disfarçados conservadorismos, que tão bem se traduzem em sete dos oito Poliakoffs expostos, pintura regressada quase a uma imagem de marca, a rondar o grau zero da imaginação, e que (por coincidência?) é a mais representada nesta «exposição».

Tratar-se-á de um panorama? Não! De uma amostragem? Ainda menos! Então, e finalmente, de que se trata nesta exposição? Como se fabricou ela?

Em primeiro lugar de como a Gulbenkian fez publicidade sem querer, mostrando ao público de Lisboa os Delaunay, Arpad, Vieira da Silva, Paul Klee, e temos dez dos trinta e seis quadros. Juntamos-lhe o nome mais importante e mais

conhecido da pintura do século XX, Picasso, e faz doze. Com as sobras do que cá temos de do Poliakoff e do Miotte são mais dez, logo, faz vinte e dois. Fazemos agora um pouco de prospecção, não importa que os nomes sejam de segundo ou terceiro plano, a ver o que é que pega, e assim enchemos duas salas com uma exposição.

Uma exposição? Será verdade? A abrir um plano de actividades culturais? Do futuro da galeria não nos com-

pete falar, mas por trás da pompa das palavras, por trás da reportagem da TV que cobriu uma abertura, o que está? A arte internacional posta ao alcance dos portugueses, dos jovens, etc.? Não, apenas uma mostra e uma série de objectos prestígio a vender, uma feira de quadros, o que é perfeitamente legal e não ofende ninguém, mas é inútil falar aqui em cultura!

Não, não precisamos de exposições destas!

Dr.ª D. Cândida da Luz Santos Baptista

Faleceu a sr.ª D. Cândida da Luz Santos Baptista de 44 anos médica do Hospital D. Estefânia natural de Donas (Fundão) casada com o sr. Capitão da Marinha Mercante António Manuel Papão Chinita. O funeral a cargo da Agência Barata realiza-se em dia e hora a determinar da Basílica da Estrela para o cemitério da Ajuda.



Bryen: óleo sobre tela (1967) 65x54. De Dada à tradição francesa!

→
**Lisboa
Porto**
←

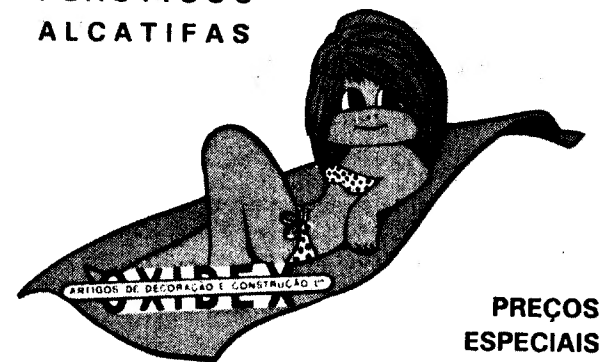
**7 COMBOIOS
DIÁRIOS
EM CADA
SENTIDO**

VIAJE DE COMBOIO!

CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

REVESTIMENTOS

PLÁSTICOS
ALCATIFAS



PREÇOS
ESPECIAIS
PARA A GRANDE OBRA

OS MAIS MODERNOS

PAPÉIS LAVÁVEIS PARA PAREDE

1.500 PADRÕES

EXPOSIÇÃO E VENDA

AV. JOÃO CRISÓSTOMO, 10-B—Tel. 532383

Electrodomésticos—Ménage

Enceradeiras cromadas	Frigoríficos	1.899\$60
3 escovas	Rádios	100\$00
Lava loiças	Torradeiras eléctricas	162\$40
Panelas Pressão	Secadores de Cabelo	100\$80
Televisores 61 cm.	Cassettes 60	26\$90
2 canais electrónicos	Fogões a gás c/ forno	800\$00
Ferros automáticos	Fritadeiras eléctricas	714\$00

RUA FRANCISCO METRASS, 28-A — LISBOA

Folhetim-artístico

de José-Augusto França

O ANO QUE ACABOU

Passou um ano e embora eu tenha (por inadvertência) ouvido dizer na telefonia que a Arte está indissolúvelmente ligada à Natureza, pulsando por ela as suas actividades em temporadas que são estações, não deixa de existir o hábito jornalístico de fazer balanços de fim de ano civil; porque não, então, e também, o das Artes Plásticas?... Que aliás continuam a ser chamadas de de «Belas» entre nós (ou entre vós) — sendo este um dos passivos do balanço anual, que vai transitando, como capital cultural que é, de ano para ano, desde o século XVI até ao XX, quando o houver...

No passivo também, e por causa de serem chamadas Belas as ditadas Artes — o não ter havido reforma delas, no plano do ensino quer da Escola, quer do Primário, quer do Secundário, quer do Universitário, que todos eles juntos é que terá um dia de ser. Mais sorte tiveram as artes dos espectáculos que vão acertando bitolas e tempos no Conservatório. Têm mais sorte os Caetanos que os Franciscanos, nesta referência conventual que as Artes continuam a ter em Portugal — aliás desde o tempo do liberalismo...

No passivo também e ainda, o não ter havido a esperada **exposição do Almada**. Já passou o sessentário da sua estreia artística (em 1911) e o quinquentenário da saída do «Invenção do Dia Claro» (em 1921), o quarentenário do seu regresso de Madrid (em 1932) e o vintenário da sua última exposição individual (em 1952, na Galeria de Março), vai passar em 1973 o sessentário da sua primeira exposição pessoal — em 1993 passará o centenário do seu nascimento...

No passivo, finalmente, o fim do «Prémio Soquil», que durou cinco anos e foi o mais responsável dos prémios de arte regularmente atribuídos em Portugal, distinguindo uma nova geração de artistas e «fazendo história» da única maneira que ela pode ser feita, em opção de actualidade. As transformações do mercado tornaram desnecessário aos artistas o prémio — que ficou como um índice e, mesmo, um exemplo

cultural.

Demos por terminados o «passivo»; mudemos para a coluna do «activo» — e logo para a referência à grande exposição de **Joaquim Rodrigo** na S.N.B.A. Foi esse o acontecimento nacional do ano — fazendo ver, em corpo inteiro, pela primeira vez, este homem de 60 anos que é o mais original dos pintores portugueses depois de Amadeo e do Almada da fase final.

...E antes de **Noronha da Costa** que, a trinta e tantos anos de diferença de idade, vem propondo outra pintura original, inventada por dentro, num tempo entendido para além-fronteiras, com a surda raiva melancólica que as próprias imprimem ao seu. Expondo também no salão da S.N.B.A., Noronha esteve à altura das necessidades e da explicação espacial da sua arte. Só o prejudicou, como espectáculo, a frequência das suas

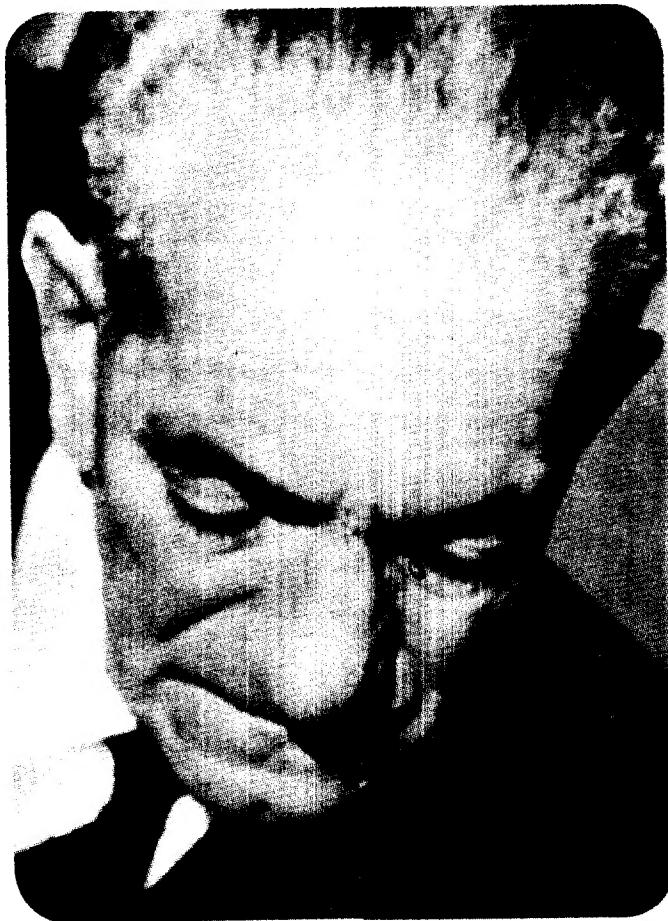
exposições, estímulos num meio cuja curiosidade, muito superficial, se vai embotando; daí o pouco sucesso que teve, em relação à importância fundamental que na realidade lhe coube.

Um outro «novo», que fez a melhor exposição individual do ano: **Fernando Calhau**, na Galeria Judith Dacruz, com o seu sentido rigoroso de envolvimento subtilmente agenciado numa admirável sensibilidade (mono) cromática.

De trás veio **Hein Semke**, já ao fim do ano, na Fundação Gulbenkian; e nessa exposição altamente interessante se viu o retrato maior de um artista complexo, erótico e místico ao mesmo tempo, na grandeza da sua ingenuidade. De um artista com quarenta anos de obra que agiu originalmente no quadro da arte portuguesa em que historicamente se insere, sem perder a força de raízes estranhas dum expressionismo que

A retrospectiva de **Emmerico Nunes** (na S.E.I.T.) deu-nos o pequeno retrato merecido por um artista menor, da promoção de 1911-12, e que, agora conhecido, agora se pode arrumar historicamente.

Duas exposições co-



Almada: vintenário, quarentenário, quinquentenário, sessentário, centenário...

lectivas — uma, de responsabilidade da crítica activa da A.I.C.A. na S.N.B.A., outra estreando uma fórmula nova em Portugal e de boa vontade exemplar: a **1.ª Bienal de Artistas Novos**, da Fundação Cupertino de Miranda, em Vila Nova de Famalicão, que mostrou algumas boas coisas, pouco «novas» no seu conjunto, por razões que já por aqui analisei. A **Expo A.I.C.A.M.** teve o interesse de responsabilizar a crítica em suas opções e de assumir, pela primeira vez entre nós, proposições temáticas, o que pode constituir exemplo a seguir.

De fora, vieram três

exposições notáveis: a dos **Delaunays em Portugal** (F.C.G.), que permitiu estudar um momento importante, embora não axial, do modernismo nacional — e pena foi que um simpósio internacional, com dois ou três especialistas do «orfismo», não tivesse sido organizado para esclarecer um ponto capital da história da arte dos anos 15-20. A favor da exposição, conta, porém, o livro da correspondência e e c e b i d a pelos Delaunays dos seus amigos portugueses — iniciativa (como da exposição) em hora exemplar tomada por Paulo Ferreira. Outra exposição importante, de tipo informa-

tivo, foi a do **Daísmo**, também na Fundação Gulbenkian e por iniciativa do Instituto Alemão. A terceira, meia de fora meia de dentro, foi a que o Museu de Etonologia do Ultramar organizou na Galeria Nacional de Belém, mostrando uma admirável selecção de **obras de arte negra**, primeira manifestação com promessa bem-vinda de outras — que poderão adoptar pontos de vista mais estéticos do que etnológicos, como agora mesmo se fez em Paris, numa surpreendente exposição na Orangerie.

Em matéria de cultura oral e escrita — as conferências de **Jorge Romero-Brest** na F.C.G., com menos êxito em Lisboa do que no Porto (infelizmente para a capital do Sul); o **colóquio do Comité Internacional d'Histoire de l'Art**, também na F.C.G. — que permitiu colocar internacionais problemas básicos do urbanismo português, de Lisboa e do Porto, no século XVIII, e trazer a Lisboa alguns dos maiores nomes da historiografia da arte: e um livro (estrangeiro, à míngua da nacionais) — **«Portuguese Pain Architecture»**, do professor americano George Kubler, que inova brilhantemente na problemática da história da nossa arquitectura «chã» ou «desataviada», de Seiscentos.

Este o «activo» do balanço — e, equilibrando-se entre «passivo» e «activo», sem saber para que lado cair, o mercado português, Lisboa e do Porto, com as suas quase 365 galerias subindo preços, num jogo de bolsa de pategos que terá, como é de prever, o seu krakzinho, mais dia, menos dia, se os compradores não souberem distinguir qualidades...

...De qualquer modo, depois de exposições inesperadas de Sonia Delaunay, Poliakoff (duas), Jean Miotte e de conjuntos «école de Paris», não acabou o ano de 1972 sem Lisboa ver expostos à venda, ao lado do seu primeiro Klee, os seus primeiros Picassos a óleo!

DL/ SUPLEMENTO

LITERÁRIO



Sónia Delaunay



Robert Delaunay